UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Anacirema da Silva Porciuncula

IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS NO “ASILO DE POBRES” DO RIO GRANDE: RELAÇÕES SÓCIOAFETIVAS E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

RIO GRANDE/RS

2011

Anacirema da Silva Porciuncula

IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS NO “ASILO DE POBRES” DO RIO GRANDE: RELAÇÕES SÓCIOAFETIVAS E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Rio Grande - FURG - Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental, sob orientação da Prof.ª Dr.ª Ivalina Porto.

RIO GRANDE/RS

2011

ANACIREMA DA SILVA PORCIUNCULA

IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS NO "ASILO DE POBRES" DO RIO GRANDE: RELAÇÕES SÓCIOAFETIVAS E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Dissertação defendida por Anacirema da Silva Porciuncula e aprovada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental.

_____

Dra. Ivalina Porto (Orientadora)

(Universidade Federal do Rio Grande – FURG)

_____

Dra. Mariângela da Rosa Afonso

(Universidade Federal do Rio Grande – UFPEL)

_____

Dr. Francisco Quintanilha Veras Neto

(Universidade Federal do Rio Grande – FURG)

Rio Grande, 30 de março de 2011.

Dedico esta dissertação a **Deus** e a tudo o que ele representa.

AGRADECIMENTOS

E chega o momento de agradecer...

Agradeço a Deus e aos amigos espirituais que me iluminaram no caminho desta conquista, que sempre foi um sonho, mas que finalmente realizei.

Aos meus pais Joaquim Edi Porciuncula (in memoriam) e Rosa Maria da Silva Porciuncula que me deram a vida e sempre estiveram comigo em todas as caminhadas que percorri em busca do conhecimento.

Ao meu marido Leopoldo Rota de Oliveira por todo o amor, apoio e incentivo, sem os quais nada disso seria possível.

Ao meu filho Pedro Porciuncula de Oliveira que me ensina a amar incondicionalmente todos os dias.

A minha orientadora Profª. Draª. Ivalina Porto, pela amizade, carinho e dedicação durante todos os trabalhos acadêmicos que já fizemos juntas, principalmente esta dissertação. Obrigada por ser meu exemplo de educadora.

Ao Sr. Oswaldo Alves Contreira por sua disponibilidade e apoio que foram fundamentais para a concretização desta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Francisco Quintanilha e a Profª. Drª. Mariângela Afonso, na banca de qualificação e na banca de sustentação, que muito contribuíram de maneira única e especial para o aprimoramento deste estudo.

Aos professores, mestres e doutores, colaboradores em potencial para o alcance dos meus objetivos.

Aos colegas da Pós-Graduação, pelo convívio e amizade.

Aos idosos que aceitaram a participar desta pesquisa, sendo seu consentimento imprescindível para a realização deste trabalho. Obrigada pela troca de histórias e experiências.

A VELHICE

Olha estas velhas árvores, mais belas
Do que as árvores moças, mais amigas,
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera e o inseto, à sombra delas
Vivem, livres da fome e de fadigas:
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E os amores das aves tagarelas.

Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo. Envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem,

Na glória de alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!

Olavo Bilac

RESUMO

A presente pesquisa propõe um estudo acerca das relações sócioafetivas dos idosos institucionalizados no Asilo de Pobres do Rio Grande, com enfoque na educação ambiental, convidando à reflexão sobre os problemas sócioambientais dessa população, na busca pela superação dos mesmos. O objetivo principal desta pesquisa é analisar se relações sociais e afetivas de idosos asilados permite um desenvolvimento qualitativo na velhice. A pesquisa é de cunho qualitativo, na linha de pesquisa da Educação Ambiental não formal. Teve como base a Inserção Ecológica, metodologia que requer a imersão do pesquisador no ambiente investigado e está referendada na teoria bioecológica de desenvolvimento humano. Os participantes foram escolhidos por conveniência para atender aos objetivos da pesquisa. Efetuou-se uma consistente revisão bibliográfica na busca de maiores conhecimentos sobre o tema, utilizando como instrumentos para coleta de dados, entrevistas semi-estruturadas, diário de campo, que levantou dados sobre os entrevistados. A metodologia utilizada foi a História de Vida que permitiu estabelecer uma relação mais próxima com a população pesquisada e assim responder aos objetivos propostos. Concluí que para a melhoria na qualidade de vida desses idosos, a criação de espaços educativos dentro da instituição permitiria recuperar a visão integral do ser humano, não só limitando-se aos cuidados básicos de saúde e higiene, mas também favorecer qualidade nas suas interações sociais e afetivas. O tema escolhido para esta pesquisa é considerado relevante cientificamente, devido ao aumento da expectativa de vida da população idosa e consequentemente, seus impactos ambientais. As relações sociais e afetivas que os idosos asilados vivenciam, apresentam-se nesta pesquisa como uma possibilidade de rever o olhar estigmatizado que a sociedade tem sobre o idoso institucionalizado e consequentemente reverter o olhar que esse mesmo idoso sente por si, tornando mais humanas essas relações.

Palavras-Chave: Idoso – Educação Ambiental – Asilo

ABSTRACT

The present research proposes a study concerning the socio-affective relations of the elderly institutionalized in the poor asylum of Rio Grande, focused in the environmental education, inviting to a reflection about social and environmental problems of this population, in search of their overcoming. The main goal of this study is to analyse if social and affective relationships of sheltered elderly people permit a qualitative development in the old age. This is a qualitative study, in the research line of non-formal Environmental Education. This study was based on the Ecological Insertion, methodology that requires the immersion of the researcher in the investigated environment and is proposed by the bioecological systems theory. The participants were chosen by convenience in order to reach the research goals. A consistent bibliographical review was done to pursuit better knowledge about the theme, using as instruments for data collection, semi-structured interviews, field diary, that gathered data about the interviewees. The methodology used was the life history which allowed to be established a closer relationship with the researched population in order to reach the proposed goals. It was concluded that to improve the quality of life of these elderly people, the creation of educative spaces inside the institution would permit to recover the holistic approach of the human being, not only confined to basic procedures of health and personal care, but also favor quality in their social and affective interactions. The chosen theme for this research is considered scientifically relevant, due to the increase in the elderly population life expectancy and consequently, its environmental impacts. The social and affective relationships that the elderly people live, are shown in this research as a possibility of review the stigmatized look that the society has about the institutionalized elderly and consequently revert the look that this elderly feels about himself, turning these relationships more human.

Keywords: Elderly - Environmental Education - Asylum

LISTA DE QUADROS

QUADRO Nº 1 – Análise da entrevista narrativa – Idosa: Vera Maria 54

QUADRO Nº 2 – Análise da entrevista narrativa – Idosa: Carolina 77

QUADRO Nº 3 - Análise da entrevista narrativa – Idosa: Eugênia 98

QUADRO Nº 4 – Análise da entrevista narrativa – Idosa: Lúcia Helena 113

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

1 ESTUDO PRINCIPAL 15

1.1 Justificativa 15

1.2 Definição de Termos 17

1.3 Objetivos 18

1.3.1 Geral 18

1.3.2 Específicos 18

2 REFERENCIAL TEÓRICO 19

2.1 Histórico Sócio-Cultural do Asilo de Pobres 19

2.1.1 Imagens e Autoimagens dos idosos 23

2.2 Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano 26

2.3 Principais conceitos relacionados 31

2.3.1 Idoso.....31

2.3.2 Velhice 33

2.3.3 Envelhecimento 36

2.4 Educação Ambiental e as articulações com os idosos.....38

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO 43

3.1 Questão de Pesquisa 43

3.2 Metodologia 43

3.2.1 Participantes 43

3.2.2 História de Vida 44

3.2.3 Instrumentos 47

3.2.4 Coleta de Dados 50

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS 52

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 139

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 142

ANEXOS 147

Anexo A – Termo de consentimento.....148

Anexo B – Diário de Campo durante as entrevistas 149

Anexo C – Fotografias do Asilo 158

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como tema a educação ambiental e as relações sócioafetivas de idosos residentes no Asilo de Pobres do Rio Grande e tenta expor a importância de conhecer a trajetória de vida de cada idoso para melhor compreender suas relações sociais e afetivas na velhice. Independente do contexto onde vivam, a escuta e o olhar sensível as suas narrativas, oportunizam o entendimento de suas ações, de suas fragilidades e necessidades.

Nota-se que a queda no número de nascimentos e o aumento da expectativa de vida estão exigindo da sociedade uma maior atenção. O envelhecimento demográfico traz consequências em todos os aspectos, sejam eles sociais, econômicos e políticos. Essas mudanças decorrentes do prolongamento da vida necessitam de reestruturações nos padrões vigentes societários para que os idosos consigam ser atendidos em suas necessidades e não ignorados pela sociedade.

No Brasil, segundo dados do IBGE, em 2008, para cada grupo de 100 crianças de 0 a 14 anos existem 24,7 idosos de 65 anos ou mais. Em 2050, o quadro muda e para cada 100 crianças de 0 a 14 anos existirão 172,7 idosos. Os avanços da medicina e as melhorias nas condições gerais de vida da população repercutem no sentido de elevar a expectativa de vida. Segundo a projeção do IBGE, o país continuará galgando anos na vida média de sua população, alcançando em 2050 o patamar de 81,29 anos, basicamente o mesmo nível atual da Islândia (81,80), Hong Kong, China (82,20) e Japão (82,60).

O país caminha velozmente rumo a um perfil demográfico cada vez mais envelhecido. Os resultados apresentados permitem constatar que o envelhecimento populacional merece importância sim e que as questões ambientais devem ser discutidas e inseridas entre a convivência dos seres, visando um equilíbrio ecológico.

Diante de tal conjuntura, a educação ambiental vem sendo uma alternativa para as grandes transformações necessárias entre a humanidade, natureza e entre os homens. Tendo consciência e buscando conhecimento, ocorrerão mudanças no sistema e consequentemente condições melhores de vida para todos. Loureiro refere-se à educação ambiental quando escreve:

> A Educação Ambiental promove a conscientização e esta se dá na relação entre o “eu” e o “outro”, pela prática social reflexiva e fundamentada teoricamente. A ação conscientizadora é mútua, envolve capacidade crítica,

> diálogo, a assimilação de diferentes saberes, e a transformação ativa da realidade e das condições de vida. (2004, p. 29)

A explosão demográfica humana exerce forte importância na transformação e destruição do meio ambiente. Esse aumento exponencial gera maior consumo e, portanto, maior necessidade de extração de recursos naturais, intensificando a dilapidação dos recursos advindos da natureza. O envelhecimento da população, a queda da natalidade e da mortalidade infantil são espetaculares conquistas, mas com sérios impactos ambientais.

O aumento da expectativa de vida é decorrente de mudanças no contexto ambiental e nos propõe uma nova ecologia humana. Acredita-se que as pessoas, mesmo em idade avançada, podem e devem posicionar-se na sua comunidade e no mundo, mas para que isso seja possível é necessário primeiramente o respeito e o espaço para suas produções e criações.

Nesse sentido, a educação ambiental para Velasco "consiste num mútuo conscientizar-se, feito de reflexão e ação, visando à construção dessa ordem sócio-ambiental sustentável de reconciliação planetária." (2008, p. 21). Define a educação ambiental como sendo a educação problematizadora (no sentido de Paulo Freire) fundamentada na ética argumentativa e orientada rumo ao ecomunitarismo.

Para os multiplicadores ambientais, que são todos aqueles que se preocupam com o meio ambiente e nele agem construtivamente e coletivamente para sua sustentabilidade, ficam a reflexão e a ação a desenvolver valores, conhecimentos, habilidades e comportamentos para uma nova ordem sócioambiental.

A conexão entre educação ambiental e idoso se dá através do propósito de estabelecer uma sociedade mais justa para todos, ética nas relações políticas, econômicas e sociais, harmonia entre homem e natureza e a responsabilidade de todos com tudo que faz parte do planeta e inclusive uns com os outros. Essa articulação pelo viés ambiental enriquece e muito os estudos focados na terceira idade, contribuindo com uma visão mais holística e sistêmica acerca do tema.

Perante tal temática este trabalho emergiu de um estudo através da história de vida de quatro idosos asilados, com o propósito de responder algumas inquietações, tendo como objetivo geral, saber se as relações sócioafetivas de idosos institucionalizados no Asilo de Pobres do Rio Grande proporcionam um desenvolvimento social e afetivo qualitativo. Além disso, intuindo enriquecer os estudos já feitos e oportunizando assim, novos conhecimentos.

Foram pautados ao objetivo geral, os específicos: 1) identificar se o fato dos idosos residirem no asilo proporciona ou não a aquisição de novas aprendizagens; 2) verificar até onde os idosos institucionalizados estão interagindo com a sociedade; 3) observar como se dá a construção de suas imagens e autoimagens e suas percepções de mundo.

As respostas alcançadas na realização desta pesquisa sugerem um novo olhar sobre os idosos, principalmente aqueles que se encontram asilados, muitas vezes, distantes da família e excluídos da sociedade. Diante das análises realizadas, pode-se notar que das quatro idosas entrevistas, apenas duas vislumbram um mundo fora da instituição, mesmo com limitações, conseguem conviver com familiares e diversificar os ambientes construtores de seus desenvolvimentos. Enquanto que as outras duas idosas passam os dias permanentemente dentro da instituição, com pouco contato familiar e sem a oportunidade de estabelecer interações em outros contextos.

Através das observações realizadas e dos dados coletados, foi possível concluir que são necessárias reformas para melhor atender esta população residente no asilo. Oferecendo atividades que preencham seus dias, que valorizem seus potenciais e melhorem suas imagens e autoimagens. Sejam atividades que proponham à alfabetização, onde muitos não tiveram condições de estudar; atividades manuais que melhoram a coordenação motora, a memória e outros tantos recursos existentes que possam auxiliar na qualidade de seus desenvolvimentos, pois se encontram ainda num tempo de aprendizagens.

A importância da pesquisa realizada faz o convite à reflexão diante destas vivências tão singulares e ao mesmo tempo tão comuns em nosso cotidiano. As instituições para idosos devem comprometer-se em viabilizar relações constitutivas do ser humano: relações consigo mesmo, com os outros e com o ambiente. Como educadores ambientais, aumentamos consideravelmente nossa responsabilidade perante a tudo e a todos que nos rodeiam, fazendo-nos instrumentos de transformações em busca de uma sociedade mais humana.

1 ESTUDO PRINCIPAL

1.1 Justificativa

Nasci e cresci na cidade do Rio Grande/RS, num ambiente simples junto aos meus pais, mas de valores éticos e morais. Minha família me oportunizou todos os exemplos possíveis de reflexão sobre humildade, honestidade e sinceridade, sentimentos esses que fazem parte de mim. Considero cada vez mais importante os laços familiares como alicerce fundamental na construção do caráter do indivíduo, assim como, todo o ambiente por onde permeiam suas relações. A influência da minha família e o que me ensinaram desde criança permanece comigo e foram de grande importância na minha formação pessoal.

Estudei em escolas públicas e privadas durante o ensino fundamental e médio, sempre com bom aproveitamento. Quando chegou o momento de ingressar em um curso superior, não tinha dúvidas, queria um curso que me preparasse para compreender melhor as pessoas e tentar ajudá-las. O curso que mais se aproximava do meu objetivo era Psicologia, não sendo possível cursá-lo diante a inexistência do curso na época na FURG e a falta de recursos financeiros para custear meus estudos em outro lugar. Então, decidi através de um teste vocacional a ingressar no curso de Pedagogia, no qual me sinto realizada totalmente pela escolha do referido curso.

A minha trajetória acadêmica iniciou-se no ano de 1999, após aprovação no processo seletivo da FURG, no curso de Pedagogia Habilitação Ensino Médio. Tão logo à conclusão do referido curso, ingressei em Pedagogia Anos Iniciais, objetivando dessa forma a complementação dos meus conhecimentos em outra habilitação, com conclusão no segundo semestre de 2007. No ano de 2005, concluí a Especialização em Educação Brasileira, pela mesma universidade, com o trabalho monográfico intitulado: Asilo de Pobres: uma intervenção interdisciplinar. Em 2008 finalizei a Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Portal Faculdades com sede em Passo Fundo/RS, continuando com o mesmo interesse ao tema sobre os idosos, através da monografia intitulada: Aprendizagem na Terceira Idade.

O espaço universitário tem me oportunizado uma visão mais crítica, reflexiva e desveladora da realidade, reforçando um compromisso ainda maior do meu pensar e agir,

enquanto educadora em formação que sou. Busco individualmente e coletivamente, mecanismos que minimizem as contradições diante às multiplicidades sociais, na construção por uma sociedade ecologicamente mais prudente, democrática e humanizada.

O contato que tive como pós-graduanda junto ao Asilo de Pobres da Cidade do Rio Grande nos anos de 2004 e 2008, tornou-se um grande desafio pessoal e profissional. Durante as visitações realizadas na instituição, percebi a grande apatia e a indiferença que a maioria dos idosos sentia pela vida, o que acabou me motivando a pesquisar mais sobre a população residente na referida instituição.

Ao analisar a falta de perspectivas dos idosos na instituição pesquisada (Porciuncula, 2004) e observar a real situação dos mesmos no cenário nacional e até mesmo mundial, nota-se a falta de preparo da sociedade e da família em lidar com este novo momento da vida. É preciso pensar que os idosos são sinônimos de vivência, aprendizado e que embora sem perspectivas, sentindo-se e fazendo-se isolados, estes idosos tem muito a oferecer para a sociedade. Tendo seu tempo e suas memórias mais utilizadas e valorizadas, pode-se tentar reverter este quadro de desvalorização do ser humano na velhice.

A experiência com os idosos mostrou que a relação da subjetividade com a exterioridade de cada indivíduo, suas transformações sociais, políticas e culturais, devem ser discutidas e aprofundadas pelos multiplicadores ambientais. O meio ambiente nos coloca desafios políticos, exatamente porque nos é comum, assim como deve ser comum, a busca de novos valores e novas posturas para as nossas práticas sociais.

O aumento da proporção dos mais velhos nos obriga a sermos mais solidários nas relações societárias, buscando assim uma educação ambiental transformadora. Segundo Loureiro (2004), a educação é um dos meios humanos que garantem aos sujeitos, condições de atuar na história modificando-a e sendo modificado no processo de busca de construção de alternativas para viver em sociedade.

Diante a todas estas questões sobre educação, vi no Mestrado em Educação Ambiental, no campo não formal, a possibilidade de desenvolver um estudo interligado aos espaços ambientais, comprometido com a qualidade de vida da população idosa e com o meio ao qual está inserida. Buscando alcançar assim, a promoção da educação ambiental na terceira idade, num contínuo processo de inclusão e de construção da sua cidadania. Busquei responder através deste trabalho de pesquisa, se as relações sócioafetivas de idosos

institucionalizados oportunizam novas aprendizagens, sonhos e devaneios, memórias e lembranças, sem os estigmas que a velhice produz.

Para desenvolver o presente estudo fiz uso do modelo Teórico Bioecológico do Desenvolvimento Humano (TBDH) de Urie Bronfenbrenner, que apresenta a proposta de estudar com detalhes as características biopsicológicas da pessoa em desenvolvimento. Narvaz & Koller abordam sobre a proposta de Bronfenbrenner (1996) quando escrevem:

> A proposta bioecológica de investigação, através da observação naturalística, privilegia a inserção ecológica dos pesquisadores no ambiente a ser estudado, rompendo com a clássica separação entre sujeito e objeto de investigação, característica das tradições positivistas. A proposta metodológica rejeita o modelo de déficit na abordagem do contexto humano em favor de uma pesquisa e uma ciência que resgatem as capacidades e as competências das pessoas em desenvolvimento. Posiciona-se a favor de uma política e de uma prática comprometida com experimentos transformadores, defendendo as conexões entre a ciência e a política pública [...] (2004, p. 61)

Apresenta-se brevemente, as definições de termos contidos no título desta dissertação, com intuito de clarificar o entendimento da pesquisa.

1.2 Definição de Termos

- **Educação Ambiental**: A conceitualização de educação ambiental para esta pesquisa está embasada no fato que educação ambiental, antes de tudo, é educação. Educação que se realiza através do diálogo com nós mesmos e com todos os seres vivos existentes no mundo. A educação ambiental aqui relacionada promove a consciência da ação consciente dos sujeitos, o respeito às diversidades, a solidariedade, a igualdade aos direitos humanos, a democracia, a ética em todas as relações e a emancipação dos sujeitos.

- **Relações Sócioafetivas**: Entende-se por relações sócioafetivas para o desenvolvimento deste estudo, que são todas as interações ocorrentes entre o sujeito e o meio ambiente social e afetivo que o rodeia. Os vínculos sócioafetivos para análise nesta pesquisa são os mais próximos que o ser humano vivencia e determinam seu bem estar e a sua valorização.

- **Idosos institucionalizados**: Para fim desta pesquisa, os idosos institucionalizados são homens e mulheres acima de 60 anos, na sua grande maioria, que residem numa instituição que ampara idosos que por vários motivos encontram-se dependentes de cuidadores para sobreviverem.

1.3 Objetivos

1.3.1 Geral

- Investigar as relações sócioafetivas de idosos institucionalizados no Asilo de Pobres do Rio Grande, buscando expor a importância de conhecer a trajetória de vida de cada idoso para melhor compreender suas relações sociais e afetivas na velhice.

1.3.2 Específicos

- Identificar se o fato dos idosos residirem no asilo proporciona ou não a aquisição de novas aprendizagens;
- Verificar até onde os idosos institucionalizados estão interagindo com a sociedade;
- Observar como se dá a construção de suas imagens e autoimagens e suas percepções de mundo;

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta pesquisa está embasado no modelo teórico-metodológico de Bronfenbrenner (Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano – TBDH), nos autores de Educação Ambiental brasileiros, na legislação vigente e interdisciplinarmente é acrescido de outros autores, como Ecléa Bosi (Memórias), Guite Zimerman (aspectos biopsicossociais), Anita Liberalesso Néri (psicologia do envelhecimento e gerontologia) e outros teóricos que através de suas obras acrescentam as reflexões acerca do tema.

Apresentam-se sinteticamente a seguir os capítulos que deram suporte ao trabalho desenvolvido.

2.1 Histórico Sócio-Cultural do Asilo de Pobres

O Asilo de Pobres, fundado na cidade do Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul, em 27 de dezembro de 1885, por Antônio da Costa Corrêa Leite, Carlos Guilherme Rheingantz e Arnaldo José Pereira, sob a denominação de “ASYLO DE MENDIGOS”, situado à rua 24 de maio, nº 571, bairro centro, é uma instituição civil privada, de caráter beneficente, filantrópico, destinada a proteger a velhice e a invalidez desamparada.

O Asilo de Pobres tem por finalidade contribuir tanto quanto possível para evitar a mendicidade pública, abrigando e sustentando, na medida dos seus recursos, pessoas de ambos os sexos, reconhecidos como indigentes e desamparados que, por velhice ou incapacidade física, se encontrem impossibilitados de trabalhar, através dos recursos legados e donativos destinados a abrigar aqueles que eventualmente se encontrem sem amparo.

O Asilo de Pobres é administrado por uma diretoria composta de: Presidente, Vice-Presidente, Secretário, Secretário Adjunto, Tesoureiro, Tesoureiro Adjunto, Administrador, Administrador Adjunto, Procurador, Procurador Adjunto, todos eleitos em Assembléia Geral Ordinária pelos sócios eleitores.

No mês de junho de 2010, foi confirmada a residência no asilo de quarenta e três

asilados e vinte e um pensionistas. A faixa etária deles, segundo a administração, variam entre 60 a 95 anos.

Segundo a administração do asilo (Porciuncula, 2004) são vários os motivos que levam os idosos a procurarem o asilo para morar, em alguns casos, a família não tem recursos financeiros e nem disponibilidade para assistência necessária a eles, em outros, infelizmente não existe interesse da família pelo bem estar dos idosos. Há casos também, embora raros, em que o idoso por se considerar um estorvo no ambiente familiar, procura então o asilo, como uma opção de isentar a responsabilidade da família sobre eles.

Nesse caso, sabe-se das contradições existentes entre família e a rotina de conviver com um idoso. Born faz um comentário sobre isso quando escreve:

> Evidentemente, a internação deve ser a última alternativa, tanto por considerações de ordem econômica, como de ordem humana, depois que todas as outras foram pensadas e esgotadas. Feliz o idoso que pode permanecer até o fim dos seus dias na sua própria casa, cercado por familiares que aliam amor e competência técnica para cuidarem dele, dispondo de espaço habitacional e dinheiro para prover suas necessidades. (2002, p. 403)

Diante dessa problemática as instituições que abrigam os idosos passam a ser uma breve solução e muitas vezes até definitiva. Pois, a maioria dos idosos que chegam ao asilo, acabam permanecendo por tempo indeterminado e quando saem, é geralmente por motivo de óbito. São poucos os casos em que a família resgata o idoso levando-o de volta para o lar. Este é o desejo de muitos, voltarem para casa, conviver com os parentes, pois dessa forma sentem-se protegidos e amados. Bermudes aborda os obstáculos da nova idade quando escreve:

> O envelhecimento não é sinônimo de adoecer, sabiamente Aristóteles, citado por Nahas (2006), afirmou que a velhice não deveria ser entendida como doença, pois não é algo contrário à natureza. Para este estudioso o envelhecimento humano é definido como um processo gradual, universal e irreversível, que acelera na maturidade e que provoca uma perda funcional progressiva no organismo...[...] (2009, p. 92)

Nessa instituição, acontecem também uniões matrimoniais, onde o casal decide sair do asilo para recomeçar suas vidas em outro lugar, mais privativo. Nesse momento, há um

resgate da autoestima, esse vínculo afetivo acaba por despertar novos objetivos e a valorização pela vida novamente.

Observa-se a importância das inter-relações sócioafetivas, da reciprocidade de sentimentos, das demonstrações de carinho que são visíveis com a convivência diária, aumentando assim, a disposição de viver e conviver, não só através do matrimônio, mas também com amigos e familiares interagindo dentro do asilo de maneira positiva.

É imprescindível a tolerância de estruturas familiares sólidas, favorecendo um comportamento mais seguro e laços afetivos que minimizem as perdas e as rupturas tão expressivas na terceira idade. Born refere-se a este assunto quando escreve:

> [...] Portanto, é preciso fugir da tendência de transformar o idoso em vítima e a família em vilã, e procurar compreender a dinâmica da situação, avaliando as forças e as debilidades da família, a duração dos problemas e de que maneira as atuais necessidades do idoso estão afetando o relacionamento entre os membros da família. É interessante observar que certos padrões de relacionamento se repetem e que muitos filhos guardam antigas mágoas e ressentimentos, apesar de serem homens ou mulheres maduros e progenitores, idosos fragilizados ou demenciados. (2002, p. 407)

A instituição em estudo não é amparada pelo poder público. Seus recursos financeiros mantedores das atividades existentes parte são dos aluguéis de apartamentos mais sofisticados que uma pequena minoria consegue usufruir. Pois, é sabido que a maioria dos moradores da cidade do Rio Grande é de classe média-baixa e que possuem atualmente, uma renda em torno de R$ 510,00 ou um pouco mais. Enquanto que o aluguel desses apartamentos variam em torno de R$ 750,00 a R$ 1.200,00. Os apartamentos de um quarto individual sem banheiro privativo custam R$ 750,00; o que incluem o banheiro custam R$ 1.000,00 e um único apartamento disponível na instituição que dispõe de um quarto, banheiro e sala custa R$ 1.200,00 (valores levantados em 2010). Tornando essa disparidade privilégio de poucos, embora o cuidado com a alimentação e higiene seja da mesma qualidade.

Quanto à rotina alimentar está dividida em: café da manhã às 08hs, almoço às 11h15min com direito a sobremesa; café da tarde às 15hs e a janta por volta das 17h30min. A higiene também é verificada, ficando a vontade do idoso por refazê-la se achar assim necessário.

É notável que a locação dos apartamentos particulares, seja de extrema importância para a conservação do asilo, assim como a doação de materiais reciclados, associações e doações de algumas pessoas físicas e jurídicas que sensibilizadas doam roupas e alimentos.

Na opinião de um dos administradores da instituição, Sr. Renato Silva Penna em 2004, (Porciuncula, 2004) afirma que a maior carência do asilo ainda é financeira. Devido à constante necessidade de manutenção com prédio, empregados e atendimento ao bem estar dos idosos, as despesas mensais variavam entre R$ 35.000,00 a R$ 40.000,00. Em 2010, esses valores ficam em média de R$ 45.000,00 por mês.

Quanto à disposição de pessoal para atender a administração do asilo, no ano de 2010, conta com vinte e cinco funcionários e nenhum voluntário ou estagiário, por determinação da administração. Possui um médico, um enfermeiro, cinco técnicos em enfermagem, uma assistente social, uma nutricionista e um fisioterapeuta com capacidade técnica para exercer as funções que lhes são exigidas.

Embora a frequência de visitações da família no asilo sejam precária ou inexistente, os idosos apreciam a visitação pública, mantendo-se receptivos a qualquer manifestação de solidariedade.

Foi possível constatar (Porciuncula, 2008) que a maioria dos idosos estavam satisfeitos com o atendimento que recebiam dentro do asilo. Mas, cabe questionar até que ponto a comodidade, a falta de perspectivas levam os idosos a satisfazer-se com as condições de vida que lhes são oferecidas; ou realmente a instituição atende as reais necessidades deles.

Diante a estes questionamentos, sugere-se conhecer um pouco melhor a vivência dessas pessoas que são consideradas carentes, mas que possuem em excesso experiência, amor para dispensar e porque não sonhos a realizar. Provavelmente esperanças adormecidas entre as asperezas da vida, mas que podem sim, serem resgatadas, através da tolerância, da paciência e do amor dispensado a eles.

No próximo capítulo, trataremos das imagens que os idosos fazem de si e como a sociedade os vê atualmente. Questionamos aqui, quais as intervenções possíveis para desmistificar a imagem preconceituosa existente sobre os idosos na contemporaneidade.

2.1.1 Imagens e Autoimagens dos idosos

Num país subdesenvolvido como o Brasil, o retrato do idoso fica em torno de preconceitos, estereótipos, perdas sociais, carências afetivas, pensões e aposentadorias minguadas, onde não permite a essa população ter uma vida digna. O idoso padece com os atendimentos do Sistema Único de Saúde – SUS, além de ser considerado inútil e improdutivo. Essa infelizmente é a realidade de vida de uma grande maioria da população idosa brasileira. A este respeito, Bosi assim se refere:

> A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reprodutor. Se a posse, a propriedade, constitui segundo Sartre, uma defesa contra o outro, o velho de uma classe favorecida defende-se pela acumulação de bens. Suas propriedades o defendem da desvalorização de sua pessoa. O velho não participa da produção, não *faz* nada: deve ser tutelado como um menor. Quando as pessoas absorvem tais idéias da classe dominante, agem como loucas porque delineiam assim o *seu* próprio futuro. (2007, p. 77)

Ao Estado deveria interessar a boa qualidade do envelhecimento nas pessoas, porque ao contrário disso pode significar um ônus aos cofres públicos. O aumento da longevidade é cada vez maior, obrigando governos a reformar sistemas de previdência social e discutir novas políticas públicas. Aos jovens também é importante o envelhecer saudável dos seus velhos, de poderem usufruir do convívio enriquecedor de todas as experiências de vida que o idoso traz consigo. Com o aumento significativo do número de idosos, a população da terceira idade necessita de maior atenção da sociedade civil e política.

Segundo Bosi, muitos idosos introjetam em si a representação que a sociedade faz deles, quando absorvem a idéia de que perdendo a agilidade e eficácia devem dar lugar aos mais moços, e sobre isso escreve:

> Em nossa sociedade, os fracos não podem ter defeitos; portanto, os velhos não podem errar. Deles esperamos infinita tolerância, longanimidade, perdão, ou uma abnegação servil pela família. Momentos de cólera, de esquecimento, de fraqueza são duramente cobrados aos idosos e podem ser o início de seu banimento do grupo familiar. Uma variante desse comportamento: ouvimos pessoas que não sabem falar aos idosos senão com um tom protetor que mal disfarça a estranheza e a recusa. (2007, p.76)

Definir apenas etariamente quem é ou não idoso é desconsiderar a sua trajetória pessoal e suas mudanças biopsicossociais. Devemos considerar as características biopsíquicas, sociais e culturais na sua totalidade, as relações do homem com o tempo, com o mundo e com sua historicidade, para melhor compreendermos o processo de envelhecimento, que é particular a cada indivíduo. Classificar como idoso apenas por sua faixa etária, por sua dimensão física, é negar as interferências ambientais no processo evolutivo do homem. Zimerman concorda com essa afirmação quando coloca:

> [...] a maior parte das características do velho não são peculiaridades de uma faixa etária. Uma pessoa não passa a ter determinada personalidade porque envelheceu, ela simplesmente mantém ou acentua características que já possuía antes. Via de regra um velho chato ou deprimido é um jovem chato e deprimido que envelheceu, assim como um velho alegre e otimista é um jovem alegre e otimista que se encontra em outra etapa da vida. (2007, p. 19)

Durante o processo de entrevista com os idosos (Porciuncula, 2004 e 2008) no Asilo de Pobres, percebi a grande apatia e a indiferença que sentiam pela vida. Aqueles idosos que mostravam um comportamento mais acomodado, por seus relatos, foi possível observar que tiveram uma vida mais sofrida. Afirmaram que gostavam de residir no asilo, que eram bem cuidados e que a comida era de boa qualidade. Já os idosos que tiveram oportunidades melhores durante sua vivência, eram mais críticos e confessaram que não eram felizes na instituição, que a comida era ruim, que não tinham privacidade e que o asilo acabava ficando com toda a sua renda, privando-os de comprar objetos que gostariam de possuir, pois ficavam sem dinheiro.

A estagnação frente as suas próprias necessidades básicas é uma realidade na instituição pesquisada. Os idosos são dependentes e necessitam de auxílio para que sejam atendidas as suas necessidades de alimentação e higiene. Na grande maioria, são acríticos, acomodados e desmotivados, almejando apenas por sobreviverem.

Definitivamente, os moradores do Asilo de Pobres da cidade do Rio Grande, são considerados uma população de carentes. Carentes de autoestima, de atenção dos familiares, de sonhos, de atividades que ainda tem condições de realizar e que não são oportunizadas.

Frequentemente os idosos quando vivenciam o declínio de suas potencialidades e modificações físicas, acabam se sentindo inúteis e indesejados. Consequentemente apresentam sintomas de ansiedade e depressão decorrentes de sentimentos negativos que

despertam por si mesmos ou de que são vítimas de uma sociedade que está começando a conviver com os ganhos e perdas da terceira idade. Neri posiciona-se a este aspecto assim:

> É preciso caminhar alimentando a confiança na permanência do essencial da identidade do ser na meia idade e na velhice. Os medos advindos das perdas relacionadas às mudanças físicas e os que surgem nos momentos de transformação interior, exigida pelo fluxo da vida, são naturais e precisam ser considerados, acolhidos e tratados com cuidado que merecem. Esses momentos de transformação envolvem quase sempre um sentimento de perda do que foi, que é preciso deixar para trás, desocupando lugar para que o novo possa entrar. E perder é sempre difícil! O novo tem seu preço! (2001, p. 67)

Resgatar as lembranças nos idosos, ressignificando as suas experiências e contextualizando-as, possibilita a sobrevivência de seu passado, seus sonhos e devaneios através de suas puras imagens recordadas. A questão sobre memórias, Bosi apresenta conceitos essenciais para essa pesquisa:

> Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparição de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual. (2007, p. 82)

Mas, como fazer com que os idosos, particularmente os que vivem sozinhos ou em instituições, consigam olhar para o futuro? Como superar o estado depressivo nos seus comportamentos? Como despertar em suas mentes as várias possibilidades que podem usufruir na nova idade? Quanto a estas questões, Born aponta sugestões:

> Se não houver uma programação planejada para os idosos, de preferência com a sua participação, se não se desenvolverem esforços para marcar os vários momentos do dia, a rotina diária do idoso na instituição tende a ser extremamente monótona. Quanto maior a perda da autonomia, maior a monotonia. Os dias tendem a ser a repetição de cuidados pessoais, alimentação, eliminação e repouso com poucas variações e interrupções. (2002, p. 408)

No contexto psicossocial do idoso, verifica-se que a sua atenção se encontra no passado; o presente é vivido por viver, ou melhor, para sobreviver e o futuro se faz sem planos e nem desejos. Esse planejamento tão necessário para o melhor viver a terceira idade, se nutre de uma capacidade de querer planejar a vida, não perdendo de vista os sonhos e muito menos a esperança em descobrir a cada dia um novo sentido existencial.

Por isso, o envelhecimento é evidenciado por um processo dinâmico e complexo que é influenciado por características individuais e ambientais. O idoso é o indivíduo que tem uma longa trajetória de vida às suas costas e esperanças muito limitadas à frente. Daí, então, as dificuldades encontradas para superar os traços negativos que a velhice produz nas imagens e autoimagens dos idosos.

Como assim define Cachioni: “Os idosos não são aprendizes passivos, mas devem contribuir ativamente para o seu próprio aprendizado e, por extensão, para toda a sociedade” (2003, p. 35). Sua afirmativa revela a importância do idoso estar envolvido em atividades agradáveis, ser reconhecido por suas ações, sentir-se produtivo, relacionar-se afetivamente para ir contra a estagnação e o afastamento de papéis sociais.

As perdas afetivas, as carências, medos advindos da velhice, não podem ser maiores as descobertas que ainda poderão vivenciar. Ter uma concepção realista da velhice e uma postura de responsabilidade sobre ela, são projetos de um processo educativo para melhor vivê-la. Desenvolver nos idosos, sejam eles institucionalizados ou não, a capacidade de aprendizagem é tirá-los do isolamento, propiciar-lhes interesse pela vida novamente. Sabe-se que esses desafios são diários e de todos, para a almejada promoção de qualidade de vida e de inserção social.

Serão abordados a seguir, alguns conceitos sobre a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH), de Urie Bronfenbrenner, com a intenção de clarificar a presente pesquisa que está baseada neste modelo teórico metodológico.

2.2 Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano

A presente pesquisa tem como base a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH), de Urie Bronfenbrenner (2002) que traz uma nova perspectiva para a compreensão do desenvolvimento humano, problematizando as interações entre os sujeitos e os vários níveis de ambientes que são por eles frequentados.

Urie Bronfenbrenner nasceu na Rússia em 1917. Aos 6 anos, foi com a família para os Estados Unidos. Formou-se em Psicologia e Música na Universidade de Cornell, em 1938 e passou a trabalhar na graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Fez o mestrado na Universidade de Harvard. Completou o doutorado na Universidade de Michigan, em 1942. Ingressou na Faculdade Cornell em 1948, onde permaneceu durante o resto de sua vida profissional. Morreu em 25 de setembro de 2005. Foi autor, co-autor e diretor de mais de 300 artigos e capítulos de 14 livros. Dentre os mais famosos, encontramos: "A ecologia do desenvolvimento humano" (1979) e "Making human beings human: Bioecological Perspectives on Human Development" (2005 – Sage Publications)

Bronfenbrenner (2002) percebe o ser humano como um ser ativo na criação e recriação de ambientes. Assim, as interações ocorrentes entre pessoa e ambiente são transformadas mutuamente ao longo do tempo. Essa reciprocidade existente nessas interações influencia o desenvolvimento humano e ao mesmo tempo o ambiente no qual ele vive.

Uma definição de Bronfenbrenner a respeito da Ecologia do Desenvolvimento Humano:

> A ecologia do desenvolvimento humano envolve o estudo científico da acomodação progressiva, mútua, entre um ser humano ativo, em desenvolvimento, e as propriedades mutantes dos ambientes imediatos em que a pessoa em desenvolvimento vive, conforme esse processo é afetado pelas relações entre esses ambientes e pelos contextos mais amplos em que os ambientes estão inseridos. (2002, p.18)

Para Bronfenbrenner (2002) a percepção que se tem do ambiente é mais importante do que a realidade objetiva existente, ou seja, para ele não importa como o ambiente se apresenta objetivamente e sim, como ele é percebido pelas pessoas e a influência que exerce nelas.

O modelo reformulado da Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano (1979) para a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (1995) integra: processo, pessoa, contexto e tempo (PPCT). A organização do ambiente ecológico se dá como um encaixe de

estruturas concêntricas, observando as relações interpessoais em ambientes mais próximos como a família, aos mais amplos como o contexto social, econômico e político dos indivíduos.

O ambiente ecológico que é o lugar onde as pessoas interagem, ou seja, tudo que se encontra fora do organismo, são estruturados em quatro níveis ambientais: microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema. Explicando brevemente os conceitos, assim seria:

- Microssistema: o complexo de inter-relações dentro do ambiente imediato, face-a-face. Ex.: a família.
- Mesossistema: influências advindas das inter-relações entre os microssistemas. Ex.: a escola.
- Exossistema: um ou mais ambientes que não envolvem diretamente a pessoa em desenvolvimento, mas no qual ocorrem eventos que afetam de alguma forma o ambiente em que está inserida. Ex.: local de trabalho dos pais.
- Macrossistema: compõe os valores culturais, crenças, situações sociais e acontecimentos históricos que afetam os outros sistemas ecológicos. Ex.: ideologias.

Daí a importância de compreender todos os processos que envolvem o ser humano, seu desenvolvimento, suas interações, suas transições ecológicas, que levam a sua evolução quanto indivíduo na sociedade. Participar muitas vezes mesmo que indiretamente do cotidiano de nossos familiares, amigos e outros espaços, contribui e muito em nossa aprendizagem. Chamamos de exossistema quando tomamos conhecimento de todas as informações que nos são passadas de forma indireta e que acabam contribuindo no nosso desenvolvimento.

Foi com o objetivo de contribuir para as descobertas teóricas e empíricas do desenvolvimento humano que Bronfenbrenner (2002) afirmou que a pessoa em desenvolvimento não é uma tabula rasa sobre o qual o meio provoca seu impacto, mas como uma entidade em crescimento, dinâmica que acaba por reestruturar o próprio meio em que reside.

Através de interações recíprocas e dinâmicas entre a pessoa e o seu contexto através do tempo, resgatam-se os aspectos da Pessoa, dos Processos e do Tempo. As reformulações da teoria, que antes era ecológica para bioecológica, alteram-se quando as

pessoas e suas interações não são mais vistas como apenas função do ambiente, mas como uma função do processo.

Para Narvaz & Koller, (2004) o novo Modelo Bioecológico propõe que o desenvolvimento humano seja estudado através da interação desses quatro núcleos inter-relacionados: o Processo, a Pessoa, o Contexto e o Tempo.

- Processo: são as formas particulares de interação entre organismo e o ambiente que operam ao longo do tempo e que são importantes para o desenvolvimento, enfatizando os processos proximais que envolvem interações mais complexas.
- A Pessoa: envolvem as características biopsicológicas e as características construídas na interação com o ambiente.
- O Contexto: compreende a interação dos quatro níveis ambientais denominados de microssistema, mesossistema, exossitema e macrossistema, formadores do ambiente ecológico.
- O Tempo: permite examinar a influência das mudanças e acontecimentos ao longo do ciclo da vida sobre o desenvolvimento humano. No Modelo Bioecológico, este elemento é analisado em três níveis: Microtempo, Mesotempo e Macrotempo. O Microtempo refere-se à continuidade e à descontinuidade dos processos proximais observados dentro de pequenos episódios; o Mesotempo refere-se à periodicidade dos episódios de processo proximal através de intervalos maiores de tempo, sendo que os efeitos cumulativos podem produzir resultados significativos no desenvolvimento e o Macrotempo refere-se às expectativas e os eventos em mudança dentro da sociedade através de gerações e como estes eventos afetam e podem ser afetados pelos processos e resultados do desenvolvimento humano dentro do ciclo de vida.

O Modelo Bioecológico, através da sua observação naturalística, envolve uma série de integrações na qual permite ao pesquisador compreender a realidade estudada. A inserção ecológica que consiste na entrada da equipe de pesquisa no ambiente de investigação possibilita que o pesquisador integre o ambiente do fenômeno investigado. Assim, de acordo com Narvaz & Koller:

> Cabe destacar como pontos fortes da teoria ecológica do desenvolvimento humano alguns aspectos, tais como: 1) a atenção ao contexto sociocultural, em especial a diferentes culturas e subculturas, incluindo-se aqui os aspectos de gênero, raça/etnia e nível socioeconômico, geralmente negligenciados em outros modelos; 2) a sensibilidade à diversidade e à pluralidade do

> desenvolvimento em diferentes culturas e em determinados períodos históricos; 3) a articulação entre vários níveis de análise, tanto em relação à teoria quanto à pesquisa; 4) a integração entre ciência teórica e empiricamente fundada, rompendo com a tradicional dicotomia encontrada em pesquisa; 5) a proposta da observação naturalística, com a operacionalização do importante conceito de validade ecológica; 6) a valorização da aprendizagem cotidiana que se dá através das interações face-a-face, características dos processos proximais como importantes ao desenvolvimento e 7) a integração dos aspectos políticos ao processo de pesquisa. (2004, p. 63)

Os múltiplos fatores de interação de natureza biológica, social, psicológica interferem no desenvolvimento humano e em suas relações entre esses ambientes. Perceber quais são os papéis desempenhados por idosos no asilo e suas interações com o meio, constituem os elementos necessários para a compreensão do seu microssistema.

Podemos entender melhor a conceitualização da teoria de Bronfenbrenner quando assim por ele é definida:

> A pesquisa ecológica, as propriedades da pessoa e do meio ambiente, a estrutura dos cenários ambientais e os processos ocorrendo dentro e entre eles devem ser considerados como interdependentes e analisados em termos de sistemas. (2002, p.33)

O Asilo de Pobres como um sistema social e ecológico de influência, proporciona aos idosos impactos sobre o desenvolvimento da velhice. As relações que são oportunizadas dentro do contexto asilado proporcionam ou não um desenvolvimento positivo no processo de envelhecimento de cada idoso. Quanto as instituições de longa permanência, Christophe & Camarano citam Alcântara (2004) quando assim se referem:

> Não há um consenso entre os especialistas sobre as vantagens ou desvantagens do cuidado institucional. A maioria deles afirma que é melhor para o idoso dependente ser cuidado pela família. Não recomendam a residência institucional por acreditarem que os processos patológicos aos quais a velhice está sujeita se aceleram no interior dessa residência. Para outros, a residência é recomendável pela possibilidade de acesso a cuidados e serviços especializados. (2010, p.159)

As interações no microssistema da instituição a ser pesquisada, são relevantes quando objetivam a necessidade de maiores informações sobre as características biopsicossociais do idoso, buscando interações mais positivas dentro do asilo e em suas relações familiares.

A respeito da interação do idoso no microssistema familiar, Porto assim escreve:

> À medida que as pessoas avançam em idade vão se afastando do mundo do trabalho, diminuindo suas interações sociais. A família então se reveste de maior importância, pois é nela que o idoso procura um abrigo seguro para vivenciar seus últimos anos de vida. O carinho e o respeito da família contribuem decisivamente para um final de vida feliz. A vivência plena do envelhecimento é um processo de construção pessoal altamente influenciado pela convivência familiar e comunitária, onde o respeito, a consideração e a comunicação são fatores fundamentais para o alargamento, elevação e otimização das participações individuais e sociais. (2009, p. 190)

Um conceito definindo microssistema por Bronfenbrenner (2002) seria: "Um microssistema é um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados pela pessoa em desenvolvimento num dado ambiente com características físicas e materiais específicas." (p. 18). Partindo dessa conceitualização, entendemos que o ambiente onde as pessoas podem interagir face a face, denomina-se microssistema.

Bronfenbrenner (2002) vem ao encontro das propostas dos educadores ambientais, quando propõe a visão sistêmica, as interações dos organismos-ambientes, a busca de soluções para o equilíbrio ecológico da sociedade.

A integração dos seres humanos com todas as suas dimensões físicas, culturais, sociais, está imbricada num paradigma epistemológico transformador, que supere o desumano modelo de desenvolvimento social e econômico vigente. Assim, corrobora Bronfenbrenner na construção de um contexto mais humano, com consciência individual, mas projetada ao pertencimento cultural e planetário.

2.3 Principais conceitos relacionados

Para fins de caracterização dos participantes que envolvem a presente proposta, torna-se imprescindível qualificar os seguintes tópicos:

2.3.1 Idoso

Ao propor discutir o tema sobre a Educação Ambiental e as relações sócioafetivas de idosos institucionalizados no Asilo de Pobres do Rio Grande, faz-se necessário compreender a que grupo social pertence essa população chamada de “idosos”, “velhos”, “terceira idade”, “melhor idade” e outras terminologias utilizadas. Como se dá o processo de envelhecimento e qual o perfil adotado para classificar um indivíduo como ser idoso. No Brasil, país em desenvolvimento, segundo o Estatuto do Idoso (Lei nº. 10.741, de 1º de outubro de 2003), são consideras pessoas idosas aquelas que têm a idade igual ou superior a 60 anos. Adotaremos essa faixa etária como referencial para o ingresso na velhice.

Mas o que é ser idoso considerando outras proposições não numéricas como a idade e sim aspectos biopsicossociais? Quando nos deparamos com a definição de idoso, segundo o Minidicionário de Língua Portuguesa Silveira Bueno (1996): "adj. e s.m. Velho, avançado em anos (p. 351)”, observamos que há certo desrespeito com o significado que atribuem aos idosos, quando se usa o adjetivo “velho”. Neri & Freire (2000), refere-se ao idoso com outro olhar, mais humano e significativo para a sociedade, quando assim escreve: “[...] o idoso é uma pessoa adulta, responsável por seus atos e, como tal, tem direitos adquiridos sobre sua própria vida”. (p. 50)

Ser idoso ou “velho” como se refere a tradução da palavra, é uma imagem negativa da sociedade para com o idoso e, consequentemente, uma autoimagem também negativa que os mesmos idosos fazem de si, por serem percebidos como coitados ou inúteis dentro do convívio social e familiar.

Um dos deveres da sociedade é a exclusão desses adjetivos preconceituosos que rotulam muitas vezes um adulto que possui ainda muitas potencialidades, mas que é tratado como um objeto que foi bastante utilizado e que agora gasto pelo tempo, pouca serventia oferece. Costa assim escreve sobre esse ciclo da vida:

> [...] Embora a longevidade (processo inevitável e irreversível) constitua uma notável conquista da ciência, todas as pessoas sensatas são unânimes em afirmar que mais importante do que ter a existência prolongada é envelhecer com dignidade e qualidade de vida. (2001, p.82)

Nesse sentido, os idosos precisam perceber o quanto são vitimizados, oprimidos e marginalizados, para modificar a própria autoimagem de desvalia, de insignificância que é constituída pela ingratidão e indiferença que as pessoas atribuem à eles. Sociologicamente, os maus tratos infringidos aos mais velhos, confirmam os interesses capitalistas na produção e

reprodução que não são mais retornados à sociedade, e portanto, quem é idoso passa a ser excluído e esquecido por todos.

O conceito de idoso, portanto, vai além das idades limites estipuladas, seja pelo Estatuto do Idoso (acima de 60 anos) ou pela Organização Mundial de Saúde (acima de 60 anos para os idosos residentes em países em desenvolvimento e 65 anos idosos residentes em países desenvolvidos). Os valores que referenciam esse juízo dependem de características específicas do ambiente onde os indivíduos vivem.

Logo, definir quem é ou não "idoso" diz respeito a uma definição mais complexa, ou seja, não de um idoso unicamente e sim, à sociedade como um todo. Referendar a idade como cronológica apenas é arriscar-se na afirmação que os indivíduos são iguais e que vivem na mesma sociedade. Há grandes diferenças nas individualidades e ambientes por onde permeiam os idosos. Assim, corrobora Bosi quando aborda sobre as distinções e particularidades de cada indivíduo:

> O ciclo dia e noite é vivido por todos os grupos humanos mas tem, para cada um, sentido diferente. A noite pode ser um florescimento do social, uma intensificação do amor e da amizade que se expandem e brilham sem as peias da rotina diária. A noite pode ser um lapso de abandono e de medo para a criança, para o solitário que vê as ruas se esvaziarem, para o doente ou o asilado.[...] (2007, p. 417)

Assim, como há diferentes percepções e sentimentos, há também diferentes tipos de idosos e de contextos para o seu desenvolvimento. A velhice passa a estar mais intimamente ligada as questões de monotonia, estagnação, desânimo do que propriamente relacionada com a idade cronológica. Por isso, serão abordado alguns conceitos relacionados com a velhice.

2.3.2 Velhice

A velhice e o envelhecimento fazem parte da condição humana, mesmo assim, são negados por ela. Estão associadas ao declínio e a morte, no qual o ser humano evita pensar e falar sobre. Esse cenário negativo da velhice impede com que muitos idosos tenham uma vida mais ativa, produtiva e saudável, pois acabam internalizando esses estereótipos e crenças sociais.

Para que se possa compreender ainda melhor a velhice, assim como todas as transformações ocorridas nesse período, é preciso entender que cada indivíduo reage de maneira específica. Sua especificidade está contida nas trajetórias individuais e sócio-culturais que predominam durante a existência humana.

Quando se fala na velhice, Bosi assim se expressa:

> A noção que temos de velhice decorre mais da luta de classes que do conflito de gerações. É preciso mudar a vida, recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos trabalhadores não sejam uma espécie estrangeira. Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da humanidade é que as minorias têm lutado, que os grupos discriminados têm reagido. A mulher, o negro, combatem pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele. (2007, p. 81)

Do ponto de vista biológico, a velhice é um processo natural, gradual que consiste num encolhimento e enrijecimento de todas as estruturas e funções fisiológicas, que se difere organicamente de pessoa para pessoa. Sendo um processo contínuo, ainda que em velocidade desigual em órgãos, tempos e pessoas diferentes. Assim referem-se Camarano & Kanso sobre o aumento da expectativa de vida da população idosa e o aspecto fisiológico do envelhecimento:

> Embora a expectativa de vida da população brasileira em idade avançada esteja aumentando e esteja acompanhada por uma melhoria nas condições de saúde, o número de idosos com perda de autonomia para as atividades do cotidiano tende a aumentar. Embora haja alguma evidência de uma redução na proporção de pessoas com dificuldades para as atividades da vida diária, isso pode não resultar em menos pessoas demandantes de cuidados. O envelhecimento da população expõe os indivíduos por um tempo maior a doenças crônico-degenerativas, o que resulta em um número crescente de indivíduos sem autonomia e independência. Em outras palavras, a tendência esperada é de um aumento na demanda por cuidados. (2010, p. 95)

A ciência que vem estudando o fenômeno do envelhecimento é a Gerontologia. É uma ciência em desenvolvimento contínuo que explora o fenômeno do envelhecimento, sob

diversos enfoques, reconhecendo a existência dos aspectos biopsicossociais e as especificidades de cada idoso. Está voltada para a longevidade, mas não só visando o retardamento do declínio físico e, também o prolongamento da vida com a melhor qualidade possível.

Netto & Ponte, abordam sobre a gerontologia quando assim escrevem:

> Apesar da gerontologia ser uma ramo da ciência que se propõe estudar o processo de envelhecimento e os múltiplos problemas que envolvem a pessoa idosa, ela é paradoxalmente jovem. Esta realidade é surpreendente, desde que o envelhecimento e os clamores pelo aumento da longevidade são seguramente tão antigos quanto a própria civilização. (2002, p. 4)

É necessário conhecer um pouco mais a organização dos seres vivos e a ocorrência da produção e da destruição de milhares de substâncias diferentes corporais que vão indiciando os sinais mais finos de velhice. Defini-la não é tão simples, como assim se refere Paschoal:

> [...] Isto é, a velhice não é definível por simples cronologia, senão – e melhor! – pelas condições físicas, funcionais, mentais e de saúde das pessoas analisadas, o que equivale a afirmar que podem ser observadas diferentes idades biológicas e subjetivas em indivíduos com a mesma idade cronológica. Sucede assim, porque o processo do envelhecimento pode apresentar involuções em diferentes níveis e em diversos graus, no sentido de que certas funções e capacidades declinam mais rapidamente que outras. (2002, p. 27)

A pessoa que cuidou ao longo da vida do próprio crescimento corporal e mental, provavelmente na velhice, tenha sentimentos mais positivos e de autoestima elevada, focalizando essa fase da vida como natural e superando as modificações por ela ocorrentes. A velhice, mais do que qualquer outra fase da vida, é um período de transição, acarretando vasta gama de desafios e exigências que o indivíduo não havia encontrado antes.

O efeito sócio-cultural do envelhecimento requer melhor compreensão dos fenômenos que o cercam. Existem características marcantes de perdas durante o processo da velhice. Além das enfermidades degenerativas da velhice, há também diminuição gradual da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente. Esse equilíbrio tão necessário ao seu ajustamento ambiental dependem de fatores sociais. Zimerman assim posiciona-se a este respeito:

> Como se pode ver, não é mais possível ignorar a necessidade de darmos atenção à velhice no âmbito institucional, político, econômico ou da saúde. Em função da mudança do perfil demográfico mundial, é necessária toda uma reestruturação social, política e econômica. Os velhos têm necessidades próprias, características e peculiaridades que devem ser atendidas. Essa mudança demográfica acarreta mudanças também no estilo de vida das pessoas, a necessidade de criação de novos espaços, novos produtos e serviços e, obviamente, exige a reformulação de conceitos e de posturas. (2007, p. 15)

Diante da velhice e do envelhecimento populacional como um fenômeno humano e um fato sócio-cultural, há uma vasta gama de desafios e exigências nesse período de transição do indivíduo. Sendo a Gerontologia uma ciência que estuda o processo do envelhecimento, levando em conta os aspectos ambientais e culturais do envelhecer, contribuindo e muito como suporte aos idosos e a quem convive diretamente com eles.

2.3.3 Envelhecimento

Sabe-se que envelhecer é um processo natural e inevitável aos seres humanos. Gradativamente estamos nos modificando e nos aproximando do envelhecimento biológico. Cabe questionar, o que é realmente o envelhecimento. A este respeito, Neri escreve:

> Biologicamente falando, o envelhecimento compreende os processos de transformação do organismo que ocorrem após a maturação sexual e que implicam a diminuição gradual da probabilidade de sobrevivência. Esses processos são de natureza internacional, iniciam-se em diferentes épocas e ritmos e acarretam resultados distintos para as diversas partes e funções do organismo. Há um limite para a longevidade, estabelecido por um programa genético que permitiria ao organismo suportar uma determinada quantidade de mutações. Esgotado esse limite o organismo perece. (2001, p. 27)

Envelhecer, para muitas pessoas é um processo extremamente ruim, sofrido e desesperançado, que se aprofunda continuamente: quanto mais velho pior. Contudo, o conceito de envelhecimento na contemporaneidade requer uma nova postura, diante as

transformações decorrentes desse processo contínuo e variável. Nota-se que atualmente, a expectativa de vida aumentou consideravelmente para a população mais idosa. Com isso, a busca pela qualidade de vida tornou-se essencial, oportunizando a inserção dessa classe tão discriminada há tempos atrás, no cotidiano profissional, político e social.

As idéias que existiam em relação à degeneração já não são mais aceitas como fim de um ciclo, e sim como continuidade do exercício da vida, em ritmos diferenciados, mas constantes. Devido às novas tecnologias e aos avanços da ciência, observa-se que o envelhecimento físico e mental desacelerou em comparação a outras épocas. Proporcionando esses recursos e descobertas, uma melhor motivação para o exercício da vida.

Culturalmente, ninguém é educado para envelhecer e muito menos para viver com tranquilidade e plenitude o processo de envelhecimento. Quando se é jovem esse assunto é ignorado, pois há a sensação de que envelhecer é para os outros. A perspectiva de um bom envelhecimento requer o conhecimento de que isso é fato e principalmente que não é o fim de tudo, mas o início de uma nova fase da vida com suas perdas e ganhos como em qualquer outra fase.

São diversos fatores que determinam o produto de um envelhecimento saudável do ponto de vista biológico e psicológico. Podem-se citar alguns deles como as condições que o idoso se desenvolveu desde a sua infância até a velhice; as oportunidades culturais e profissionais que teve ou não para desenvolver suas potencialidades intelectuais e sociais; acesso ao atendimento de saúde física e mental quando necessitava; a maneira como lidava com suas emoções, angústias e frustrações; a realização de seus projetos de vida, seja de ordem afetiva ou material e tantos outros que são responsáveis pelo perfil individual de cada idoso.

Paschoal acrescenta a esta idéia quando aborda:

> A velhice deveria ser encarada como mais uma etapa da vida, etapa que pode e deve ser significativa. Há idosos que agem assim e alcançam um equilíbrio imenso. Mas a maioria fica à cata de um sentido (ou um novo sentido) para a sua vida. Ecléa Bosi afirma que “durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem e que dão significados a nossos gestos cotidianos. (2002, p. 41)

Torna-se importante, pois, tomar consciência de todo o completo mecanismo que envolve as relações humanas na velhice, visando com isso, novas atitudes capazes de

minimizar os reflexos causados pelo envelhecimento. Como expõe Zimerman quando assim escreve:

> Envelhecer pressupõe alterações físicas, psicológicas e sociais no indivíduo. Tais alterações são naturais e gradativas. É importante salientar que essas transformações são gerais, podendo se verificar em idade mais precoce ou mais avançada e em maior ou menor grau, de acordo com as características genéticas de cada indivíduo e, principalmente, com o modo de vida de cada um. A alimentação adequada, a prática de exercícios físicos, a exposição moderada ao sol, a estimulação mental, o controle do estresse, o apoio psicológico, a atitude positiva perante a vida e o envelhecimento são alguns fatores que podem retardar ou minimizar os efeitos da passagem do tempo. (2007, p. 21)

A subjetividade com que cada idoso vivencia o seu processo de envelhecimento, exige uma nova mentalidade social voltada para a vida e para a valorização de suas histórias e experiências. É preciso haver mais investimento em convívio familiar e tarefas que os mantenham integrados ao ambiente onde vivem.

A seguir, será abordada a importância de uma educação ambiental voltada a terceira idade, que venha a contribuir para um crescimento mais amplo do ser humano, estreitando as diferenças e oportunizando uma valorização da vida.

2.4 Educação Ambiental e as articulações com os idosos

A educação ambiental, como perspectiva educativa, enfoca todas as relações entre a humanidade e o meio natural. Fundamenta-se basicamente na mudança de comportamentos e valores, propondo a noção de responsabilidade de cada indivíduo consigo e com o planeta. Reigota assim refere-se sobre a educação ambiental:

> Assim, a educação ambiental deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza. (2004, p. 10)

A cooperação e o diálogo entre os indivíduos e instituições sem discriminações, objetivando melhor qualidade de vida, são algumas das propostas da Educação Ambiental. A construção dos valores sociais e competências devem atender a conservação do meio ambiente em suas complexas relações. Morin acrescenta que: “A compreensão do outro requer a consciência da complexidade humana.” (2005, p. 101)

Diante disso, a Educação Ambiental busca a transformação social, a promoção da qualidade de vida das pessoas e a sua emancipação. Loureiro aborda essa questão sobre educação e emancipação quando escreve:

> [...] Educar é emancipar. A ação emancipatória é o meio pelo qual podemos romper com a barbárie do padrão vigente de sociedade e de civilização. Emancipação e transformação social são elementos que explicitam não se tratar de uma Educação Ambiental genérica, de um conjunto de conceitos que servem indistintamente para qualquer atividade que se autodenomine como Educação Ambiental. (2004, p. 15)

A educação ambiental crítica, permite uma melhor compreensão dos complexos problemas ambientais planetários e urge, na busca de mudanças no sistema. Por si só, não resolverá a crise ambiental, mas partindo de homens e mulheres com consciência local e global, atuantes em prol de possíveis soluções, transformarão a sociedade.

A educação ambiental deve estar presente em todos os espaços de forma criativa, dinâmica e permanente, integrando conhecimentos e busca de soluções para os problemas ambientais. Através da reforma do pensamento e comportamento, se darão melhores as relações econômicas e culturais entre a humanidade, natureza e entre os homens.

As exigências sociais, as novas tecnologias, levam os idosos a quererem superar suas dificuldades físicas e psicológicas para se sentirem integrados na sociedade. Envelhecer na contemporaneidade implica na elaboração de uma educação ambiental voltada para amenizar os conflitos, as frustrações decorrentes desse processo e atendê-los em suas necessidades. A importância dessa educação, não só para os profissionais que cuidarão dos seres humanos idosos, mas para os próprios idosos e para a sua família parece ser uma saída para trabalhar melhor os estigmas que a sociedade e o próprio idoso sentem em relação à velhice.

A educação para qualidade de vida na velhice é questão emergente na atualidade, pois se percebe demograficamente o crescimento da população idosa. Assim sendo, há necessidade de criação de novos modelos não só educacionais, mas também, econômicos,

sociais e políticos que contribuam com a permanência ativa e mais saudável de uma geração que ainda é vista como incapaz de acompanhar todas as mudanças tecnológicas ou então, “atrasada”.

Ver o idoso como ser integral, corpo e espírito é necessário para o começo de qualquer processo de ensino-aprendizagem com eles. Respeitar com naturalidade tudo o que o idoso é e pode ser ainda, dá sentido para qualquer trabalho em benefício dessa população tão carente de significados no seu dia-a-dia.

Ost et al escrevem a respeito dos conflitos da terceira idade:

> Especificadamente com relação à velhice, esta etapa da vida está marcada pela oitava e última idade do desenvolvimento psicossocial do ser humano: a integridade do ego ou o desespero. Nessa fase, os adultos mais velhos, passam pelo processo de avaliação, resumo e concordância de suas vidas, para aceitar a aproximação com a morte. Aqueles que, ao fazerem esta análise, não encontram grandes motivos para orgulho pessoal e contentamento, tenderão ao desespero. O tempo passou, a morte está chegando, e nada mais de duradouro poderá ser iniciado. Erikson (1998) argumenta que a pessoa não deve chegar a esta fase com o tormento de que “deveria ter feito” mais ou “poderia ter sido” melhor. A certeza de que viveu uma vida produtiva trará uma maior aceitação na hora da morte, que se mostra adjacente. (2009, p. 189)

O processo de envelhecimento provoca no organismo modificações biopsicossociais; porém é na velhice que esse processo aparece de forma mais evidente. A percepção acerca do processo de envelhecer é de que o ser humano, rejeitando a morte como rejeita, recusando-a com todas as suas forças tende a rejeitar também a velhice; talvez por ser a fase da vida que mais se aproxima da morte, tornando a velhice um peso.

Pensar em como vai ser nosso envelhecimento, é uma responsabilidade individual. Sabe-se que oportunizar-se conhecer, aprender e reaprender certos hábitos, é fundamental para manter ativa a memória e os movimentos corporais. Quem opta por reclamar o tempo todo e vive a lamentar o presente está perdendo uma bela oportunidade de viver novas experiências e reparar na continuidade da vida.

A velhice e o envelhecimento são temas que se apresentam cada vez mais presentes no cotidiano dos indivíduos, principalmente dos idosos. Uma velhice satisfatória, com qualidade e bem-estar não é apenas uma virtude pessoal, mas resultado de uma interação do indivíduo com o mundo e no mundo. Cachioni assim se refere:

> [...] Por constituir um grupo social e não somente um grupo de idade, a marca social da velhice é estar em oposição à juventude, que é supervalorizada. Isso explica as tendências de, ao mesmo tempo, idealizar e depreciar a figura dos velhos; ora considerá-los como pessoas amáveis e dóceis, ora como intransigentes e mal-humorados; às vezes como seres assexuados, outras como fogosos. Diz-se que os velhos perdem o interesse por novidades ou que sua capacidade de aprendizagem não mais existe. O velho pode ser tido como alguém generoso e desprendido, ou, ao contrário, como mesquinho e avarento. (2003, p.129)

Os psicólogos sinalizam diferenças visíveis entre o que é ser idoso e o que é ser velho. Velho na verdade é quem perdeu o sorriso, a jovialidade, a arte de sonhar e conquistar. O idoso, mesmo com o cansaço do passar dos anos, conserva em seu íntimo a alegria de viver, o bom humor, o seu amor verdadeiro pela vida, por si mesmo e pelas pessoas com as quais convive.

Os profissionais da área humana como: professores, psicólogos, psicopedagogos que trabalham com a educação e com o comportamento humano, podem e devem pensar nessa clientela com maior enfoque. Há muito que fazer, não podemos mais pensar que os nossos idosos não têm futuro. Devemos sim, preparar encontros, atividades que permitam a inserção dessas pessoas com maior idade dentro de um contexto mais democrático, criativo e facilitador de novas oportunidades. Arruda & Laguna assim sugerem, quando escrevem:

> Participar de grupos na maturidade é a melhor opção de ocupar o tempo livre, pois é no grupo que a pessoa, muitas vezes, aprende a ser útil a si mesma e à sociedade. Assim, a participação em grupos resgata no idoso seu direito de cidadão, privilegiando seus conhecimentos e oportunizando-lhe um espaço de convivência fraterna onde possam despertar capacidades adormecidas ou troca de aprendizados. Toda a situação grupal seja, em grupo grande ou pequeno, de arte terapia ou de lazer, de convivência ou ocupacional, é terapêutica; pois visam melhorar o desenvolvimento das relações interpessoais do sujeito criando uma dinâmica que tira a pessoa idosa do isolamento social ou a livra de uma ociosidade que prejudica sua saúde física e mental. (2009, p. 108)

Certo é que temos que constantemente procurar novos objetivos, à medida que vamos atingindo os anteriores. Isso faz parte da vida e é fundamental para quem se recusa a vegetar. Muitos escolhem a solidão, outros se dão mais uma chance. Sabemos que as dificuldades existem e cabe a nós superá-las. O importante é pensar positivo, acreditar em nós mesmos, integrar-nos aos grupos sociais e jamais nos isolarmos.

Entender sobre complexidade é ampliar conhecimentos, é evoluir com as descobertas, é respeitar a condição humana. Saber que complexidade não é o que se diz complicado de entender e muito menos o que é simplificado para assimilar. Quanto maior a complexidade, maiores são as incertezas, onde o exercício do saber fazer, da práxis, leva a constante renovação de atitude intelectual sobre ciência e sociedade. Nesse sentido, podemos entender que o envelhecimento é um processo, onde a velhice é a última fase do processo humano de nascer, viver e morrer.

É evidente que toda trajetória vital percorrida pelo idoso é subjetiva e depende de condições ambientais. A sua constituição é baseada na hereditariedade, mas influenciada pelas relações e experiências vivenciadas durante a sua formação. Reconhecemos assim que o meio ambiente influencia no desenvolvimento de potencialidades, de aprendizagem contínua e de reflexões tão necessárias a todos os ciclos da vida. É importante ensinar as pessoas a enfrentarem positivamente sua terceira idade, não apenas nessa etapa, mas durante toda a vida.

A Educação Ambiental como educação política se preocupa com as relações societárias vigentes entre natureza, homens e humanidade. Não adianta termos bons planejamentos para a terceira idade, se não tivermos ética nessas relações. Por isso, Reigota aponta como fundamental para a ruptura das relações vigentes, não só na sociedade brasileira, mas também na sociedade planetária, quando afirma o propósito da educação ambiental:

> Ela busca estabelecer uma nova aliança entre a humanidade e a natureza, desenvolver uma nova razão que não seja sinônimo de autodestruição, exigindo o componente ético nas relações econômicas, políticas e sociais. (2004, p. 58)

A Educação Ambiental está articulada com todas as questões sócioambientais, na criação de espaços coletivos mais justos, na compreensão do mundo e suas complexidades. Busca contribuir na construção de novos padrões civilizatórios e societários diferentes do que temos, baseado sempre numa ética ecológica. Compreender a vivência tão conflituosa dos idosos, em especial os asilados, faz parte de um dos problemas ambientais que necessita de atenção e reparo por parte de todos os cidadãos e cidadãs do mundo. Assim como diz Loureiro: “Somente podemos pretender um mundo novo se temos a convicção de que este pode ser construído pela ação consciente dos sujeitos” (2004, p. 117)

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

3.1 Questão de Pesquisa

Será que as relações sócioafetivas de idosos institucionalizados no Asilo de Pobres do Rio Grande contribuem para uma velhice bem-sucedida?

3.2 Metodologia

Pesquisar, trata-se de uma mediação entre o conhecimento anterior e as descobertas oriundas de novas pesquisas. As várias técnicas que o pesquisador pode se utilizar, permite um maior aprofundamento das informações obtidas, sempre em prol da temática proposta. Por isso, a importância de escolher uma metodologia coerente com o trabalho que se quer fazer, ao mesmo tempo, de amplo conhecimento e domínio pelo pesquisador.

A metodologia utilizada nesta pesquisa é a História de vida. Essa metodologia busca através da narrativa dos sujeitos, resgatar sua vivência que se realiza como histórica e social e nunca apenas individual. Como instrumento de coleta de dados, a história de vida refere-se ao processo existencial do indivíduo, de maneira sequêncial, buscando compreender sua subjetividade.

As histórias de vida devem ser transcritas na íntegra para serem analisadas. Os aspectos da memória narrativa, do tempo narrado, são simultaneamente produção original e reprodução. O pesquisador tem como objetivo reconstruir fatos históricos e conhecer o sentido da vida do sujeito, por isso trabalhar com história de vida é uma experiência encantadora. A dialética entre pesquisador e narrador, o tempo compartilhado vão se concretizando em nova história de vida, reinterpretadas e com novos sentidos.

3.2.1 Participantes

Para a realização desta pesquisa, foram selecionados inicialmente, um grupo de dez idosos de ambos os sexos, com idade entre 60 a 80 anos indicados pela instituição pesquisada que estivessem em boas condições físicas e mentais para fornecer os subsídios para este estudo. Entre estes idosos foi realizada uma apresentação individual da proposta de pesquisa e o convite para dela participar. Foram então selecionados por conveniência, criteriosamente, 04 (quatro) idosos que mais atendiam os objetivos da pesquisa.

3.2.2 História de vida

Segundo Minayo (1994) a pesquisa qualitativa nas ciências sociais, responde a questões muito particulares e que não podem ser analisadas quantitativamente. Para a autora, o trabalho de campo é mais do que uma aproximação com o objeto de estudo, mas também oportunidade de criar conhecimentos, partindo da realidade estudada.

Para Triviños a pesquisa qualitativa requer algumas observações por parte do pesquisador, como assim escreve:

> É interessante salientar, uma vez mais, que o pesquisador, orientado pelo enfoque qualitativo, tem ampla liberdade teórico-metodológica para realizar seu estudo. Os limites de sua iniciativa particular estarão exclusivamente fixados pelas condições da exigência de um trabalho científico. “Este, repetimos, deve ter uma estrutura coerente, consistente, originalidade e nível de objetivação capazes de merecer a aprovação dos cientistas num processo intersubjetivo de apreciação.” (2009, p. 133)

A metodologia utilizada neste estudo é a Pesquisa Qualitativa, por meio de História de Vida. Para Chizzotti:

> História de Vida é um relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo, oral ou escrito, relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência de vida. História de vida pode significar muitas coisas, dependendo dos objetivos ou dos pressupostos teóricos do pesquisador. (2008, p.101)

Essa metodologia busca conhecer as experiências de vida dos sujeitos dando atenção às suas memórias, fazendo com que esses mesmos sujeitos “reapareçam” como indivíduo singular, ao mesmo tempo plural, pois se encontram inseridos num contexto social. Para Dias “Este é um dos desafios postos, quando adentramos no campo das histórias de vida,

das narrativas ou dos relatos orais: transitar entre a subjetividade e a objetividade nas histórias contadas pelos sujeitos.” (2005, p. 154)

Além de uma metodologia investigativa tem um caráter formativo, pois leva o sujeito a produção de si e para si, oportunizando mudanças durante o percurso sobre sua própria compreensão e a dos outros. Assim, o sentido de suas histórias vão sendo (re) elaboradas ao longo do tempo.

Esta idéia é defendida por Bosi:

> [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (2007, p.55)

A análise da intersecção entre a vida individual e o contexto social, permite uma compreensão íntima do sujeito, pois une aquilo que lhe é exterior e o que traz dentro de si. Para Dias a riqueza do trabalho com histórias de vida, narrativas e autobiografias, requer do pesquisador “[...] muita sensibilidade para perceber as trilhas que deve percorrer e as que deve evitar durante o percurso [...]” (2005, p. 172). Também afirma que optar por esta perspectiva metodológica é “[...] acreditar que na dinâmica do falar e escutar – neste diálogo consigo e com os outros – os indivíduos se reconstroem ao reconstruir a própria história [...]” (2005, p. 174)

A história de vida, geralmente é extraída por entrevistas prolongadas e contínuas entre pesquisador e pesquisado. Nesse procedimento metodológico, as entrevistas são intensamente exploradas entre o entrevistador e o informante. Assim, refere-se Minayo:

> [...] Para muitas pesquisas, a história de vida tem tudo para ser um ponto inicial privilegiado porque permite ao informante retomar sua vivência de forma retrospectiva, com uma exaustiva interpretação. Nela geralmente acontece a liberação de um pensamento crítico reprimido e que muitas vezes nos chega a tom de confidência. É um olhar cuidadoso sobre a própria vivência ou sobre determinado fato. Esse relato fornece um material extremamente rico para análises do vivido. Nele podemos encontrar o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual. (1994, p.59)

Deste modo, as histórias de vida, tem ocupado um lugar cada vez mais significativo nas Ciências da Educação, como metodologia de investigação. A articulação do tempo histórico vivido, da atualidade e das projeções futuras, geram um processo formativo.

Compreender as histórias das pessoas é uma tarefa de pesquisa diferenciada. Propõe muito além de verificar resultados objetivos, mas sim compreender os eventos humanos, em seus contextos, refletindo criticamente sobre eles. Bronfenbrenner (2002) já apontava que o curso de vida do desenvolvimento do indivíduo é estruturado e fortemente influenciado pelas condições e eventos históricos.

A proposta de utilização desta metodologia está de acordo com Chizzotti, quando assim se refere em relação à pesquisa qualitativa:

> Cresce, porém, a consciência e o compromisso de que a pesquisa é uma prática válida e necessária na construção solidária da vida social, e os pesquisadores que optaram pela pesquisa qualitativa, ao se decidirem pretendem furtar-se ao rigor e à objetividade, mas reconhecem que a experiência humana não pode ser confinada aos métodos nomotéticos de analisá-la e descrevê-la. (2008, p. 58)

Encontramos em Triviños subsídios para a concretização desta metodologia, quando aponta algumas observações importantes sobre História de Vida:

> [...] Porém, a entrevista não é a única técnica que se pode usar na “História de Vida”. Usada ela como único instrumento, pode dar uma visão unilateral da pessoa, incompleta, ou falsa, devido a muitas razões. Alguma delas podem estar relacionadas com a capacidade de recordar do entrevistado, com sua “visão áurea” de determinados momentos de sua existência. É um fato reconhecido por todos que as pessoas que avançam muito na velhice tendem a salientar melhor as coisas que ocorrem em sua juventude, em sua idade precoce, antes que os fenômenos da idade adulta tardia. Por isso, é realmente útil, para ter uma concepção mais fiel da “História de Vida”, revisar documentos, obras, realizar entrevistas com as pessoas vinculadas com o sujeito etc. (2009, p. 135)

Os pesquisadores qualitativos contestam a neutralidade científica do discurso positivista e afirmam a vinculação da investigação com os problemas éticos-políticos e sociais, declaram-se comprometidos com a prática, com a emancipação humana e a transformação social, adensam-se as críticas aos postulados e exigências das pesquisas unicamente mensurativas (Cicourel, 1964), citado por Chizzotti (2008, p.53).

A História de Vida, é uma experiência profunda compartilhada entre o pesquisador e o entrevistado, onde a identidade do pesquisado é revelada e reconstruída. Por isso, a necessidade de uma relação de confiança e segurança entre pesquisador e pesquisado, para que então, possa se tornar possível a ressignificação de uma história pessoal e subjetiva. Ataíde, assim posiciona-se em relação a história de vida:

> A História Oral de Vida, como narrativa, representa uma das formas como o sujeito se compreende, como interpreta sua autoimagem e como deseja ser conhecido pelos outros. Nessas entrevistas, o narrador está livre para construir a sua própria versão, na qual poderá ocultar, revelar e recriar sua experiência pessoal. Não só na história de vida, como, também, na história oral, de uma forma geral, a versão apresentada pelo narrador é sempre baseada nos fatos reais da sua vida...A narrativa, principalmente, a (auto) biografia, a "invenção de si mesmo" é costurada em torno da dimensão temporal que dá significado às fases de infância, juventude, idade adulta, etc. Através da ficção e criatividade do narrador, esta biografia, objetivada pela fala, vai se configurando e ganhando existência própria a partir do amálgama, muitas vezes inconsciente ou não, que representa o conjunto de experiências vividas. (2006, p. 318)

Diante as "Histórias de Vida" como método de pesquisa, permite que o sujeito tome consciência de si quanto ser social, possibilitando uma maior reflexão frente ao panorama que desvela sobre suas experiências de vida. Ao mesmo tempo, proporciona que esse mesmo sujeito questione suas potencialidades, suas escolhas e reavaliem suas vivências, aumentando assim suas expectativas, esperanças, desejos e sonhos, tão ocultos durante a velhice.

3.2.3 Instrumentos

Os materiais submetidos à análise tiveram suas origens em entrevistas semi-estruturadas, diário de campo, registro visual (fotografia) e outras fontes de informação disponíveis sobre os fatos, o contexto e a própria pessoa.

3.2.3.1 Entrevistas Semi-Estruturadas

Entre as diversas formas de abordagem técnica do trabalho de campo, conforme Minayo (1994) as entrevistas semi-estruturadas caracterizam-se pela utilização de perguntas às vezes dirigidas e outras não, oportunizando a flexibilidade na comunicação e tentando evitar respostas induzidas.

A entrevista narrativa conquistou uma nova importância nos últimos anos. Contar histórias é uma forma de comunicação humana e preservam singularidades, tentando ligar os acontecimentos não apenas numa ordem cronológica e sim, reconstruindo-a no tempo e preenchendo-a de sentido.

A este respeito, Jovchelovitch & Bauer referem-se:

> Na verdade, as narrativas são infinitas em sua variedade, e nós as encontramos em todo lugar. Parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar; contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independentemente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal. Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma seqüência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal. (2002, p. 91)

A relativa flexibilidade que deve haver na entrevista semi-estruturada, permite com que as questões sejam respondidas sem um ordem sequencial, poderá muitas vezes o entrevistador e entrevistado retornarem ao ponto de partida sem com isso, prejudicar o planejamento do pesquisador.

Triviños acrescenta a importância que o pesquisador deve ter durante a entrevista quando escreve:

> O pesquisador deve cumprir algumas regras essenciais. Em primeiro lugar, o investigador não pode distrair-se. Em todo momento, deve estar atento ao que o sujeito diz ou faz. Em segundo lugar, não é possível conceber um pesquisador que realize a tentativa de corrigir as respostas do sujeito, em sua forma e em seu fundo, em seu conteúdo. Mas deve rapidamente solicitar esclarecimento frente a respostas ambíguas. Em seguida, é negativa a tendência do investigador que pretenda completar as opiniões do sujeito. Num momento dado, o indivíduo detém o fluxo de seu pensamento, fica em dúvida, e algum pesquisador pode ajudá-lo a completar suas idéias. (2009, p. 169)

A espontaneidade das perguntas e respostas estiveram sempre dentro do foco principal da pesquisa.

3.2.3.2 Diário de Campo

O Diário de Campo, segundo Minayo (1994), é um instrumento ao qual se recorre na pesquisa qualitativa com o objetivo de registrar as informações obtidas desde o início do trabalho de campo. Nele pode-se anotar sentimentos, questões, observações pessoais em diversos momentos da pesquisa, o que reafirma a importância da sua utilização.

Para Minayo et al "O diário de campo é pessoal e intransferível. Sobre ele o pesquisador se debruça no intuito de construir detalhes que no seu somatório vai congregar os diferentes momentos da pesquisa.[...]" (1994, p. 63)

Para Hess, o diário é um instrumento que a ciência recorre e que se encontra numa relação adequada com a técnica de coleta de dados. Como assim descreve:

> O diário é uma *escrita transversal*. Mesmo centrado sobre um tema, sobre uma pesquisa, o diário não impede jamais a implementação da perspectiva transversal. O objeto de uma anotação do dia a dia pode ser um pensamento, um sentimento, uma emoção, a narração de um evento, de uma conversa, de uma leitura, etc. Desse ponto de vista, o diário possui objetos diversificados nos registros múltiplos. Ele é então diverso por natureza. Mais que todas as outras formas de escrito, ele explora a complexidade do ser. (2006, p. 92)

3.2.3.3 Outros Registros

Foi utilizado o uso de fotografias da instituição estudada, que para Minayo "Esse registro visual amplia o conhecimento do estudo porque nos proporciona documentar momentos ou situações que ilustram o cotidiano vivenciado." (1994, p. 63)

Através da utilização das entrevistas, do diário de campo, de fotografias, buscou-se compreender melhor os aspectos rotineiros, os conflitos e as expectativas geradas no contexto a ser pesquisado.

3.2.4 Procedimentos

3.2.4.1 Coleta de Dados

Recorrendo aos instrumentos que foram utilizados na pesquisa e diante a variedade de estratégias e técnicas para se coletar dados, toda e qualquer informação, foi atentamente coletada e registrada.

Os dados coletados foram analisados através da metodologia Histórias de Vida, que abarcam todos os instrumentos já citados, visando à luz dos aportes teóricos, buscando visualisar a qualidade de vida dos idosos institucionalizados. A partir dos resultados encontrados, verificou-se o quanto o meio ambiente interfere positivamente ou negativamente no desenvolvimento humano e em suas relações.

Foi procedido o levantamento dos dados coletados, considerando o novo Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner (2002), que estuda o desenvolvimento humano através da interação sinérgica de quatro núcleos inter-relacionados: o Processo, a Pessoa, o Contexto e o Tempo, procurando contemplar uma visão mais sistêmica do processo da pesquisa.

Por meio da análise de dados obtidos através da Inserção Ecológica no Asilo de Pobres de Rio Grande e do referencial teórico pesquisado, foi conhecida a história de vida das pessoas pesquisadas e retratadas as influências que o meio ambiente onde vivem (asilo) exerce no resgate de suas memórias, o bem viver presente e as expectativas futuras.

Foram garantidas a privacidade e o anonimato dos participantes, assim como a confidencialidade dos dados. Os dados brutos são de acesso restrito da pesquisadora. Considerando que o Comitê de Ética da Fundação Universidade Federal de Rio Grande não

aprecia propostas da área da Educação. Entretanto, foram respeitadas todas as normas de pesquisa com seres humanos previstas pelo Conselho Nacional de Saúde.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Após a familiarização com o campo de estudo, tão necessário ao pesquisador, foi utilizado como recurso para a coleta de dados, o uso de gravador de voz e o registro de um diário de campo. Com a finalidade de responder aos objetivos propostos desta pesquisa, as entrevistas foram transcritas na íntegra e encontram-se arquivadas com a pesquisadora. Assim como, os Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos de cada idoso, que foram devidamente assinados, e encontram-se também arquivados para preservar a identidade dos entrevistados, sendo disponibilizado apenas, o modelo do formulário utilizado.

Sendo usada a entrevista semi-estruturada, não foi criado um roteiro fixo e sim, blocos divididos em fases da vida, como: a infância, a juventude, vida adulta e a velhice. Como a metodologia utilizada para esta pesquisa foi história de vida, ouvir os relatos de experiências formadoras e transformadoras de sujeitos, exigiu flexibilidade nas questões norteadoras, característica fundamental dessa metodologia. Segundo Jovchelovitch & Bauer (2002, p. 105), “A entrevista narrativa é uma técnica para gerar histórias; ela é aberta quanto aos procedimentos analíticos que seguem a coleta de dados”. Assim sendo, quanto maior for o envolvimento entre o informante e o pesquisador, maior poderá ser a produção das narrativas.

Dentre as diversas formas de análise da coleta de dados advindas da narrativa das histórias de vida, foi escolhida a Análise Temática. A análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação, objetivando explicitar as informações e significados pertinentes nela contidos. A análise dos dados coletados foi apresentada em quadros individuais e sintetizados sobre a história de vida de cada idoso, considerando apenas os fatos relevantes para esta pesquisa, onde se tem como objetivo geral estudar as relações sócioafetivas dos mesmos.

O referencial para a construção dos quadros de análise partiu da teoria de Jovchelovitch & Bauer, onde através da análise temática se constrói gradualmente uma redução de texto qualitativo, como assim referem-se:

> Recomenda-se um procedimento gradual de redução do texto qualitativo (veja, por exemplo, Mayring, 1983). As unidades do texto são progressivamente reduzidas em duas ou três rodadas de séries de paráfrases. Primeiro, passagens inteiras, ou parágrafos, são parafraseados em sentenças sintéticas. Estas sentenças são posteriormente parafraseadas em alguma

> palavra-chave. Ambas as reduções operam com generalização e condensação de sentido. Na prática, o texto é colocado em três colunas; a primeira contém a transcrição, a segunda contém a primeira redução, e a terceira coluna contém apenas palavras-chaves. (2002, p. 107)

Sendo assim, Jovchelovitch & Bauer (2002, p. 107) corroboram ainda mais quando afirmam que "O produto final constitui uma interpretação das entrevistas, juntando estruturas de relevância dos informantes com as do entrevistador.[...]" Assim, através da paráfrase, são constituídas categorias, que codificam as narrativas.

Quanto a importância e a complexidade da análise de narrativas em histórias, Jovchelovitch & Bauer apontam:

> Falando de maneira geral, a análise de narrativas implica sempre a análise de aspectos cronológicos e não cronológicos da história. Narrativas são uma sucessão de eventos ou episódios que abrangem atores, ações, contextos e espaços temporais. A narração de eventos e episódios apresenta uma ordem cronológica e permite uma interpretação de como o tempo é usado pelos contadores de história. Os aspectos não cronológicos de uma narrativa correspondem a explicações e razões encontradas por detrás dos acontecimentos, aos critérios implícitos nas seleções feitas durante a narrativa, aos valores e juízos ligados à narração e a todas as operações do enredo. Compreender uma história é captar não apenas como o desenrolar dos acontecimentos é descrito, mas também a rede de relações e sentidos que dá à narrativa sua estrutura como um todo. É função do enredo organizar os episódios em uma história coerente e significativa. É vital, por isso, identificar o enredo na análise de narrativas. (2002, p. 108)

O primeiro quadro a ser interpretado, traz à tona a entrevista sobre a história de vida realizada com a idosa: Vera Maria (Pseudônimo) .

QUADRO Nº 1 - ANÁLISE DE ENTREVISTA NARRATIVA - PSEUDÔNIMO: VERA MARIA (19/06/2010)

INFÂNCIA		
Transcrição	**Paráfrases**	**Palavras – chave**
A: Dona VM, me conta como é que foi a sua infância...		
VM: Ótima... Mamãe tratava nós e papai bem. Eram turco né. Nós falava com 6 anos, nós já falava árabe. E nós assim...na cozinha, nós se rolava, dançava e a mamãe e o papai ali no pátio. Foi uma coisa linda, nunca deu tristeza. Eu fiquei triste agora depois que perdi meu marido, perdi a minha casa, mas eu não tinha...	"Foi uma coisa linda, nunca deu tristeza. Eu fiquei triste agora depois que perdi meu marido, perdi a minha casa, mas eu não tinha..."	Infância ótima.
A: A senhora morou com os seus pais?		
VM: Sim, quando era pequena era.	"Sim, quando era pequena era."	Infância com os pais.
A: E tinha irmãos?		
VM: Ai, tinha irmãos.	"Ai, tinha irmãos."	Tinha irmãos.
A: Qual foi a lembrança mais feliz assim, que a senhora lembra quando a senhora era criança. Uma coisa que aconteceu assim que foi muito boa?		
VM: Coisa boa que aconteceu... Não sei se tive uma...Sapato. Nós fazia uma roda de sapato e aliança e ficava uma com a meia e outra ficava com o sapato e outra com a meia. E passava assim as mão. Fecha quem é que quer ganhar, arrumava namorado. Era um horror assim...	"Coisa boa que aconteceu... Não sei se tive uma...Sapato. Nós fazia uma roda de sapato e aliança e ficava uma com a meia e outra ficava com o sapato e outra com a meia..."	Brincadeiras de infância
A: E uma lembrança da infância que deixa a senhora triste, alguma coisa que aconteceu quando a senhora era pequena?		
VM: Não foi tudo normal.	"Não foi tudo normal."	Infância normal.
A: A infância foi muito boa?		

VM: Foi, foi... Era só brincar e estudar e fazer a lida da casa.	"...Era só brincar e estudar e fazer a lida da casa."	Tarefas da infância.
A: Ajudava na lida da casa?		
VM: É. A mãe costurava, então um dia eu ficava na cozinha, outro dia ficava lá, ficava no pátio, limpava o pátio. Era uma função. Era controlado tudo assim... mais nós duas repartia muito bem. Mamãe fechava o quarto dela pra costurar. Quando ela saia eu chegava, nos beijava, tava tudo prontinho. Até a mesa do café... tá... isso tudo eu tenho lembrança. Mais falta, mais falta é de não poder estudar, isso...	"... A mãe costurava, então um dia eu ficava na cozinha, outro dia ficava lá, ficava no pátio, limpava o pátio. Era uma função. Era controlado tudo assim... mais nós duas repartia muito bem. Mamãe fechava o quarto dela pra costurar. Quando ela saia eu chegava, nos beijava, tava tudo prontinho. Até a mesa do café..."	Auxiliava a mãe no trabalho doméstico.
A: A senhora frequentou a escola né, até que série?		
VM: Até 14 anos.	"Até 14 anos."	Frequentou a escola até 14 anos.
A: Mas a senhora não lembra até que série estudou?		
VM: 6ª série.	"6ª série."	Estudou até a 6ª série.
A: Hi... a senhora estudou bastante então, naquela época era bastante.		
VM: Mais guria só queria escrever, só queria estudar. Tu vê eu não entendo mais nada, mas se uma pessoa me pergunta uma coisa eu fico louca pra saber. Porque se eu ficá sozinha aí...	"Mais guria só queria escrever, só queria estudar. Tu vê eu não entendo mais nada, mas se uma pessoa me pergunta uma coisa eu fico louca pra saber. Porque se eu ficá sozinha aí..."	Tinha vontade de estudar.
A: E por quê que parou Dona VM de estudar?		
VM: Depois eu me casei, aí já veio os filho, a mamãe doente e o papai doente. Começou a um na casa doente e a outra também. E foi indo, eu fui parando, parando... Aí veio os filho, envolvida com os filho, ensinava a eles a letra a, a letra b, eu sempre tive uma coisa pra cuidar... A minha cabeça chamava coisa pra cuidar... Agora, coisa que chamava e chama até hoje é a terra. Meu Deus como é que a Terra pode botar uma fruta de uma cor,	"Depois eu me casei, aí já veio os filho, a mamãe doente e o papai doente. Começou a um na casa doente e a outra também. E foi indo, eu fui parando, parando... Aí veio os filho, envolvida com os filho, ensinava a eles a letra a, a letra b, eu sempre tive uma coisa pra cuidar..."	Priorizou à família ao estudo.

uma fruta dotra, as flor...isso ficou.		
VM: Se eu tivesse seguido nos estudo, tivesse ido, eu acho que eu não era assim como agora. E por fim eu tinha isso com a terra.	“Se eu tivesse seguido nos estudo, tivesse ido, eu acho que eu não era assim como agora...”	Frustração por não estudar.
A: Os alunos respeitavam o professor naquela época?		
VM: Ah...respeitavam.	“Ah...respeitavam.”	Os professores eram respeitados.
A: A senhora estudou em Santa Maria?		
VM: É eu sou de lá, não é.		
A: Qual é a data de seu nascimento?		
VM: 3 de outubro de mil novecentos e não sei quanto. (risos)	“3 de outubro de mil novecentos e não sei quanto. (risos)”	Esqueceu o ano em que nasceu.
A: A senhora tem 80 anos né?		
VM: 80 anos...Até que eu tô enxergando bem com essa idade.	“80 anos...Até que eu tô enxergando bem com essa idade.”	Enxerga bem.
A: Muito bem, muito bem.		
VM: Se eu tivesse continuado a escrever eu não tava nessa coisa...mas depois parei de fazer, veio os filhos e até porque as coisas aparece e a gente não vê.	“Se eu tivesse continuado a escrever eu não tava nessa coisa...mas depois parei de fazer, veio os filhos...”	Frustração por não estudar mais.
A: Alguma coisa que a senhora lembre, que tenha uma lembrança seja boa ou ruim, o que aconteceu naquela época...		
VM: Naquela época era muito atrasada. A coisa mais bonita pra nós era de noite, verão, papai e a mãe sentado ali e nós cantando e o que ficava pra nós fazer no outro dia eu dava pras guria, cada uma pegava o papelzinho e saia cantando. Aquilo eu gostava tanto.	“Naquela época era muito atrasada. A coisa mais bonita pra nós era de noite, verão, papai e a mãe sentado ali e nós cantando e o que ficava pra nós fazer no outro dia eu dava pras guria, cada uma pegava o papelzinho e saia cantando. Aquilo eu gostava tanto.”	Época atrasada na sua infância.
A: Hum...Hum...gostava de estudar bastante então?		

VM: E o que eu sinto não ter vencido, se fosse nessa época... Tu estuda, porque o estudo vale tudo guria, ah como vale o estudo...!	“E o que eu sinto não ter vencido, se fosse nessa época... Tu estuda, porque o estudo vale tudo guria, ah como vale o estudo...!”	Valoriza a educação.
ADOLESCÊNCIA		
A: Quando a senhora era moça, que começou lá entrar na adolescência, com uns 13, 14, 15 anos...ãh...Como é que era aquela época? A senhora ia a baile?		
VM: Muito pouco.	“Muito pouco.”	Frequentava pouco a bailes.
A: Com que idade foi ao primeiro baile?		
VM: Foi no meu casamento.	“Foi no meu casamento.”	Primeiro baile no casamento.
A: A senhora era um mulher vaidosa?		
VM: Não..Nunca fui. Eu não me importava com arrumação. Mamãe cuidava muito disso. A minha irmã também. “Mulher de Deus tu já tomou banho, vai te vestir”. Uma coisa dessa e virava....Quando a mamãe descia lá pra baixo, tinha escada eu oh...! (fugia)	“Não..Nunca fui. Eu não me importava com arrumação. Mamãe cuidava muito disso. A minha irmã também...”	Não era vaidosa.
A: ...Não namorou ninguém antes do seu marido, então?		
VM: Não, não. Aí depois nós fomos um baile de turco tava dançando e dizendo verso e aquelas coisa de turco. Eu tenho um verso aí, cadê? Eu tenho escrito aí. “Atirei uma folha pra cima e caiu dentro dum copo de vidro, resolve teu coração que o meu já tá resolvido".	“Não, não. Aí depois nós fomos um baile de turco tava dançando e dizendo verso e aquelas coisa de turco. Eu tenho um verso aí, cadê? Eu tenho escrito aí: Atirei uma folha pra cima e caiu dentro dum copo de vidro, resolve teu coração que o meu já tá resolvido".	O único namorado foi o marido.
A: Que lindo, lindo!		
VM: Ali começou o namoro.	“Ali começou o namoro.”	Início do namoro no baile.
A: Que idade que a senhora tinha?		
VM: Ai, nem me lembro. Vivia a vida enrolada ali com aquelas coisas. Não dava bola pra... Eu só queria oh... (estudar).	“Ai, nem me lembro. Vivia a vida enrolada ali com aquelas coisas. Não dava bola pra...	Não lembra a idade que tinha ao namorar.

	Eu só queria oh... (estudar).”	
A: Aonde é que a senhora costumava ir, frequentar assim, passear? Aonde é que a senhora ia naquela época quando era moça?		
VM: Olha aquele tempo, tempo do matinê.	“Olha aquele tempo, tempo do matinê.”	Lazer era no matinê.
A: Só?		
VM: Só. E eu não gostava. Eu queria ficar em casa pra escrever.	“Só. E eu não gostava. Eu queria ficar em casa pra escrever.”	Preferia ficar escrevendo em casa.
A: Seus pais levavam vocês?		
VM: Mais eu chuliando pra ficar em casa pra escrever... Eu não tinha cabeça pra aquilo. Eu queria ser alguma coisa na vida... Mas não consegui...	“Mais eu chuliando pra ficar em casa pra escrever... Eu não tinha cabeça pra aquilo. Eu queria ser alguma coisa na vida... ...Mas não consegui...”	Ambicionava Ser mais.
A: Conseguiu sim. A senhora é a dona VM!		
VM: Não. Mas o que eu queria e até hoje eu olho, esse negócio de pergunta, resposta, tudo isso eu perdi né. Os meus irmãos, o rapaz era mais estudiosos que eu.	“Não. Mas o que eu queria e até hoje eu olho, esse negócio de pergunta, resposta, tudo isso eu perdi né...”	Apreciava estudar.
A: A senhora fazia algum tipo de atividade física, praticava algum esporte, cuidava do corpo?		
VM: Ah, do corpo cuidava.	“...do corpo cuidava.”	Cuidava do corpo.
A: Mas não fazia exercícios?		
VM: Não, isso não existia. Naquele tempo não existia.	“Não... Naquele tempo não existia.”	Não praticava atividade física.
A: Ler? Gostava de ler também?		
VM: Gostava. Eu com 15 anos escrevia cada carta que a professora mandava que eu achava linda. Eu sabia decifrar a pessoa, aquela pessoa eu decifrava o nome, começa com isso e com aquilo. Que coisa séria, eu chegava a ficar perdida. Depois que eu aprendi a palavra, qualquer coisa que aparecia eu queria saber o nome.	“Gostava... Depois que eu aprendi a palavra, qualquer coisa que aparecia eu queria saber o nome.”	Era muito curiosa.
VM: Mais tudo eu queria saber o nome. E se eu tivesse	“Mais tudo eu queria saber o nome. E se eu	Sentimento de frustração.

seguido...bah...	tivesse seguido...bah...”	
A: A senhora trabalhou fora?		
VM: Não.	“Não.”	Não trabalhou fora.
A: Nunca trabalhou? Nem quando era pequena?		
VM: Só com a lida da casa... Deus que te ajude! Por que depois que a gente fica com certa idade... Que tu possas ser professora toma conta bem de alguma coisa, que tu possa fazer bem e que daí vocês tirem alguma coisa pra viver. E não estudando...	“Só com a lida da casa... Deus que te ajude! Por que depois que a gente fica com certa idade... E não estudando...”	Cuidava só do lar.
ADULTEZ		
A: Agora nós vamos para o momento que a senhora casou...		
VM: ...Cuidava da guriazinha, cuidava dos meus, lavava, passava o dia envolta do serviço, todo o dia, todo o dia. E aquilo me ajudava, me ajudava muito... Não ajudou pra agora, se tivesse sido instruída por tudo aquilo que eu passei, hoje em dia eu era de outra maneira.	“...se tivesse sido instruída por tudo aquilo que eu passei, hoje em dia eu era de outra maneira.”	Vontade de ser diferente do que é.
VM: ...Agora foi uma vida de casada muito boa, nós não brigava, nunca brigava. Agora quando foi pra casar eu disse pra ele, vamo conversar quando der errado.	“...foi uma vida de casada muito boa...”	Vida de casada feliz.
A: Quantos anos a sua vida de casada?		
VM: A eu até nem me lembro... Mas era uma vida muito calma...	“...era uma vida muito calma...”	Vida calma de casada.
VM: Não tem mais ninguém... Só tenho os filho... Sogra? Eu não tive sogra, eu tive uma mãe.	“Não tem mais ninguém... Só tenho os filho...”	Só tem os filhos vivos.
VM: Vou te conta...! Que sogra boa que eu tive! Ela me dava mais carinho que a minha mamãe. Quando nascia os filhos, se tinha um buraquinho na parede ela ia lá com um paninho e tapava. Me cuidava, me cuidava....tomava conta de tudo. Depois começou, foi o marido, foi os dois filhos dela, quer dizer do meu	“...Que sogra boa que eu tive! Ela me dava mais carinho que a minha mamãe...”	Carinho recebido da sogra maior que da mãe.

marido foi tudo. Sim, parece que aquilo vem traçado. Eu digo traçado porque...Como é que pode? Vai indo, vai indo...Eu não acreditava. Depois parou um pouco e começou a família dele, assim um atrás do outro. Eu não sei como é que aquilo, eu não sei.		
VM: Ele (marido) dizia: Tu vai passar muito trabalho, porque a vida não é brincadeira, porque viver não é fácil. Eu escutava muita coisa e a minha sogra também escutava. E aquilo tudo eu guardava comigo e não é fácil. Olha guria, viver não é fácil. Não é fácil viver, meu Deus do Céu. Essa tu tem que trabalhar. (apontou para a cabeça)	"...Olha guria, viver não é fácil. Não é fácil viver, meu Deus do Céu. Essa tu tem que trabalhar. (apontou para a cabeça)"	Viver não é fácil.
VM: Era uma reunião lá em casa a família dele, com a minha, sempre estavam juntos. Não dava briga, não dava nada, como era bom. E Deus levou tudo, levou tudo guria, tudo, tudo...	"Era uma reunião lá em casa a família dele, com a minha, sempre estavam juntos. Não dava briga, não dava nada, como era bom. E Deus levou tudo, levou tudo guria, tudo, tudo..."	Sentimento de perda.
A: Cada um tem o seu momento de ir. E a gente tem que aceitar e esperar o nosso né.		
VM: Só ficou eu. Me diz porque que foi todo e ficou só eu?	"Só ficou eu. Me diz porque que foi todo e ficou só eu?"	Única sobrevivente da família.
VM: Era assim, foi indo, foi indo, foi indo...Era uma coisa que não dava alívio, foi tudo. Última foi a minha irmã, aí sim eu caí de tristeza. Minha vida mudou muito. Olha, enquanto tiver saúde, não briguem, conversem.	"Era assim, foi indo, foi indo, foi indo...Era uma coisa que não dava alívio, foi tudo..."	Tristeza pelas perdas familiares.
A: Dona VM a senhora acha que foi uma boa mãe?		

VM: Meu filho é apegado comigo.	“Meu filho é apegado comigo.”	Filho apegado com a mãe.
A: Com a sua filha a senhora acha que foi uma boa mãe, pra ela e pro seu filho? Desde quando eles eram pequenos assim? A senhora sempre acha que foi uma boa mãe pra eles?		
VM: Bah, eu quero um bem a ela. Ela é calma... Eu tive sorte com a família sabe, só não tive sorte no estudo, meu marido se foi...	“Bah, eu quero um bem a ela. Ela é calma... Eu tive sorte com a família sabe, só não tive sorte no estudo, meu marido se foi...”	Teve sorte com a família.
A: A senhora, o seu marido e os seus filhos costumavam passear onde?		
VM: Passear na pracinha. De tarde nós dava banho neles e ia pra pracinha, naqueles balanços, isso me dá saudade...	“Passear na pracinha. De tarde nós dava banho neles e ia pra pracinha, naqueles balanços, isso me dá saudade...”	Passeavam na pracinha.
VM: Agora eu só quero um pouco de saúde, Deus me deixando ver meus netos já criados, o que me importa é isso. Porque olha guria, eu não tenho mais alegria de viver.	“...Porque olha guria, eu não tenho mais alegria de viver.”	Não tem mais alegria de viver.
A: Não tem alegria de viver?		
VM: Não. Agora não tem mais. Alegria de quê? Não saio, não passeio, não tenho marido, não tenho os filhos, os filho a gente tem que se conformar.	“...Alegria de quê? Não saio, não passeio, não tenho marido, não tenho os filhos, os filho a gente tem que se conformar.”	Sentimento de tristeza.
A: A senhora tem alguma religião? Acredita em alguma coisa?		
VM: Eu...Os turco são muito católico. Mas os turco agora...Tem aqui o... como é...o espiritismo aqui né. Segunda-feira é aqui e domingo é aqui. Eu tenho lido muito livro espírito emprestado, mas eu não sei...eu sou católica. E tem as guria evangélica que	“...Eu tenho lido muito livro espírito emprestado, mas eu não sei...eu sou católica. E tem as guria evangélica que vem toda semana aqui.”	Incerteza quanto a religião.

vem toda semana aqui.		
VM: Eu to velha, eu to aprendendo...	“Eu to velha, eu to aprendendo...”	Sente-se aprendiz ainda.
VELHICE		
VM: Aí veio aqui falou com o chefe, aí ela foi lá e falou com a minha filha. A minha filha disse tem que ir não te outro remédio, tem que ir.	“...A minha filha disse tem que ir não te outro remédio, tem que ir.”	Teve que ir morar no Asilo.
A: Ela que lhe trouxe aqui há sete anos atrás?		
VM: Aí, arrumemo a roupa, minha filha chorava, eu chorava, bah! A freira chorava tanto, tanto que dava pena de se ver. To tirando uma mãe duma filha, aí me trouxeram pra cá. Mas o que eu tenho passado...	“...Aí, arrumemo a roupa, minha filha chorava, eu chorava, bah!... Mas o que eu tenho passado...”	A filha levou-a para o asilo.
A: O seu marido já tinha falecido quando a senhora veio pra cá?		
VM: Sim já, já tinha.	“Sim já, já tinha.”	Já era viúva.
A: Aí a senhora ficou morando um tempo na casa da sua filha ou não?		
VM: Fiquei. Eu tava meio estonteada no início, não sabia o que ia fazer. Mas a freirinha sempre lá me ajudou muito.	“Fiquei. Eu tava meio estonteada no início, não sabia o que ia fazer...”	Morou no início com a filha.
A: Sim. Aí a sua filha disse que a senhora tinha que vir pra cá?		
VM: Não tinha outro remédio. Se eu tivesse ficado lá acho até que ele tinha me matado. Ele é esqui...como é que é?	“Não tinha outro remédio. Se eu tivesse ficado lá acho até que ele tinha me matado...”	Sentia medo do neto
A: Esquizofrênico? Quem o seu neto?		

VM: É. Ele não tem cura, dá aquelas fúria ele bate, bate, bate na parede. Já deu na mãe, já deu no pai e vai pro dotor, vai pra aqui via pra ali...	“Ele não tem cura, dá aquelas fúria ele bate, bate, bate na parede...”	Neto esquizofrênico.
A: Ele chegou a lhe maltratar alguma vez? O seu neto chegou a bater na senhora já?		
VM: Mas até hoje me dói o soco que ele me deu. Ai eu disse pra.....eu chorei tanto, chorei tanto. Como é que aconteceu isso... Na época eu fui orando, eu oro muito. Pedi pra me conformar. Só tem que ficar pra onde que eu vou. Meu filho mora na Bahia. Ela tem três crianças, só vou pra dar trabalho pra ela.	“Mas até hoje me dói o soco que ele me deu. Ai eu disse pra.....eu chorei tanto, chorei tanto. Como é que aconteceu isso... Na época eu fui orando, eu oro muito. Pedi pra me conformar...”	Foi agredida pelo neto.
VM: ... Já não sei mais nada da minha vida. Sei é que não dá pra eu continuar ficando aqui, de jeito nenhum.	“...Já não sei mais nada da minha vida. Sei é que não dá pra eu continuar ficando aqui, de jeito nenhum.”	Não quer continuar no asilo.
A: Não quer mais continuar morando aqui?		
VM: Não. Eu queria um lugar que me respeitasse, conversasse alguma coisa.	“...Eu queria um lugar que me respeitasse, conversasse alguma coisa.”	Não se sente respeitada no asilo.
A: O seu dia a dia aqui? O que a senhora faz desde a hora quando a senhora que se acorda até a hora de dormir?		
VM: Eu tenho uma vontade assim de levantar e lavar roupa. Assim, aquela vida da minha casa, sinto muita falta. Bah! Leio...	“...Assim, aquela vida da minha casa, sinto muita falta. Bah! Leio...”	Saudade da vida do lar.
A: A senhora lê?		
VM: Pego jornal, livro, tenho muito livro. Esse os evangélico me trouxe, livro católico, tenho muito livro pra ler. Isso me ajuda	“Pego jornal, livro, tenho muito livro. Esse os evangélico me trouxe, livro católico,	Pratica leitura no asilo.

muito.	tenho muito livro pra ler. Isso me ajuda muito.”	
A: E conversa com outras pessoas ou não conversa?		
VM: Aqui só quando vem visita me ver. A minha vida tá sendo uma coisa que eu não esperava na minha vida, isso.	“Aqui só quando vem visita me ver. A minha vida tá sendo uma coisa que eu não esperava na minha vida, isso.”	Conversa pouco no asilo.
A: Mas a senhora pensava em planejar a sua velhice, planejou a sua velhice ou não?		
VM: Não.	“Não.”	Não planejou a velhice.
VM: Perdi tudo, tudo, tudo. Se não é eu rezar as minhas oração, conversar com Deus, Jesus, eu não aguentava. Ele me dá força, Jesus nosso senhor, ele me dá força.	“Perdi tudo, tudo, tudo. Se não é eu rezar as minhas oração, conversar com Deus, Jesus, eu não aguentava. Ele me dá força, Jesus nosso senhor, ele me dá força.”	Sentimento de fé.
A: O que a senhora acha que poderia fazer aqui no asilo, uma coisa que a senhora gosta de fazer, que a senhora ainda pode fazer e que não faz?		
VM: Muita coisa....Mas o caso é o que eu vou fazer?	“Muita coisa....Mas o caso é o que eu vou fazer?”	Incerteza do que ainda pode fazer.
A: A senhora disse que arruma o quartinho, que lê, que mais? O que a senhora tinha, o que a senhora gostava de fazer?		
VM: Sempre lendo, sempre lendo mesmo... Final, nada é resolvido por mim aqui, não tem jeito.	“Sempre lendo, sempre lendo mesmo... Final, nada é resolvido por mim aqui, não tem jeito.”	Lê sempre.
VM: Ainda se eu tivesse saúde, eu arrumava a casa, limpava, pra mim era uma beleza. Eu gosto muito da limpeza da casa né. Mais eu não tenho condições, eu não posso me machucar. Mais eu	“...Mais eu adoro a limpeza da casa, bah como eu gosto. Limpa a casa, varrer o pátio, limpar o jardim. A minha vida era assim, era	Saudades da vida do lar.

adoro a limpeza da casa, bah como eu gosto. Limpa a casa, varrer o pátio, limpar o jardim. A minha vida era assim, era tão bom.	tão bom.”	
VM: O que eu to sofrendo, que Deus ajude que ninguém passe por isso. Sabe o que é o inferno? É isso aqui.	“O que eu to sofrendo, que Deus ajude que ninguém passe por isso. Sabe o que é o inferno? É isso aqui.”	Sofre muito no asilo
A: O inferno é isso aqui?		
VM: Aqui é o inferno, porque tão sempre brigando.	“Aqui é o inferno, porque tão sempre brigando.”	O asilo é o inferno.
A: E dona VM a senhora acha...lembrar da sua vida deixa a senhora triste ou feliz?		
VM: O tempo da minha casa foi coisa muito linda, bah...	“O tempo da minha casa foi coisa muito linda, bah...”	Vida feliz no lar.
A: Se lembrar desde o início, desde quando a senhora era criança, depois quando a senhora ficou moça, depois...		
VM: Tudo bom, tudo tudo bom. Tudo bom mas não sei, tinha uma coisa que não me alegrava. Eu tava vendo que eu ia passar isso. Agora a mãe dele, bah! Deus que ilumine ela. Tão boa, tão boa, tão boa foi comigo. Deus levou. Como é que foi tudo de repente? E de repente eu fiquei sozinha. Não to sozinha deixa eu corrigir. Não eu tenho meus dois filhos. Me perdoa meu Deus.	“Tudo bom, tudo tudo bom. Tudo bom mas não sei, tinha uma coisa que não me alegrava. Eu tava vendo que eu ia passar isso...”	Consciência do que ia passar.
A: Dona VM como é que a senhora acha que o idoso, que a pessoa quando fica velha o velhinho, como é que ele é tratado assim na nossa sociedade? Como é que a senhora acha que as pessoas tratam as pessoas mais velhas?		
VM: Olha, tirando do portão eu não conheço ninguém.	“Olha, tirando do portão eu não conheço	Desconhece como o idoso é tratado.

	ninguém.”	
A: Quais são as coisa mais importantes agora nessa vida pra senhora hoje?		
VM: É meu filho me telefonar.	“É meu filho me telefonar.”	O mais importante é o filho ligar.
A: Se a senhora pudesse voltar lá no passado e mudar alguma coisa na sua vida, o que a senhora mudaria?		
VM: O que me tirava era a tristeza. Me tirava a tristeza porque aí eu ia pra minha casa, com a minha família, com o meu marido, só alegria que me dava.	“O que me tirava era a tristeza. Me tirava a tristeza porque aí eu ia pra minha casa, com a minha família, com o meu marido, só alegria que me dava.”	Gostaria de tirar a tristeza.
A: Humm...humm. Hoje a senhora se acha uma pessoa triste?		
VM: Hoje eu não tenho nada. Tem turcos aí, patrícios meus que eu nem procurei, porque não quis que eles vissem sabem que eu to aqui.	“Hoje eu não tenho nada...”	Sentimento de vazio.
A: Quem é a dona VM hoje?		
VM: Desmanchou. (risos) Desmanchou a dona VM.	“Desmanchou. (risos) Desmanchou a dona VM.”	Desmanchou-se.
A: Como é que ela era antes?		
VM: Alegre, contente, cantando, limpando, arrumando. Eu gostava muito de limpar, ariando, limpando, cantando e passava o dia assim. Aquilo tão lindo, tão lindo! Foi de repente uma coisa assim.	“Alegre, contente, cantando, limpando, arrumando. Eu gostava muito de limpar, ariando, limpando, cantando e passava o dia assim. Aquilo tão lindo, tão lindo!”	Era alegre, feliz e disposta.

A: E aí hoje a dona VM quem é?		
VM: Eu até nem sei,....não sei nada. Não sei se eu sou dona de não sei do que. Olha, tem tanta coisa que eu tenho passado, que eu ando muito triste. Eu peço força que eu quero que o meu filho telefone, eu quero falar com ele. Ainda a minha filha com o marido daquele jeito...	“Eu até nem sei,....não sei nada. Não sei se eu sou dona de não sei do que. Olha, tem tanta coisa que eu tenho passado, que eu ando muito triste...”	Perda da sua identidade.
A: Que a senhora gostaria de falar sobre a sua vida, depois de tudo isso que aconteceu?		
VM: Tudo é isso aí... É esse reboliço, reboliço.	“Tudo é isso aí...É esse reboliço, reboliço.”	Sua vida é esse reboliço.
A: Quanto tempo faz que a senhora não vai à rua ali, passa do portão pra lá?		
VM: Nem sei quanto tempo...	“Nem sei quanto tempo...”	Não sabe o tempo que não sai do asilo.
A: Depois que a senhora veio morar aqui a senhora não saiu mais pra rua?		
VM: Não, imagina!	“Não, imagina!”	Não saiu mais para rua.
VM: Tem os patrícios aí, os turco, mas eu não quero nem...	“Tem os patrícios aí, os turco, mas eu não quero nem...”	Não quer ver seus patrícios.
A: Bom, a senhora tem alguma coisa pra me contar a mais da sua infância que a senhora lembre e não tenha me dito?		
VM: Bah, isso foi uma vida maravilhosa. Nós nunca briguemo.	“Bah, isso foi uma vida maravilhosa...”	Foi uma vida maravilhosa.
A: Eram quantos irmãos mesmo?		

VM: De irmãos só três.	“De irmãos só três.”	Só três irmãos.
VM: E nós passeando, domingo tinha matinê e o papai e a mamãe quando fazia alguma coisa errada, se fechavam os dois no quarto e conversavam, sempre conversavam. Nunca brigaram. Isso ajudava muito nós né.	“E nós passeando, domingo tinha matinê e o papai e a mamãe quando fazia alguma coisa errada, se fechavam os dois no quarto e conversavam, sempre conversavam. Nunca brigaram. Isso ajudava muito nós né.”	Os pais nunca brigavam.
A: Então, de toda a sua vida o que a senhora acha que tá sendo mais difícil é a velhice?		
VM: Mais prá lá de difícil...Poxa!	“Mais prá lá de difícil...Poxa!”	Muito difícil a velhice.
A: O que a senhora acha que tá sendo mais difícil de viver na velhice?		
VM: É o meu filho telefonar. Hoje se ele me ligar de lá eu sou a pessoa mais feliz. Não faz idéia domingo, da minha tristeza de domingo.	“É o meu filho telefonar. Hoje se ele me ligar de lá eu sou a pessoa mais feliz. Não faz idéia domingo, da minha tristeza de domingo.”	Tristeza porque o filho não liga.
VM: A minha filha com o marido sofrendo, eu aqui sem poder ajudar, sem poder fazer nada. É brabo sabe, muito brabo. A gente perde a noção, a gente perde tudo, tem horas que eu me esqueço de tudo, tudo, tudo. Meu Deus do céu, será que eu to louca? Saio lá pra fora assim... Olha guria, ter a casa e depois perder, o meu marido, bah o meu marido era bom.	“...É brabo sabe, muito brabo. A gente perde a noção, a gente perde tudo, tem horas que eu me esqueço de tudo, tudo, tudo. Meu Deus do céu, será que eu to louca? Saio lá pra fora assim... Olha guria, ter a casa e depois perder, o meu marido, bah o meu marido era bom.”	Perda da noção de tudo.
A: Se a senhora tivesse planejado a sua velhice, a senhora acha que a sua vida seria diferente do que é?		
VM: Eu acho que se tivesse planejado aí tinha já.	“Eu acho que se tivesse planejado aí tinha já.”	Se tivesse planejado a velhice poderia ter sido diferente.

A: Tipo assim, se a senhora tivesse ficado lá na sua casa em Santa Maria, se tivesse colocado uma pessoa pra morar na sua casa e cuidar da senhora, se tivesse ficado assim...		
VM: Eu sei. Mais isso assim, no momento não me vinha na cabeça. Eu pra morar sozinha não posso. E com o meu filho diz, bota dentro de casa quem não se conhece, não se pode.	"Eu sei. Mais isso assim, no momento não me vinha na cabeça. Eu pra morar sozinha não posso. E com o meu filho diz, bota dentro de casa quem não se conhece, não se pode."	Não pensou em permanecer na sua casa.
A: Tá, então a senhora acha que vai ficar sempre aqui?		
VM: Até morrer né.	"Até morrer né."	Pensa que vai morrer no asilo.
A: A senhora tem ou teve preferência, assim de quem que a senhora gosta mais assim do seu filho ou da sua filha? Ou gosta dos dois do mesmo jeito?		
VM: Gosto dos dois. Eu sinto saudade... Quando vejo um fico doida, quando vejo o outro fico doida.	"Gosto dos dois. Eu sinto saudade... Quando vejo um fico doida, quando vejo o outro fico doida."	Gosta dos dois filhos igual.
VM: Mais eu to lutando como um homem gigante pra falar, o dia que eu falar com ele, aí me passa isso. Aí eu vou puder reagir, pensar e conversar de outra maneira.	"Mais eu to lutando como um homem gigante pra falar, o dia que eu falar com ele, aí me passa isso. Aí eu vou puder reagir, pensar e conversar de outra maneira."	Necessita falar com o filho.
A: Tem que andar com a unha pintada, tem que pintar o cabelo. A senhora não gosta de pintar o cabelo?		
VM: Eu gosto, mas aí tenho que deixar os remédios de lado. E eu tenho que deixar de lado pra...Então não me adianta com a cabeça pintada e ...	"Eu gosto, mas aí tenho que deixar os remédios de lado..."	Tem que optar entre vaidade ou remédios.

A: A senhora recebe um salário mínimo de aposentadoria?		
VM: É.	“É.”	Recebe um salário mínimo.
VM: A vida era tão boa e nesse intervalo da minha vida boa, não sei porque que eu não, agora que eu to vendo que era tão feliz, porque eu não fiz isso. Quer dizer, agora que eu to caindo na realidade.	“A vida era tão boa e nesse intervalo da minha vida boa, não sei porque que eu não, agora que eu to vendo que era tão feliz, porque eu não fiz isso. Quer dizer, agora que eu to caindo na realidade.”	Sentimento de felicidade antes e de tristeza hoje.

Dona Vera Maria (Pseudônimo) ingressou no Asilo de Pobres do Rio Grande em 16/08/2001, segundo dados da administração. A data de seu nascimento foi pesquisada junto a secretaria do asilo e consta registro em 03/10/1921. Segundo esta data, Dona Vera Maria tem 89 anos, não coincidindo com a idade informada por ela, que é de 80 anos. Percebe-se então, que resgatar fielmente a memória em idosos, não é tarefa fácil. Depende de muitos fatores para que não ocorra contradições entre suas falas e seus registros. Neste aspecto, Bosi (2007, p. 54) assim acrescenta: "[...] A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo."

Foi possível observar, através da narrativa da história de vida de Dona Vera Maria, que a fase de sua infância foi muito tranquila, junto aos seus pais e irmãos. Como ela mesma disse: *"...Foi uma coisa linda, nunca deu tristeza..."*, não recordando nenhum fato que tenha a deixado triste nessa fase da vida. Segundo ela, a infância era: *"...só brincar e estudar e fazer a lida da casa."* Dona Vera Maria estudou até os 14 anos e concluiu a 6ª série do ensino fundamental, lamentou muito o fato de não poder continuar estudando, já que sempre gostou de aprender tudo o que despertava sua curiosidade.

Dona Vera Maria, precisou abrir mão de estudar para atender a vida no lar e auxiliar as pessoas da família que adoeciam. Ela afirmou que: *"...Se eu tivesse seguido nos estudo, tivesse ido, eu acho que eu não era assim como agora..."* Através de sua narrativa foi percebido a frustração que sente por não ter tido a oportunidade de frequentar a escola. Nota-se que essa é a maior lamentação da sua infância e adolescência. A adolescência pelo que consta não foi ruim, mas foi precária em termos sociais e afetivos.

As lembranças de Dona Vera Maria, mais uma vez entram em contradição. Segundo ela, o primeiro baile que frequentou foi no dia do seu casamento, mas prosseguindo no seu discurso, foi no primeiro baile que conheceu seu marido. Nota-se novamente, a divergência entre as lembranças e as palavras advindas dessa idosa. Assim, Bosi contribui quando escreve sobre lembranças:

> A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo. (2007, p. 68)

Não tendo como intenção desorganizar a ordem cronológica das lembranças, Dona Vera Maria continuou narrando sua história e afirmou que o seu marido foi o primeiro e único namorado. As atividades sociais daquela época, resumia-se apenas no "matinê". Seus pais a levava, mas preferia ficar em casa lendo e escrevendo. Dona Vera Maria admitiu nunca ter sido uma mulher vaidosa e nem tão pouco cuidava da saúde fazendo exercícios físicos. Sua fase de mocidade, não foi explorada por amizades, namoros, relações sociais e afetivas. Foi oferecido o mínimo para seu desenvolvimento social, já que não estudava e não trabalhava na adolescência. Seus relacionamentos ficavam em torno da família e mais tarde do marido e filhos.

A fase vivenciada por Dona Vera Maria na vida adulta, segundo seus relatos, foi muito feliz. Gostava do serviço doméstico, convivia bem com o marido e com os filhos, sem brigas. Quando perguntei à ela por quantos anos foi casada, ela não se recordou, mas confirmou: *"... era uma vida muito calma..."* Falou sobre o bom relacionamento entre as famílias do marido e a sua, lamentou muito as perdas dos entes queridos, conforme falou: *"...Era uma reunião lá em casa a família dele, com a minha, sempre estavam juntos. Não dava briga, não dava nada, como era bom. E Deus levou tudo, levou tudo guria, tudo, tudo..."*

Quando a questionei sobre o seu papel de mãe, respondeu que o filho é apegado a ela e a filha é muito calma. Não explorou nenhuma questão de afetividade ou de identidade para com os filhos. Percebi além da distância física a distância emocional entre eles, primeiro porque o filho mora no estado da Bahia e a filha em Rio Grande, mas cuida do marido doente e do filho com esquizofrenia. A falta de convívio frequente com os filhos, diminui a relação de carinho entre eles, tão necessária durante a vida, principalmente na velhice. Mesmo assim, Dona Vera Maria afirmou até o momento que: *"...Eu tive sorte com a família sabe, só não tive sorte no estudo..."*

Dona Vera Maria citou unicamente como atividade social quando casada e com os filhos pequenos, a ida na pracinha. Era esse o lugar onde ela e o marido levavam os filhos para passear. Lembrou com muito saudosismo essa época e expressou o seguinte desejo: *"...Agora eu só quero um pouco de saúde, Deus me deixando eu ver meus netos já criados, o que me importa é isso. Porque olha guria, eu não tenho mais alegria de viver..."* De posse dessa declaração, questionei o porquê de não sentir mais alegria e encontrei como resposta o que segue: *"...Não. Agora não tem mais. Alegria de quê? Não saio, não passeio, não tenho*

marido, não tenho os filhos, os filho a gente tem que se conformar...” Busquei em meio a sua tristeza um consolo para sua alma e a questionei sobre a crença em uma religião. Senti sua indecisão quanto a uma religião elegida e percebi o seu respeito às várias maneiras que o homem tem de chegar até Deus.

A velhice está sendo para esta idosa uma das fases mais difíceis da vida. Segundo suas memórias, ela reside no asilo há sete anos, mas conforme a data oficial de chegada na instituição, completará em 2011, dez anos. Mais uma vez, houve desencontros na medição do tempo. Na convivência com as idosas durante a aplicação das entrevistas, bem como ao longo da análise dos dados pude observar que dentro da instituição os dias são iguais. Sem motivações, os idosos passam a viver cada dia igual ao outro, perdendo a noção do tempo, de suas identidades, de suas lembranças.

Dona Vera Maria foi levada ao asilo por sua filha, com quem morou alguns anos antes de chegar a instituição. Diante dos problemas de saúde do genro e os maus tratos do neto esquizofrênico, o asilo foi a única opção que lhe restou de moradia. Tinha medo de morrer nas mãos do neto e desabafou seus sentimentos quando assim disse: *“...Mas até hoje me dói o soco que ele me deu. Ai eu disse pra.....eu chorei tanto, chorei tanto. Como é que aconteceu isso... Na época eu fui orando, eu oro muito.”*

Em se tratando dos sentimentos de idosos nas instituições, Porto & Koller citam Bronfenbrenner (1979/1996) quando assim escrevem:

> [...]A instituição é hoje para eles o microssistema no qual ocorrem as relações mais íntimas, caracterizando-se como o núcleo de maior importância em suas vidas. Quanto mais saudáveis forem as relações, com estabilidade, reciprocidade e equilíbrio de poder, mais felizes e ajustadas socialmente serão as pessoas. (2008, p. 06)

Continuando a escuta de sua história de vida, confessou que não gostaria de continuar residindo no asilo. Gostaria de morar num lugar em que a respeitasse e afirma que vive num inferno, pois existem muitas brigas na instituição. Disse que passa os dias lendo, alguns livros evangélicos e outros espíritas. Não esperava que sua vida fosse resumida no que está vivenciando agora. Quando a questionei se houve planejamento da sua velhice, Dona Vera Maria respondeu objetivamente que não. Lamenta suas perdas e reafirma sua fé, notável na expressão que segue: *“...Perdi tudo, tudo, tudo. Se não é eu rezar as minhas oração,*

conversar com Deus, Jesus, eu não aguentava. Ele me dá força, Jesus nosso senhor, ele me dá força...”

Dona Vera Maria perdida em sua identidade, na sua baixa auto-estima, não enxerga nenhuma atividade que ainda poderia desenvolver no asilo, sendo respeitadas as suas limitações, já que depende de cadeira de rodas para locomover-se. Acredita que para mais nada serve e afirma que se ainda tivesse um pouco de saúde, o que mais gostaria de fazer novamente, eram os trabalhos domésticos. E recordando, concluiu que: *“... O tempo da minha casa foi coisa muito linda, bah...”*

Nesse sentido, Costa aponta soluções para o desenvolvimento dos idosos na velhice:

> No entanto, se o indivíduo se propuser, em qualquer atividade, imprimir toda a sua vontade e todo o seu potencial, fazendo o melhor possível dentro de suas limitações, não há justificativa para desânimo ou sentimento de inutilidade ou incompetência. As atividades podem ser adaptadas de acordo com os interesses e as necessidades dos idosos, valorizando-se mais o ato em si do que a velocidade imprimida ao movimento. A sua aprendizagem se faz de modo mais lento e talvez seja por isso que eles conseguem checar seus erros com mais prudência e rapidez. Cabe aos profissionais orientá-los nas atividades, incentivando-os a esforçarem-se em cumprir os objetivos da tarefa, pois, caso contrário, a sensação de insatisfação com seu próprio desempenho pode ocorrer. (2001, p. 98)

Durante o envelhecimento, todas as pessoas sofrem mudanças internas e externas, isso faz parte do processo. Para essas mudanças devem ser buscadas adaptações, onde a avaliação que se faz de si mesmo pode tornar-se uma alavanca para um bom envelhecimento ou um precipício para perda da auto-estima e doenças depressivas. A este respeito, Neri & Freire escrevem sobre a importância de desenvolver durante a vida o sentimento de amor próprio:

> De uma forma bastante simplificada, auto-estimar-se significa gostar de nós mesmos, nos apreciarmos de modo genuíno e realista. Não se trata, portanto, de um excesso de valorização de nossa própria pessoa, de arrogância ou egocentrismo. Gostamos daquilo que realmente somos, aceitando nossas habilidades e também nossas limitações. (2000, p. 33)

Seguindo a escuta atenta, questionei qual era a opinião de Dona Vera Maria sobre a existência ou não do respeito aos idosos na sociedade. Ela respondeu: *“...Olha, tirando do*

portão eu não conheço ninguém...” Sua fala, mais uma vez, expressou a ausência de uma inserção social. Sua vida ficou restrita ao ambiente do asilo e suas potencialidades ficaram limitadas a estímulos que não são recebidos para um melhor desenvolvimento na velhice.

A idosa referida apega-se demasiadamente na expectativa do filho que mora longe em procurá-la. Ela acredita que a partir dessa dia, conseguirá ser mais feliz. Insiste em dizer que no asilo, não a chamam quando o filho liga, sendo que a versão da secretaria é de que o filho nunca telefona para ela.

Quando a indaguei sobre alguma mudança que gostaria de fazer na sua vida, ela respondeu que gostaria de tirar a tristeza que sente e ter sua vida de volta. Sua casa, seu marido, seus filhos que tanto davam alegria aos seus dias. Completou dizendo que hoje não tem mais nada e se vê como alguém que se desmanchou. Antes da velhice, se considerava uma pessoa alegre, disposta, com gosto por viver. Hoje, ela se vê assim: *“...Eu até nem sei,....não sei nada. Não sei se eu sou dona de não sei do que. Olha, tem tanta coisa que eu tenho passado, que eu ando muito triste...”*

Dona Vera Maria não recordou sua idade real, quanto tempo está na instituição, a idade que começou a namorar o marido, a idade com que se casou e nem quanto tempo faz que não sai para rua, ou seja, fora da instituição. Perdas materiais das lembranças e não dos sentimentos. Vivencia suas emoções e dores passadas de forma intensa. Esqueceu dos registros de datas por não ser pra ela algo importante. Não esqueceu dos momentos felizes da infância, mocidade e vida adulta. Lamentou a tristeza que sente de tudo o que teve e não tem mais, das pessoas que perdeu e das coisas que viveu e que não voltarão.

Afirmou que acredita que vai permanecer no asilo até morrer, já que não existe outro lugar para ficar. Eu disse à ela que deveria procurar ficar bonita, valorizar-se mais e ela me respondeu que para isso teria que optar entre remédios ou cosméticos, pois recebe apenas um salário mínimo da aposentadoria do marido. Reafirmou novamente, toda a expectativa que põe sobre o filho lhe procurar, que reagirá melhor quando isso acontecer. Finalizei a entrevista com a fala de Dona Vera Maria*: “... A vida era tão boa e nesse intervalo da minha vida boa, não sei porque que eu não, agora que eu to vendo que era tão feliz, porque eu não fiz isso. Quer dizer, agora que eu to caindo na realidade...”*

A análise desta entrevista e os conhecimentos advindos da experiência de vida de Dona Vera Maria, reporta a importância de relações afetivas saudáveis entre as pessoas e da

influência do meio ambiente como espaço para essas interações. Precisa-se redefinir a velhice, negar a idéia de tempo acabado, e sim de continuidade da vida. A dignidade de viver e a significação de existir andam paralelas ao convívio social que os cercam e aos sentimentos de respeito, amor e admiração por quem tem muitos ensinamentos a socializar. Assim Abramowicz escreve:

> Muito mais eficiente que os remédios antidepressivos seria o contato com o Outro, que sopra mesmo quando os outros se vão, e cujo sopro pode tornar a todos que não cessam de vir membros de uma mesma família [...] (2001, p. 186)

O segundo quadro a ser interpretado, traz à tona a entrevista sobre a história de vida realizada com a idosa: Carolina (Pseudônimo).

QUADRO Nº 2 - ANÁLISE DE ENTREVISTA NARRATIVA – PSEUDÔNIMO: CAROLINA (10/07/2010)

INFÂNCIA		
Transcrição	**Paráfrases**	**Palavras - chave**
A: Dona Carolina me conta o que a senhora lembra da sua infância?		
C: Eu me lembro quando eu fui para o ...Tu sabes que eu tinha essa idade eu me lembro que eu fui pro asilo.	"...Tu sabes que eu tinha essa idade eu me lembro que eu fui pro asilo."	Asilo.
A: Como é que era a sua vida? Com quem que a senhora morava?		
C: Morava cá minha mãe.	"Morava cá minha mãe."	Morava com a mãe.
A: E o seu pai?		
C: Eu não tinha pai.	"Eu não tinha pai."	Não teve pai.
A: E tinha irmãos?		
C: Tinha um irmão.	"Tinha um irmão."	Tinha um irmão.
A: Sim. Mas era só ele de irmão ou tinha mais?		
C: Tinha, tenho um irmã que mora em Caxias, que ela anda muito doente também.	"Tinha, tenho um irmã que mora em Caxias..."	Tem uma irmã.
A: Sim. Mas o que a senhora lembra mais assim, lá quando a senhora era pequeninha, da sua infância. A sua infância foi boa? Como é que foi?		

C: Acho que foi boa, acho que foi boa.	“Acho que foi boa, acho que foi boa.”	Acha que a infância boa.
A: Quando lembra, lembra com coisas boas assim?		
C: É, eu fiquei lá até quatorze anos, no asilo Coração de Maria.	“É, eu fiquei lá até quatorze anos, no asilo Coração de Maria.”	Morou no Asilo Coração de Maria.
A: Era um internato?		
C: Era um internato...	“Era um internato...”	No internato.
A: Porque que a sua mãe lhe colocou lá?		
C: Porque ela tinha que trabalhar e não tinha quem me cuidasse né.	“Porque ela tinha que trabalhar e não tinha quem me cuidasse né.”	A mãe precisava trabalhar.
A: E os seus irmãos ficavam lá também?		
C: O meu irmão era mais moço do que eu, não. Ficava com a minha mãe.	“O meu irmão era mais moço do que eu, não. Ficava com a minha mãe.”	O irmão ficava com a mãe.
A: Mas a sua mãe ia lhe visitar?		
C: Ia de vez em quando. Muito não porque ela morava em Pelotas quando eu tava lá no asilo.	“Ia de vez em quando.”	Recebia poucas visitas da mãe.
A: Sim. E ela trabalhava em quê?		
C: Ah... Em casa de família, cozinheira, ela era cozinheira.	“...Em casa de família, cozinheira, ela era cozinheira.”	A mãe era cozinheira.
A: Até que idade a senhora morou lá?		
C: Eu me lembro bem que foi com quatorze anos que a minha	“Eu me lembro bem que foi com quatorze anos que a minha mãe foi lá me tirar, pra	Saiu do internato com 14 anos.

mãe foi lá me tirar, pra mim pode trabalha, pra ajuda ela.	mim pode trabalha, pra ajuda ela.”	
A: Ah, sim...Mas a senhora acha que teve uma infância boa ou foi uma infância difícil?		
C: Não... Foi boa sabe, foi boa....	“Foi boa sabe, foi boa....”	Infância boa.
A: Quais eram as brincadeiras assim que a senhora gostava?		
C: Ah, gostava de brincar de roda. A gente brincava de roda.	“Ah, gostava de brincar de roda...”	Gostava de brincar de roda.
A: Até que série a senhora estudou?		
C: Acho que lá foi até o quarto, quinto ano, acho, até o quinto ano.	“Acho que lá foi até o quarto, quinto ano, acho, até o quinto ano.”	Estudou até o quinto ano.
A: Depois continuou?		
C: Não, depois eu não continuei.	“Não, depois eu não continuei.”	Não estudou mais.
A: Parou de estudar?		
C: Tinha que trabalhar, não podia.	“Tinha que trabalhar, não podia.”	Tinha que trabalhar, parou de estudar.
A: E aí foi trabalhar em que Dona Carolina?		
C: Em casa de família.... Cuidava crianças também.	“Em casa de família.... Cuidava crianças também.”	Trabalhou em casa de família e de babá.
C: Tive até os quatorze anos e depois aí eu fui pra... pro...Depois eu me casei, me casei... Tive um filho só e faz pouco tempo, faz cinco anos que ele morreu.	“ Tive até os quatorze anos e depois aí eu fui pra... pro...Depois eu me casei, me casei... Tive um filho só e faz pouco tempo, faz cinco anos que ele morreu.”	Casou e teve um filho.

A: Tá, mais assim na...na infância a senhora tem alguma lembrança que deixa triste, quando a senhora lembra assim alguma coisa que passou...		
C: Ah, que faz tanto tempo né.... Eu tô muito velha.	“Ah, que faz tanto tempo né.... Eu tô muito velha.”	Não lembra muito da infância.
A: É difícil lembrar né? É difícil lembrar. Mas não lembra. Foi boa então?		
C: Foi muito boa.	“Foi muito boa.”	Confirma infância boa.
A: Não, eu digo lá no internato. A sua vida de criança foi boa?		
C: Ah, lá no internato...foi boa, foi muito boa... Eles tratavam bem a gente, a gente passeava, tudo.	“Ah, lá em internato...foi boa, foi muito boa... Eles tratavam bem a gente, a gente passeava, tudo.”	Era bem tratada no internato.
A: Sim. Não sei se a senhora tem mais alguma coisa que gostaria de falar dessa época em que era criança?		
C: Dessa época , dessa época não, não me lembro , que faz anos...	“Dessa época , dessa época não, não me lembro , que faz anos...”	Não se recorda mais da infância.
ADOLESCÊNCIA		
A: E assim...A senhora estudou até a quinta série né, até o quinto ano que a senhora falou agora.		
C: É.	É.	Estudou até o quinto ano.
A: E gostava de escola?		
C: De escola ...tinha adoração!	“De escola ...tinha adoração!”	Adorava a escola.
A: E como era a sua relação assim, como era antigamente a		

relação dos alunos com os professores?		
C: Boa, eu acho que era bom. Era bom.	“Boa, eu acho que era bom.”	Relação boa entre professores e alunos.
A: Existia mais respeito?		
C: É eles respeitavam e tudo.	“É eles respeitavam e tudo.”	Existia respeito.
A: E a senhora precisou trabalhar fora então aos quatorze anos, quando era adolescente ainda pra ajudar a mãe e sustentar a família?		
C: Pra ajudar a mãe.	“Pra ajudar a mãe.”	Trabalhou na adolescência.
A: E baile a senhora ia quando era mocinha?		
C: A ia bastante baile.(risos)	“A ia bastante baile.(risos)”	Frequentava bailes.
A: É? Com que idade foi o seu primeiro baile assim?		
C: Ah isso eu não me lembro, eu sei que era mocinha mas eu, eu ia a baile.	“ Ah isso eu não me lembro, eu sei que era mocinha mas eu, eu ia a baile.”	Não lembra a idade no primeiro baile.
A: A senhora era uma pessoa vaidosa?		
C: Ah, era!	“ Ah, era!”	Era vaidosa.
A: Até hoje né Dona Consuelo!?		
C: Ah é. (risos)	“Ah é. (risos)”	Continua vaidosa.
A: E quem que levava a senhora era a sua mãe?		
C: A minha mãe. Ela não deixava eu ir com ninguém a não ser	“A minha mãe.”	A mãe levava a bailes.

com ela.		
A: E a senhora tinha poucos amigos ou muitos?		
C: Lá tinha né.	“Lá tinha né.”	Tinha amigos no internato.
A: Ãh, ãh. Mas amiga mesmo assim de conversar, de frequentar a sua casa. Tinha alguma?		
C: Tinha.... Tinha a Edite, tinha uma era do nome Edite, até acho que já morreu.	“...Tinha a Edite, tinha uma era do nome Edite, até acho que já morreu.”	Amiga Edite.
A: Nunca mais a viu?		
C: Nunca mais vi, ela foi embora pro Rio.	“Nunca mais vi, ela foi embora pro Rio.”	Não a viu mais.
A: E a senhora praticava esporte, fazia alguma atividade física naquela época?		
C: Não. Eu não dava bola para isso...	“Não. Eu não dava bola para isso...”	Não praticava esporte.
A: Teve bastante namorado Dona Carolina?		
C: Tive. (risos)	“Tive. (risos)”	Teve vários namorados.
A: Ai, que coisa boa! Aproveitou bastante então?!		
C: Aproveitei.	“Aproveitei.”	Aproveitou muito.
A: E o que a senhora gostava mais de fazer quando era moça ?		
C: Ai, gostava de borda.	“Ai, gostava de borda”	Gostava de bordar.

A: Gosta de ler também?		
C: Eu me deitava, eu tinha que ler bastante pra depois dormir.	“Eu me deitava, eu tinha que ler bastante pra depois dormir.”	Gostava de ler antes de dormir.
A: E hoje mantém ou não?		
C: Hoje não eu quase que não leio.	“Hoje não eu quase que não leio.”	Hoje quase não lê.
A: Mas qual era o seu maior sonho assim quando a senhora era mocinha, o que a senhora desejava mais assim naquela época? O que a senhora mais queria?		
C: Que eu não me lembro o que eu gostava mais...Não lembro.	“Que eu não me lembro o que eu gostava mais...Não lembro.”	Não lembra dos sonhos de mocidade.
A: O que a senhora queria mudar na sua vida naquela época?		
C: Ah, eu queria sair de lá né.	“Ah, eu queria sair de lá né.”	Queria sair do internato.
A: Lá do internato?		
C: Do internato.	“Do internato.”	Internato.
ADULTEZ		
A: Aí a senhora me falou que a senhora casou?		
C: Casei.	“Casei.”	Foi casada.
A: Com que idade a senhora casou?		
C: Eu acho que eu tinha uns 20 anos quando eu casei... É. Eu tive um filho só.	“Eu acho que eu tinha uns 20 anos quando eu casei... É. Eu tive um filho só.”	Tinha uns 20 anos quando casou e teve um filho.

A: A senhora queria outro?		
C: Queria, mas meu marido dizia quer era muito cara a vida que não dava pra ter mais de um.	“Queria, mas meu marido dizia quer era muito cara a vida que não dava pra ter mais de um.”	Queria outro filho mas o marido não.
A: Que idade tinha seu marido na época?		
C: Ah, não me lembro, meu marido tinha muitos anos mais velho do que eu.	“Ah, não me lembro, meu maridos tinha muitos anos mais velho do que eu.”	O marido era mais velho que ela.
A: Mas como é que foi a sua vida de casada com ele?		
C: Bem. Eu me dava muito bem com ele.	“Bem. Eu me dava muito bem com ele.”	Relacionavam-se bem.
A: Não brigavam?		
C: Não.	“Não.”	Não brigavam.
A: E o seu filho?		
C: Meu filho morreu a pouco, cinco anos faz que ele morreu.	“Meu filho morreu a pouco, cinco anos faz que ele morreu.”	O filho morreu há cinco anos.
A: Quantos anos a senhora ficou casada com ele?		
C: Fiquei uma porção de anos casada com ele, que eu não me lembro, outra coisa que eu não ligava...	“Fiquei uma porção de anos casada com ele, que eu não me lembro, outra coisa que eu não ligava...”	Não lembra quantos anos foi casada.
A: Faz tempo que ele morreu já?		
C: Faz muito tempo, muito muitos anos...	“Faz muito tempo, muito muitos anos...”	Faz muito tempo que é viúva.
A: Morreu de quê? Não lembra também?		

C: Ele tinha bronquite asmática.	“Ele tinha bronquite asmática.”	Morreu de bronquite asmática.
A: E o seu filho? Seu filho casou?		
C: Meu filho...meu filho não casou era solteiro. Ele não casou que era pra...pra me cuidar.	“Meu filho...meu filho não casou era solteiro. Ele não casou que era pra...pra me cuidar.”	O filho ficou solteiro para cuidar a mãe.
A: Ele falou isso?		
C: Ele dizia.	“Ele dizia.”	O filho dizia isso.
A: Ele morava com a senhora também?		
C: Morava comigo.	“Morava comigo.”	O filho morava com a mãe.
C: E agora quando ele morreu eu fiquei sozinha, posso dizer sozinha no mundo.	“E agora quando ele morreu eu fiquei sozinha, posso dizer sozinha no mundo.”	Sentimento de solidão.
C: Por que ele era o único filho que eu morava com ele, não é. ..Aí eu peguei teve uma afilhada minha que me tomou conta de mim, que até hoje toma conta. Ela é minha tutora e tudo.	“Por que ele era o único filho que eu morava com ele, não é. ..”	Era seu único filho que faleceu.
C: Eu digo Deus me tirou um filho e me deu uma filha, ela é mesmo que uma filha. Até ela tai, ela foi na feira.	“Eu digo Deus me tirou um filho e me deu uma filha, ela é mesmo que uma filha...”	Tem a afilhada que é sua tutora.
A: Aí ela cuida a senhora. Mas ela não mora aqui?		
C: Não.		
A: E por que a senhora não mora com ela?		
C: Não ela mora com a filha, ela tem duas filhas, ela perdeu o	“Não ela mora com a filha, ela tem duas filhas, ela perdeu o marido faz pouco tempo	A afilhada mora com a filha.

marido faz pouco tempo também.	também.”	
A: Então a senhora foi bastante feliz no seu casamento dona..?		
C: Fui no meu casamento eu fui muito feliz... Ele era muito bom... E hoje é difícil né?!	“Fui no meu casamento eu fui muito feliz... Ele era muito bom...”	Foi feliz no casamento.
C: Naquele meu tempo não tinha esse negócio de se separar como se separam hoje.	“Naquele meu tempo não tinha esse negócio de se separar como se separam hoje.”	Naquela época não havia tantas separações.
A: Aí quando a senhora tava casada com ele a senhora não trabalhava? Ou continuava trabalhando?		
C: Não.	“Não.”	Não trabalhava quando casada.
A: Como a senhora acha que foi? A senhora acha que foi uma boa mãe?		
C: Eu acho que fui, quer dizer, era meio enérgica né.	“Eu acho que fui, quer dizer, era meio enérgica né.”	Era meio enérgica como mãe.
A: Como é que a senhora vem superando isso?		
C: Ah, eu fiquei... a coisa mais horrível quando a gente perde um filho.	“Ah, eu fiquei... a coisa mais horrível quando a gente perde um filho.”	Sentimento de tristeza da perda do filho.
A: A senhora e a sua mãe? Que programas que vocês gostavam de fazer?		
C: Tu sabe que a gente não fazia muito. Ela chegava tarde da noite...	“Tu sabe que a gente não fazia muito. Ela chegava tarde da noite...”	Não tinha vida social com a mãe.
A: Vocês não passeavam? Saíam?		

C: Saia mas muito pouco porque ela trabalhava né.	“Saia mas muito pouco porque ela trabalhava né.”	Saía pouco porque a mãe trabalhava.
A: Mas no final de semana também?		
C: No final de semana também. Naquele tempo trabalhavam até domingo.	“No final de semana também. Naquele tempo trabalhavam até domingo.”	A mãe trabalhava aos domingos.
A: E religião, a senhora tem alguma Dona Carolina?		
C: Ah, eu sou católica.	“Ah, eu sou católica.”	Religião católica
VELHICE		
A: Mas assim, a sua trajetória até aqui, a senhora acha que sua vida foi boa então?		
C: Foi boa, não foi ruim.	“Foi boa, não foi ruim.”	Considera sua vivência boa.
C: E aqui é muito bom, aqui no asilo.	“E aqui é muito bom, aqui no asilo.”	Gosta de morar no asilo.
A: Ãh, ãh. A senhora gosta daqui?		
C: Gosto... Já to há cinco anos, a idade que meu filho morreu e a idade que eu to aqui. Que eu vim pra cá que ele morreu.	“...Já to há cinco anos, a idade que meu filho morreu e a idade que eu to aqui...”	Mora há cinco anos no asilo.
A: E chegou aqui como? Quem foi que lhe trouxe?		
C: Foi o meu irmão que perguntou pra mim se eu não queria vir pro asilo. Que no asilo tinha tudo, que era muito bom. Então eu queria vir pra cá.	“Foi o meu irmão que perguntou pra mim se eu não queria vir pro asilo. Que no asilo tinha tudo, que era muito bom...”	O irmão sugeriu o asilo para morar.
C: Quando morreu o filho, aí eu fiquei sozinha no mundo e vim.	“Quando morreu o filho, aí eu fiquei sozinha no mundo e vim.”	Veio para o asilo após a morte do filho.

A: A senhora não sai pra rua assim pra fazer...?		
C: Aqui eu não posso sair sozinha, não posso. Só com outra pessoa.	“Aqui eu não posso sair sozinha, não posso...”	Não pode sair sozinha.
A: Sim. Mas no início que veio pra cá a senhora caminhava bem?		
C: Caminhava.	“Caminhava.”	Caminhava bem antes de vir para o asilo.
C: Eu tenho uma acompanhante uma que me cuida.	“Eu tenho uma acompanhante uma que me cuida.”	Tem uma acompanhante.
A: Todas as noites ela fica?		
C: Todas as noites.	“Todas as noites.”	Todas as noites.
A: Sábado, domingo sempre?		
C: Domingo também, só as vezes que ela tira uma folga.	“Domingo também, só as vezes que ela tira uma folga.”	Inclusive alguns domingos.
A: Mas ela dorme com a senhora no seu quarto?		
C: Dorme no meu quarto.	“Dorme no meu quarto.”	Dorme no mesmo quarto.
C: É eu sou pensionista né.	“É eu sou pensionista né.”	É pensionista.
A: É alguém da sua família ela?		
C: Não.	“Não.”	A acompanhante não é familiar.
A: E como é que é o seu dia aqui, o seu dia todo? O que a senhora faz durante todo o dia?		

C: Durante o dia eu só leio, nada mais.	“Durante o dia eu só leio, nada mais.”	No asilo apenas lê.
A: E visita? Recebe visita?		
C: Recebo.	“Recebo.”	Recebe visitas.
A: Quem geralmente vem?		
C: Recebo parente, pessoas assim que me conhecem vem me visitar.	“Recebo parente, pessoas assim que me conhecem vem me visitar.”	De parentes e conhecidos.
A: O que a senhora acha que ainda conseguiria fazer que ainda não faz? Assim, o que a senhora acha que tem condições ainda de fazer e que gostaria de fazer? Por exemplo, bordado. A senhora disse que sempre gostou né?		
C: Eu gostaria de bordar.	“Eu gostaria de bordar.”	Gostaria de bordar.
A: Que tipo de livro a senhora gosta de ler?		
C: Ah, eu gosto é de romances (risos).	“Ah, eu gosto é de romances (risos).”	Gosta de ler romances.
A: Como é que a senhora se vê hoje? Quem é a Dona Carolina hoje?		
C: A Dona Carolina hoje é meia triste. Eu me lembro depois que perdi o filho, parece mentira a gente não esquece nunca, quando a gente perde um filho...	“A Dona Carolina hoje é meia triste...”	É uma pessoa triste hoje.
A: A senhora se acha mais triste da Carolina de antes?		
C: A Carolina de antes era alegre, tudo, agora já é mais tristonha.	“A Carolina de antes era alegre, tudo, agora já é mais tristonha.”	Antes era alegre.

A: Humm...humm. A senhora pensava na sua velhice antes?		
C: Sabes que não. (risos)	“Sabes que não. (risos)”	Não pensava na velhice.
A: Nunca pensou nisso?		
C: Não pensava que um dia eu ia ficar velha.	“Não pensava que um dia eu ia ficar velha.”	Não pensava que ficaria velha.
A: Planejar, o que eu vou fazer quando meu marido morrer, se ele morrer primeiro que eu. Com quem eu vou morar...A senhora nunca pensou nisso?		
C: Quando que eu pensei que eu ia tá aqui. Que eu ia tá aqui no asilo.	“Quando que eu pensei que eu ia tá aqui. Que eu ia tá aqui no asilo.”	Nunca pensou que moraria no asilo.
A: Não, antes de vir pra cá. A senhora não ficou tentando morar na sua casa?		
C: Pois todo mundo diz pra mim porque é que tu não botasse uma pessoa pra morar contigo...	“Pois todo mundo diz pra mim porque é que tu não botasse uma pessoa pra morar contigo...”	Sugeriram que ficasse em sua casa.
C: Não quis ficar. Ele saiu um dia, morreu naquele mesmo dia e depois eu não fui mais pra minha casa.	“Não quis ficar. Ele saiu um dia, morreu naquele mesmo dia e depois eu não fui mais pra minha casa.”	Não quis ficar.
A: Como é que a senhora acha que o idoso, a pessoa idosa é tratada hoje?		
C: Aqui?		
A: Não, não. Em geral assim.		
C: A eu acho que é bem tratado. Aqui é bem tratado aqui... A	“A eu acho que é bem tratado. Aqui é bem tratado aqui... A gente tem tudo, tudo né.”	Acha que os idosos são bem tratados.

gente tem tudo, tudo né.		
A: Lembrar da sua vida então não lhe deixa triste? Se a senhora parar pra pensar em toda a sua trajetória de vida, a senhora não fica triste?		
C: Fico triste só por causa do filho.	“Fico triste só por causa do filho.”	Fica triste por causa do filho.
A: E hoje? Qual é o seu maior sonho? A senhora tem algum sonho?		
C: Ai, o meu maior sonho hoje nem sei o que é.	“Ai, o meu maior sonho hoje nem sei o que é.”	Não sabe se tem sonhos.
A: Tem algum desejo, alguma coisa?		
C: Não. Sabe que desejo nenhum eu tenho.	“Não. Sabe que desejo nenhum eu tenho.”	Não tem desejos.
A: A senhora acha que tá bom como tá?		
C: Tá. Tá bom assim. Tá muito bom.	Tá. Tá bom assim. Tá muito bom.”	Sentimento de acomodação.
A: E como é que a senhora...a senhora tem amigos aqui na instituição? Conseguiu fazer alguma amiga? A senhora conversa com alguma pessoa sobre os seus sentimentos?		
C: Converso. Converso com todo mundo eu converso.	“Converso. Converso com todo mundo eu converso.”	Conversa com todos.
A: Se a senhora pudesse voltar atrás, lá no seu passado, a senhora mudaria alguma coisa?		
C: Ai, muita coisa...O que eu queria é que meu filho vivesse, é isso só.	“ Ai, muita coisa...O que eu queria é que meu filho vivesse, é isso só.”	Queria o filho vivesse.

A: Que conselhos que a senhoria daria pras pessoas mais jovens?		
C: As pessoas mais jovens...nem sei.	“As pessoas mais jovens...nem sei.”	Não sabe dar conselhos aos mais jovens.
A: O que a senhora acha que é importante na vida e que...		
C: Eu acho que ser mais tolerante assim.	“Eu acho que ser mais tolerante assim.”	Ter tolerância.

Dona Carolina (Pseudônimo) ingressou no Asilo de Pobres do Rio Grande em 22/07/2004, segundo dados da administração. A data de seu nascimento foi pesquisada junto a secretaria do asilo e consta o registro em 28/09/1922. Segundo esta data, Dona Carolina tem 88 anos. Sendo pensionista na instituição, faz uso de um quarto individual onde conserva sua privacidade.

Esta idosa, também é auxiliada por andador ou cadeira de rodas para locomover-se, encontrando-se assim, limitada fisicamente. De comportamento calmo e por vezes apático, passa os dias no asilo sem grandes objetivos. Ao iniciarmos nossa entrevista, questionei-a sobre sua infância, como foi, com quem viveu, enfim, solicitei que narrasse tudo aquilo que lembrava da época em que fora criança.

Dona Carolina lembrou imediatamente do tempo em que viveu, segundo ela, no asilo, cujo nome se referiu a um internato. Recordou um pouco mais atrás e declarou ter morado antes do internato com a mãe e os irmãos. Perguntei pelo pai dela, e ela respondeu que não teve pai. Mesmo assim, afirmou que a infância foi boa, como ela mesma disse: *"Acho que foi boa, acho que foi boa."*

Dona Carolina mostrou-se desinteressada em falar da infância, justificando que já não se lembrava de muitas coisas. Para alguns idosos falar de suas trajetórias é algo que ocorre de maneira fluente, para esta idosa os acontecimentos passados se encontravam distantes dela. Estavam esquecidos em algum lugar que não desejava mais lembrar, ao mesmo tempo, não relatou fatos traumáticos e negativos durante a infância e/ou outras fases da vida. Questiono aqui se a velhice desfavorece a memória ou é a falta de eventos significativos na trajetória de vida que desmotiva e acaba por limitar o acesso as lembranças? Diante desse impasse, Tauxia & Wagner assim escrevem quanto a memória e o envelhecimento nos tempos atuais:

> Conhecer a maneira como os efeitos do envelhecimento modulam a memória complementa a informação a respeito da atividade cognitiva e permite o desenvolvimento de procedimentos de compensação que favorecem o desempenho eficiente. É interessante considerar que a crença de que o envelhecimento constitui um "período de deteriorização inevitável" está sendo atualmente desafiada, a partir da consideração do aumento do número de indivíduos que envelhecem não somente de forma ativa, mas também criativa. (2006, p. 81)

A referida idosa morou no Asilo Coração de Maria, segundo seu depoimento. Foi internada por sua mãe, já que a mesma precisava trabalhar e não tinha quem a cuidasse. Seu irmão por ser o mais moço dos filhos, permaneceu com a mãe. Dona Carolina recebia visitas esporádicas da mãe no internato, pois esta trabalhava em casa de família, era cozinheira. Aos quatorze anos, foi tirada do internato para trabalhar e ajudar sua mãe, como ela mesma narrou: *"Eu me lembro bem que foi com quatorze anos que a minha mãe foi lá me tirar, pra mim pode trabalha, pra ajuda ela."* Vê-se que ao reviver esse momento marcante de sua vida, as lembranças ficaram mais nítidas em sua narrativa, quando afirmou a idade que tinha ao sair do internato.

Quando indaguei sobre as brincadeiras que gostava na infância, tive como resposta imediata: *"Ah, gostava de brincar de roda..."* Percebo então, que as lembranças mais significativas a idosa conserva, sem demonstrar insegurança em suas falas. Ela estudou, não sabe exatamente, se foi até o 4º ou 5º ano, pois precisou sair da escola para trabalhar. Trabalhou também em casa de família e cuidando de crianças.

Tentei resgatar mais memórias de Dona Carolina, mas ela não recordou nenhum outro fato da infância, disse apenas: *"Ah, que faz tanto tempo né.... Eu tô muito velha."* Mas confirmou novamente que a infância foi muito boa. Disse que sempre foi muito bem tratada no internato e que lá costumavam levá-los para passear.

Para Bosi, a memória como função social está definida como assim escreve:

> Não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais. Aturada reflexão pode preceder e acompanhar a evocação. Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição. (2007, p. 81)

Passando para outra fase de sua vida, a adolescência, Dona Carolina confirma o apreço que tinha por estudar. Referiu-se sobre a escola com a frase: *"De escola ...tinha adoração!"* Perguntei como eram as relações entre alunos e professores naquela época, tentando resgatar mais memórias, já que era muito objetiva em suas respostas. Respondeu-me que achava as relações boas e respeitosas também.

Continuando, a questionei sobre bailes, namoros, enfim... Acontecimentos que fazem parte na mocidade. A reação da idosa foi de alegria e risos, quando me confessou que

ia muito a bailes. Dona Carolina sempre foi uma pessoa vaidosa e se conserva até hoje. De aparência bem cuidada, talvez traço de sua personalidade e também por sua possibilidade financeira de comprar cosméticos, bijuterias e acessórios que acrescentam na qualidade de sua imagem e ao mesmo tempo auto-imagem.

A mãe de Dona Carolina é quem a levava aos bailes, ninguém mais. Lembrou que tinha amigos, principalmente no tempo do internato, mas recordou apenas da amiga Edite, que já não tem mais contato. Não praticava exercícios físicos nessa época, mas gostava de bordar e ler antes de dormir. Atualmente, quase não lê mais. Ao lembrar-se dos fatos vivenciados na adolescência, dos bailes e dos vários namorados que teve, Dona Carolina não lembra dos sonhos que tinha naquela época de moça. Lembrou apenas que gostaria de sair do internato. Das coisas de que mais gostava, apenas a frase: *"Que eu não me lembro o que eu gostava mais...Não lembro."*

A perda das lembranças para Herédia, Cortelleti & Casara está associada a perda da identidade do sujeito, conforme segue:

> A memória e a lembrança estão contidas no processo de definição de identidades, de afirmação do sujeito frente às profundas alterações que desafiam a permanência de valores e representações sobre o vivido, num contexto de rápida desintegração dos laços que unem os sujeitos ao passado, os quais vão sendo esquecidos caso não sejam rememorados. (2004, p. 65)

Na vida adulta, Dona Carolina casou-se por volta dos 20 anos, não lembra com certeza da idade e teve apenas um filho, como assim narrou: *"Eu acho que eu tinha uns 20 anos quando eu casei... É. Eu tive um filho só."* Quando casada, gostaria de ter tido mais filhos, mas o marido dizia que a vida era muito cara para ter mais de um. Não recordando da idade do marido, afirmou que ele era bem mais velho do que ela. Disse que a vida de casada era boa, que se davam bem e não brigavam, não lembrando de quanto tempo foram casados, como assim segue em sua fala: *"Ah, não me lembro, meu marido tinha muitos anos mais velho do que eu."*

Disse que perdeu o marido pelo motivo de bronquite asmática e com maior pesar ainda, falou da perda do filho há pouco tempo, exatamente cinco anos. Segundo Dona Carolina, seu filho permaneceu solteiro para cuidá-la, assim como relatou: *"Meu filho...meu filho não casou era solteiro. Ele não casou que era pra...pra me cuidar."* Até sua morte, moravam os dois juntos na mesma casa. Depois de sua perda, disse que sente-se sozinha no mundo, embora tenha uma afilhada, que é sua tutora e a considera como uma filha.

Dona Carolina confessa ter sido bastante feliz no seu casamento, quando assim afirmou: *"Fui no meu casamento eu fui muito feliz... Ele era muito bom..."* Ao mesmo tempo, fez a reflexão de que antigamente não existiam tantas separações como hoje: *"Naquele meu tempo não tinha esse negócio de se separar como se separam hoje."* Confirmou que durante sua vida de casada, não precisou trabalhar fora para auxiliar o marido nas despesas do lar.

A indaguei sobre o seu papel de mãe, ela respondeu que foi uma boa mãe e completou que era um pouco enérgica. Voltou a lembrar do filho e disse que é horrível a perda de um filho. A Dona Carolina tem por crença religiosa, o catolicismo. A velhice tende a despertar nos idosos uma maior religiosidade, priorizando comportamentos que levam à busca da paz interior, do bem-estar pessoal, da auto-estima em detrimento a valorização maior dos bens materiais. Nesse aspecto, Celich et al corroboram quando escrevem:

> Geralmente, é na velhice que a dimensão espiritual começa a ter um significado maior. À medida que os anos vão passando, a pessoa fica mais propensa a pensar e repensar a sua história e os acontecimentos de sua vida, voltando-se para si mesma; é na sua intimidade que vai descobrindo o desejo de imortalidade. Ela acredita que sua história não pode ser destruída e, consciente ou inconscientemente, aspira à perenidade existencial. (2008, p. 182)

Ao passar para a análise dos relatos da velhice, Dona Carolina disse que a sua trajetória de vida está sendo boa. Gosta de morar no asilo, como assim falou: *"E aqui é muito bom, aqui no asilo."* Pelos seus cálculos está na instituição desde a morte do filho, cerca de cinco anos. Mas se observarmos a data de chegada ao asilo, vamos encontrar contradições em sua fala, pois ela está residindo na instituição já há 6 anos. Quem a orientou para que residisse no asilo, foi seu irmão, atualmente falecido. Incentivou-a, pois encontraria tudo o que precisasse para viver melhor. Referindo-se a passeios disse que sozinha não tem condições de sair e comentou que antes de entrar no asilo, ainda caminhava bem, mas agora precisa do auxílio da cadeira de rodas ou do andador.

Dona Carolina além de ter o privilégio de usufruir um quarto só para ela, pois é pensionista, possui também uma acompanhante que fica todas as noites junto com ela. Relatou que atualmente apenas lê e aprecia muito os romances. Costuma receber visitas de parentes e conhecidos. Gostaria de voltar a bordar e se vê como uma pessoa muito triste hoje, como assim declarou: "A Carolina de antes era alegre, tudo, agora já é mais tristonha."

Dona Carolina se mostra depressiva, triste e sem relações sociais no seu cotidiano. Para Carvalho & Fernandez, a depressão é um assunto extremamente importante, principalmente no idoso, como assim referem-se:

> Todo ser humano em qualquer fase de sua vida pode experimentar sintomas depressivos. Nos velhos a probabilidade de padecer desta doença é ainda maior, pois apresentam inúmeras limitações e perdas, tendo como conseqüências sentimentos de autodepreciação. (2002, p. 160)

Quando a questionei se havia feito um planejamento de sua velhice, Dona Carolina me respondeu: *"Quando que eu pensei que eu ia tá aqui. Que eu ia tá aqui no asilo."* Declarou não ter ficado na sua casa por desespero da morte do filho, saindo no mesmo dia em que ele morreu. Acha que os idosos são bem tratados no asilo e que seu sentimento de tristeza é pelo fato de não ter mais seu filho.

Não sabe se tem sonhos, desejos... Para ela tudo está bom, assim como está. Disse que conversa com todos na instituição e o que mais gostaria se pudesse, era que seu filho voltasse a viver. Deixou como conselhos aos mais jovens a aprender a ter mais tolerância.

De comportamento bem mais acomodado, acrítico, Dona Carolina muitas vezes foi observada por mim dormindo sentada no salão do asilo e pelos corredores. Percebe-se que para ela não existem mais sonhos, objetivos e nem tentativas de mudanças. Tudo o que está na sua volta está no lugar certo. Assim, vai vivendo também todos os dias iguais. A melhor condição financeira encontrada nela em relação à outra entrevistada não modifica a sua realidade. O sentimento de tristeza, de desistência pela vida a persegue da mesma maneira como foi relatado por outras pessoas idosas.

O terceiro quadro a ser interpretado, traz à tona a entrevista sobre a história de vida realizada com a idosa: Eugênia (Pseudônimo).

QUADRO Nº 3 - ANÁLISE DE ENTREVISTA - PSEUDÔNIMO: EUGÊNIA (24/07/2010)

INFÂNCIA		
Transcrição	**Paráfrases**	**Palavras - chave**
A: Dona Eugênia, o que a srª consegue lembrar assim da sua época de infância?		
E: Ué, ainda hoje tava contando os negócios da infância. Quando eu era criança eu fui criada com muita pobreza, muita pobreza mesmo. Minha mãe...nós passava mais assim, a café com farinha porque não tinha dinheiro pra comprar nada. Meu pai morreu e ela teve muitos anos doente no hospital e já tinha quatro filho pequeno e naquela época não era como hoje!	"...Quando eu era criança eu fui criada com muita pobreza, muita pobreza mesmo..."	Infância muito pobre.
E: ...minha mãe teve vinte e um filho, foi. Mais ela salvou só sete, foi. Passou muito trabalho, meu pai era...coitado! Que Deus a tenha, só queria filho, só queria filho, pobre... muito pobre.	".....minha mãe teve vinte e um filho, foi. Mais ela salvou só sete, foi. Passou muito trabalho..."	Vida sofrida.
A: Mais a senhora viveu, a senhora viveu a sua infância com seu pai e com sua mãe casados?		
E: Não. Até ele morrer convivi e depois só com minha mãe, com a minha mãe.	"...Até ele morrer convivi e depois só com minha mãe..."	Morou com os pais.
A: Ela trabalhava fora ou não?		
E: Não. Ah, coitada! Ela não podia caminha, ela tinha os pés inchado, ela tinha problema de coração, morreu do coração né.	"Não. Ah, coitada! Ela não podia caminha, ela tinha os pés inchado, ela tinha problema de coração, morreu do coração né."	A mãe não trabalhava fora.
A: E o seu pai como é que ele era?		
E: Meu pai morreu de... eu não sei o que ele tinha. Porque eu só tinha dez anos...	"Meu pai morreu de... eu não sei o que ele tinha. Porque eu só tinha dez anos..."	Não tem lembranças do pai.
A: Tinha alguma brincadeira preferida?		
E: Brincava de roda. Pra te falar a verdade, eu tive no colégio um	"Brincava de roda..."	Brincava de roda.

mês. Porque a minha mãe me botava no colégio sabe pra quê? Pra mim ganhar almoço, se eu ficava um mês era muito. Porque eu tinha que ficar em casa, eu ia e quando era dez horas tinha que ta em casa para fazer o cafezinho pra ela e pra minha irmã pequeninha. E eu era magrinha, magrinha... até hoje qualquer coisa eu fico magra, magra, porque eu acho que foi muito fraca né.		
A: Passear vocês nem passeavam então quando era criança, a mãe de vocês nem levava vocês para passear então?		
E: Não, levava mesmo. Nem pro colégio podia ir. A minha mãe não saia nunca, nunca, coitadinha.	"Não, levava mesmo. Nem pro colégio podia ir. A minha mãe não saia nunca, nunca, coitadinha."	Não passeavam com a mãe.
A: Que idade a senhora tinha quando foi para o colégio pela primeira vez?		
E: Acho que uns treze anos foi, treze anos, nem me lembro. Tinha dez anos... Se eu fui um mês, foi muito.	"Acho que uns treze anos foi, treze anos, nem me lembro. Tinha dez anos... Se eu fui um mês, foi muito."	Foi ao colégio já adolescente.
A: Então, a senhora não conseguiu se alfabetizar?		
E: Não. Ler e a escrever quem me ensinou a ler e escrever foi minha filha mais nova.	"...Ler e a escrever quem me ensinou a ler e escrever foi minha filha mais nova."	Foi alfabetizada pela filha.
A: Quando a senhora lembra assim de quando era criança, o que tem de mais bonito assim quando a senhora olha para traz e lembra assim quando a senhora era criança. O que a senhora lembra de bom?		
E: Não sei minha filha, passei tanto trabalho.	"Não sei minha filha, passei tanto trabalho."	Não tem lembranças boas da infância.
E: Mais minha mãe passou muito trabalho, muita necessidade, muita fome com os filho, coitada.	"Mais minha mãe passou muito trabalho, muita necessidade, muita fome com os filho, coitada."	Lembra apenas das dificuldades.
ADOLESCÊNCIA		

A: E quando a senhora ficou mocinha assim, o que a senhora lembra? A senhora ia a baile, paquerava, como é que era?		
E: Não, não... O dia que eu fiquei mocinha eu tava dentro dum poço e aquilo começou a correr perna a baixo...Se eu te conta tu vai achar que é mentira minha, mas eu juro pela minha saúde... Nunca minha mãe tinha falado. Sabes que eu não sabia por onde nascia o nenê?! Não sei, ela não comentava com ninguém.	"...O dia que eu fiquei mocinha eu tava dentro dum poço e aquilo começou a correr perna a baixo...Se eu te conta tu vai achar que é mentira minha, mas eu juro pela minha saúde... Nunca minha mãe tinha falado. Sabes que eu não sabia por onde nascia o nenê?! Não sei, ela não comentava com ninguém."	Não havia esclarecimentos.
E: Não. Ela era muito enérgica. Foi boa mãe, foi. Eu não tenho isso pra dizer dela, coitada. Se ela tivesse uma laranja, uma laranja ela divida com nós. Mais...	"...Ela era muito enérgica. Foi boa mãe, foi. Eu não tenho isso pra dizer dela, coitada. Se ela tivesse uma laranja, uma laranja ela divida com nós. Mais..."	Boa mãe, mas enérgica.
A: Ela era braba?		
E: Ela era enérgica..Eu acho que eu sou assim também.	"Ela era enérgica..Eu acho que eu sou assim também."	Identifica-se com a mãe.
A: Ãh, ãh. E a senhora era vaidosa D. Eugênia?		
E: Ah sim! Depois que me casei, sabes que...	"Ah sim!..."	Era vaidosa.
A: Com que idade a senhora se casou?		
E: Dezoito anos.	"Dezoito anos."	Casou-se aos dezoito anos.
A: Foi seu primeiro namorado seu marido?		
E: Não tive outros namorados, mas namoradinhos assim...	"Não tive outros namorados, mas namoradinhos assim..."	O marido não foi seu primeiro namorado.
E: Nunca, te juro pela minha saúde que eu nunca beijei meu marido... Hoje em dia mal se conheceu já tão namorando.	"Nunca, te juro pela minha saúde que eu nunca beijei meu marido... Hoje em dia mal se conheceu já tão namorando."	Nunca beijou o marido antes do casamento.
ADULTEZ		
A: Como é que a senhora conheceu seu marido?		
E: A gente foi num aniversário, numa casa e...não, o meu marido	"A gente foi num aniversário, numa casa..."	Conheceu o marido num aniversário.

depois ele veio morar, ele morava bem ali do lado. Não era porque ser meu marido mas ele era muito bonito.		
A: A srª. me falou no início quando a gente começou a conversar, que a senhora não era apaixonada pelo seu marido né. Casou... como é que foi isso? O que houve?		
E: Ah! Porque a necessidade obriga também a gente.	"Ah! Porque a necessidade obriga também a gente."	Casou-se por necessidade.
A: Mas, casou sem gostar dele?		
E: Não, dize que eu tivesse paixão, paixão, ... A minha mãe nos prendia muito, e ele era muito ciumento, até depois de casado. Eu não podia cumprimentar eu não podia falar com ninguém. Era a coisa mais triste do mundo. A minha cunhada que era a irmã dele, era muito boa pra mim, dizia assim pra mim: o Zezinho tem ciúmes da terra que tu pisa.	"Não, dize que eu tivesse paixão, paixão, ... A minha mãe nos prendia muito, e ele era muito ciumento, até depois de casado...."	Não era apaixonada pelo marido.
A: Nunca trabalhou?		
E: Não.Trabalhava muito é na chácara. Trabalhava muito na chácara com meu marido.	"Não.Trabalhava muito é na chácara. Trabalhava muito na chácara com meu marido"	Nunca trabalhou fora.
A: E a senhora teve quantos filhos?		
E: Cinco filhos... Dois eu perdi.	"Cinco filhos... Dois eu perdi."	Teve cinco filhos, dois perdeu.
A: Em dona Eugênia, então a senhora se considera... foi uma pessoa feliz no seu casamento ou não?		
E: Sim, graças a Deus eu fui. Nunca passei fome.	"Sim, graças a Deus eu fui. Nunca passei fome."	Foi feliz no casamento porque nunca passou fome.
A: Não brigavam?		
E: Ele era muito nervoso, humm...Nunca me bateu graças a Deus, nunca me deu por nada. Graças a Deus.	"Ele era muito nervoso, humm...Nunca me bateu graças a Deus, nunca me deu por nada. Graças a Deus."	O marido era muito nervoso.
A: Qual era a profissão dele?		
E: Agricultor.	"Agricultor."	O marido era agricultor.

A: Ele faleceu faz quanto tempo?		
E: Faz quinze anos.	“Faz quinze anos.”	Viúva há quinze anos.
E: 60 anos de casado, bem dize.	“60 anos de casado, bem dize.”	Completaram 60 anos de casados.
A: 60 anos conseguiu ficar com ele? Claro, casou muito novinha né, com 18 anos.		
E: Ele foi uma pessoa farta pra casa, nunca me faltou nada nem pros meus filhos. O que existisse pros filho ele comprava, pra mim não.	“Ele foi uma pessoa farta pra casa, nunca me faltou nada nem pros meus filhos...”	O marido era farto para casa.
E: Ele só achava que eu tinha que vestir o resto dos filho. Ele não gostava que eu botasse roupa nova.	“Ele só achava que eu tinha que vestir o resto dos filho. Ele não gostava que eu botasse roupa nova.”	Era ciumento com a esposa.
A: Por que ele era ciumento?		
E: Tinha um ciúmes, um ciúmes, um ciúmes, Deus me livre.	“Tinha um ciúmes, um ciúmes, um ciúmes, Deus me livre.”	Marido muito ciumento.
A: A senhora tem quantos netos?		
A: Treze netos... e doze bisnetos. Eu tenho bisneto de vinte e dois anos.	“Treze netos... e doze bisnetos. Eu tenho bisneto de vinte e dois anos.”	Tem netos e bisnetos.
A: A senhora costuma sair pra rua ou não sai?		
E: Saio. Eu cheguei da rua.	“Saio. Eu cheguei da rua.”	Costuma sair do asilo.
A: Tá, mais sozinha a senhora não sai?		
E: Nem posso mesmo. Até num táxi sozinha pra subi é um trabalho. Se eu vou fazer as unhas, o cabelo, eu tenho que manda um táxi aqui. A gente vai se levando até quando Deus quiser, vamos ver...	“Nem posso mesmo. Até num táxi sozinha pra subi é um trabalho. Se eu vou fazer as unhas, o cabelo, eu tenho que manda um táxi aqui...”	Não sai sozinha, chama um táxi.
VELHICE		
A: Dona Eugênia, como é que a senhora chegou aqui no asilo? Como foi, a senhora veio aqui espontaneamente ou alguém lhe sugeriu...?		
E: Vim. Não, a minha filha, minha filha...Eu que escolhi. Eu ia fugir até pra cá.	“...Não, a minha filha, minha filha...Eu que escolhi. Eu ia fugir até pra cá.”	Queria vir morar no asilo.

A: É que a senhora morou alguns anos só na sua casa né?		
E: Morei, morei sozinha.	" Morei, morei sozinha."	Antes morava na sua casa.
A: Acompanhada com umas meninas.		
E: Elas ficavam de noite comigo, só isso.	"Elas ficavam de noite comigo, só isso."	Tinha acompanhante à noite.
A: Eram netas?		
E: Não. Eram vizinhas.	"...Eram vizinhas."	Eram vizinhas.
E: Aí, dez anos eu morei assim, com essas gurias. Esse tempo todo eu morei com as guria. Eu mandava e desmandava, mas depois caí doente eu tive problema na veia carótida e tava...surgiu só de um lado, não pude fazer mais nada. Eu tive três meses que não caminhava né.	"Aí, dez anos eu morei assim, com essas gurias. Esse tempo todo eu morei com as guria. Eu mandava e desmandava, mas depois caí doente eu tive problema na veia carótida e tava...surgiu só de um lado, não pude fazer mais nada. Eu tive três meses que não caminhava né."	Morou dez anos assim.
A: E elas (filhas) não lhe convidaram para morar na casa delas?		
E: Querem. Elas queriam, todas.	"...Elas queriam, todas."	As filhas convidaram para morar com elas.
A: E a senhora não quis?		
E: Não. Não quero, não quero morar com ninguém, dar trabalho pra ninguém. Se eu sair daqui eu vou pra outro lugar, mas morar com alguém Deus me livre. Dependendo de outro não dá...	"Não. Não quero, não quero morar com ninguém, dar trabalho pra ninguém. Se eu sair daqui eu vou pra outro lugar, mas morar com alguém Deus me livre. Dependendo de outro não dá..."	Sentimento de independência.
E: Eu me sinto muito bem aqui, sabes.	"Eu me sinto muito bem aqui, sabes."	Sente-se bem no asilo.
A: E quem é que lembrou do asilo, foi a sua filha?		
E: Eu, porque eu vinha cá seguido fazer as missa.	"Eu, porque eu vinha cá seguido fazer as missa."	Conheceu o asilo rezando missas.
E: Eu vinha fazer as missas pro meu marido e pro meu filho aqui, porque eram mais barata. Eu sempre dizia pra guria, essa menina que trabalhou... a do meio, não a que ficou menos ano comigo.	"Eu vinha fazer as missas pro meu marido e pro meu filho aqui, porque eram mais barata..."	As missas no asilo são mais baratas.

Uma ficou cinco anos, a outra ficou quatro ano e a outra ficou três. A que ficou menos anos comigo disse: ah tia não vai pro asilo, não vai. Eu digo: Mais eu vou. Mais enfim, eu arrumei tudo, tudo, tudo. Naquela época que eu vim, era R$ 450,00.		
A: A senhora chegou sozinha aqui ou alguém lhe trouxe?		
E: Não, não. A minha filha me trouxe...	"...A minha filha me trouxe..."	Chegou com a filha ao asilo.
A: Dona Eugênia, como é que é o seu dia a dia aqui? O que a senhora faz durante todo o dia aqui?		
E: Ah, minha filha. Eu passo mais sentada aqui ou sentada aqui. Vou lá na frente ou ...	"...Eu passo mais sentada aqui ou sentada aqui. Vou lá na frente ou ..."	Passa os dias sentada.
E: Ou vou lá no salão faço o meu tricô, porque eu faço muito tricô né... Fico caminhando...	"Ou vou lá no salão faço o meu tricô, porque eu faço muito tricô né... Fico caminhando..."	Faz tricô ou caminha.
A: Pra rua não sai né? Só quando a sua filha busca?		
E: Ali na frente, só na frente né.	"Ali na frente, só na frente né."	Sozinha só vai na frente.
A: Ãh, ãh. Aí, a senhora sai no final de semana, da uma voltinha?		
E: É sempre no final de semana que a minha filha vem me buscar. Eu ontem...	"É sempre no final de semana que a minha filha vem me buscar..."	A filha vai buscá-la nos finais de semana.
A: É bastante a frequência deles né? Seus filhos vem bastante aqui. Toda a semana?		
E: Vem! Quase toda a semana, todos os dia. Quando vem um vem outro, vem outro.	"Vem! Quase toda a semana, todos os dia. Quando vem um vem outro, vem outro."	As visitas dos filhos são frequentes.
A: Sim. E a senhora tem alguma amiga, amigas assim, amigas mesmo assim que não seja alguém da família, assim?		
E: Aqui?		
A: É, amigos que a senhora já tinha antes de vir pra cá, ou amigas que a senhora fez aqui? Amigas mesmo, não é conhecida.		
E: Eu tenho a mãe dessas meninas, são muito minha amiga.	"Eu tenho a mãe dessas meninas, são muito minha amiga."	De amiga a mãe das acompanhantes.
A: A senhora consegue conversar, assim tudo?		
E: Não, não.	"Não, não."	Mas não conversa sobre tudo.

E: A minha filha, qualquer coisa eu posso contar pra ela.	“A minha filha, qualquer coisa eu posso contar pra ela.”	Conversa com a filha.
A: D. Eugênia, a senhora... qual era a sua maior habilidade assim? O que a senhora acha que sabia fazer mais assim e ainda sabe fazer, além do tricô que a senhora disse que a senhora faz bem? Tem alguma coisa que a senhora gosta de fazer?		
E: Fazia muito bem agora não faço mais... Cozinhar.	“Fazia muito bem agora não faço mais... Cozinhar.”	Gostava de cozinhar.
A: Leitura, a senhora não lê? Não costuma ler?		
E: Eu lia muito bem, hoje eu não enxergo pra lê, eu não enxergo.	“Eu lia muito bem, hoje eu não enxergo pra lê, eu não enxergo.”	Não enxerga para ler.
A: O que a senhora sempre achou difícil de aprender, assim? Que a senhora sempre sentiu mais dificuldade assim, uma coisa? Que a senhora gostaria de fazer e não conseguiu muito aprender assim? Lembra de alguma coisa?		
E: Olha minha filha, não tem nada que...Cuidei de criança muito bem.	“Olha minha filha, não tem nada que...Cuidei de criança muito bem.”	Não teve dificuldades para aprender algo.
A: Como é que a senhora se vê hoje dona Eugênia? Quem é a dona Eugênia hoje?		
E: Uma desprezada.	“Uma desprezada.”	Sente-se desprezada.
A: Desprezada?		
E: É. Eu não fui assim pessoa rica, eu fui muito pobre, passei muito trabalho, muita fome, muito infeliz. Mais eu gostaria de ser mais amada pelos meus neto, pelos meus filho do que eu sou.	“...Mais eu gostaria de ser mais amada pelos meus neto, pelos meus filho do que eu sou.”	Gostaria de ser mais amada pelos filhos e netos.
A: A senhora tem esse sentimento é?		
E: Tenho, tenho.	“Tenho, tenho.”	Guarda esse sentimento.
E: É coisa mais séria. Criei meus netos quase todinhos né. Moravam sempre comigo na minha casa. Cada um faz a sua vida depois que ficam moço e casam né. Eles já vieram aqui me ver, muitos já vieram, outros não vieram.	“É coisa mais séria. Criei meus netos quase todinhos né. Moravam sempre comigo na minha casa. Cada um faz a sua vida depois que ficam moço e casam né. Eles já vieram	Sentimento de abandono.

	aqui me ver, muitos já vieram, outros não vieram.”	
A: Será que se elas convivessem todo o dia, o tempo inteiro com a senhora, a senhora se sentiria mais amada ou ainda não?		
E: Não. Eu nem gostaria, ficaria com pena, porque elas tem a vida dela né.	“Não. Eu nem gostaria, ficaria com pena, porque elas tem a vida dela né.”	Não queria tê-los toda hora.
A: Isso não aumenta o amor delas pela senhora então, o convívio de toda hora?		
E: Não.	“Não.”	Não se sentiria mais amada assim.
A: De todo o dia, vamos supor. Se a senhora morasse com elas a senhora ia continuar se sentindo desprezada?		
E: Não sei, se o meu marido nunca foi assim uma pessoa carinhosa comigo... Ele foi uma pessoa muito rude comigo. Nunca tive o carinho de ninguém.	“Não sei, se o meu marido nunca foi assim uma pessoa carinhosa comigo... Ele foi uma pessoa muito rude comigo. Nunca tive o carinho de ninguém.”	Nunca teve carinho de ninguém.
E: Eu já sofri muito nessa vida.	“ Eu já sofri muito nessa vida.”	Vida muito sofrida.
A: E a senhora acha que elas criam as netas da mesma maneira que a senhora criou elas ou não? A senhora acha que elas imitam a mesma educação que a senhora deu pra elas com os filhos?		
E: Não, sei porque nunca vou na casa delas, eu vou lá de vez enquanto. Não sei te dizer.	“Não, sei porque nunca vou na casa delas, eu vou lá de vez enquanto. Não sei te dizer.”	Frequenta pouco a casa dos filhos.
A: A senhora planejou a sua velhice? Tipo assim: ah, eu quando eu ficar velha eu vou fazer isso, isso e isso?		
E: Ah, planejei tá aqui.	“Ah, planejei tá aqui.”	Planejou na velhice morar no asilo.
A: Aí, quando a senhora conheceu o asilo a senhora começou a planejar a sua velhice aqui?		
E: Comecei a planejar.	“Comecei a planejar”	Planejou quando conheceu o asilo.
A: Isso a senhora já tava viúva?		
E: Não.	“Não.”	Ainda era casada.

A: Não? Tava casada ainda?		
E: Era casada. Não mais ele era doente, ele teve quinze anos doente.	“Era casada. Não mais ele era doente, ele teve quinze anos doente.”	Mas o marido já estava doente.
E: E eu cuidando dele. O dia que eu ficar sozinha eu vou morar no asilo, mais depois...A minha guria foi pra lá comigo. Aí teve dez anos lá comigo, quase dez anos lá comigo.	“E eu cuidando dele. O dia que eu ficar sozinha eu vou morar no asilo, mais depois...”	Escolheu o asilo quando ficasse só.
A: A senhora não voltou na sua casa, a sua casa?		
E: Voltei, eu tenho uma neta morando lá. Agora,...	“Voltei, eu tenho uma neta morando lá...”	A neta mora na sua casa.
A: Como que a senhora acha que o idoso é tratado assim na sociedade? Como é que a senhora acha que o idoso é tratado? A senhora acha que as pessoas respeitam o idoso?		
E: Acho.	“Acho...”	Acha que os idosos são respeitados.
A: O que é mais importante hoje na vida hoje pra senhora dona Eugênia?		
E: A coisa mais importante na vida é eu enxergar e ter saúde.	“A coisa mais importante na vida é eu enxergar e ter saúde.”	Enxergar e ter saúde.
A: A senhora acha que a vida antes era mais sofrida que agora?		
E: Ah, era!	“Ah, era!”	A vida antes era mais sofrida.
A: ...a senhora gosta de lembrar ou não gosta assim de ficar lembrando da vida passada?		
E: É gosto, minha filha.	“É gosto, minha filha.”	Sentimento de acomodação.
A: E qual é o maior sonho da dona Eugênia hoje?		
E: Olha minha filha, paixão que eu tinha era por ganhar uma boneca.	“Olha minha filha, paixão que eu tinha era por ganhar uma boneca. “	Maior sonho é ganhar uma boneca.
A: Dona Eugênia, assim oh...se a senhora pudesse voltar o passado e mudar alguma coisa que a senhora viveu, o que a senhora mudaria?		
E: Ah, volta ao passado eu não gostaria. Ah, eu já passei tanta coisa...	“Ah, volta ao passado eu não gostaria. Ah, eu já passei tanta coisa...”	Não gostaria de voltar ao passado.
A: E que conselhos assim a senhora daria para os mais jovens?		

O que a senhora acha? Como é que a gente deveria viver melhor a vida? A senhora acha que a velhice deve ser planejada? Como é que funciona? O que a senhora daria de conselho?		
E: Ah, não sei minha filha, se conselho fosse bom não se dava, vendia.	“Ah, não sei minha filha, se conselho fosse bom não se dava, vendia.”	Não tem conselhos aos mais jovens.
A: É, não teria assim um conselho pra dar?		
E: Ah, não maltratar os velho. Porque os velho foram os primeiros que colocaram eles no mundo, é isso. Eu tive uma cunhada que foi muito má com a mãe dela, a mais velha que é mais braba, o filho mais velho é muito meu amigo muito companheiro e a minha mãe foi uma pessoa muito boa.	“Ah, não maltratar os velho. Porque os velho foram os primeiros que colocaram eles no mundo, é isso...”	Conselho: não maltratar os velhos.

Dona Eugênia (Pseudônimo) ingressou no Asilo de Pobres do Rio Grande em 02/10/2009, segundo dados da administração. A data de seu nascimento foi pesquisada junto a secretaria do asilo e consta o registro em 18/01/1932. Segundo esta data, Dona Eugênia tem 78 anos. Sendo asilada na instituição, faz uso de um quarto conjugado com outros idosos.

Através da escuta sobre a infância de Dona Eugênia, as lembranças que relatou ficaram sempre em torno de dificuldades financeiras. Teve uma infância muito sacrificada junto a sua família. Segundo seu depoimento, sua mãe teve vinte e um filhos e apenas sete sobreviveram. Seu pai faleceu quando tinha uns dez anos de idade, até sua morte, conviveu junto aos pais. Afirmou que: *"...Quando eu era criança eu fui criada com muita pobreza, muita pobreza mesmo..."*

Os devaneios voltados para a infância são memórias puras recordadas que perduram por toda vida, atravessando sem envelhecer todas as fases da existência humana. Assim, Bachelard corrobora quando escreve:

> [...]A infância não é uma coisa que morre em nós e seca uma vez cumprido o seu ciclo. Não é uma lembrança. É o mais vivo dos tesouros, e continua a nos enriquecer sem que o saibamos... Ai de quem não pode se lembrar de sua infância, reabsorvê-la em si mesmo, como um corpo no seu próprio corpo, um sangue novo no sangue velho: está morto desde que ela o deixou. (1988, p. 130)

A mãe de Dona Eugênia não podia trabalhar por motivo de saúde, tinha problemas cardíacos. Até mesmo a escola e passeios não podia levar os filhos, ficando então, Dona Eugênia, sem participar de várias atividades sociais nessa fase: sem escola, sem recreação e sem lazer. Sobre a escola ela mesma narrou: *"Não, levava mesmo. Nem pro colégio podia ir. A minha mãe não saia nunca, nunca, coitadinha."*

A história particular de cada idoso, suas lembranças e suas trajetórias devem ser valorizadas e respeitadas. Nietzsche aborda uma reflexão acerca deste tema, quando assim fala de si e escreve:

> A fortuna de minha existência, sua singularidade talvez, está em sua fatalidade: diria, em forma de enigma, que como meu pai já morri, e como minha mãe ainda vivo e envelheço. Essa dupla ascendência, como que do mais elevado e do mais rasteiro degrau da vida, a um tempo *décadent* e *começo* – isso explica, se é que algo explica, tal neutralidade, tal ausência de partidarismo em relação ao problema global da vida, que acaso me distingue. Para os sinais de ascensão e declínio tenho um sentimento mais fino do que homem algum jamais teve, nisto sou o mestre *par excellence* – conheço ambos, sou ambos.[...] (2008, p. 21)

Dona Eugênia lembrou que gostava muito de brincar de roda e foi com treze anos que frequentou pela primeira vez a escola, permanecendo por apenas um mês. Tinha que ajudar a mãe a cuidar dos irmãos e auxiliá-la nas tarefas da casa. Conseguiu ser alfabetizada quando adulta por uma de suas filhas. Dona Eugênia quando recordou sobre a sua infância se deteve muito na frase: *"Não sei minha filha, passei tanto trabalho."* Lembrou apenas das dificuldades, da falta de alimentos, roupas, brinquedos e do trabalho passado pela mãe para cuidar dos filhos.

Na adolescência, Dona Eugênia relatou que sua mãe nunca conversou com ela sobre menstruação, gravidez, enfim. Não existia diálogo que a instruísse sobre esses fatos da vida de mocinha. Disse que sua mãe era muito boa, dividia qualquer pouco que tinha com todos os filhos, mas que era uma pessoa muito enérgica, como assim narrou: *"...Ela era muito enérgica. Foi boa mãe, foi. Eu não tenho isso pra dizer dela, coitada. Se ela tivesse uma laranja, uma laranja ela divida com nós. Mais..."*. Nesse ponto, reconhece-se semelhante a mãe.

Dona Eugênia afirmou que era bastante vaidosa na sua juventude. Casou-se aos dezoito anos e seu marido não foi seu primeiro namorado. Teve alguns outros namorados antes, mas nada sério. Confessou que nunca beijou na boca o marido antes do casamento e refletiu que hoje em dia as pessoas mal se conhecem e já dividem intimidades, como assim falou: *"Nunca, te juro pela minha saúde que eu nunca beijei meu marido... Hoje em dia mal se conheceu já tão namorando."*

Dona Eugênia conheceu seu marido num aniversário. Confessou que não casou com ele envolvida por paixão e sim por necessidade, como assim consta em sua fala: *"Ah! Porque a necessidade obriga também a gente."* Sua mãe a prendia muito e o marido era muito ciumento. Disse que não trabalhou fora de casa quando casada, apenas auxiliava o marido na chácara que tinham, pois ele era agricultor.

Tiveram em sua união cinco filhos, onde relatou que perdeu dois deles. Também falou que teve uma vida de casada feliz, já que nunca passou fome ao lado da família. Embora o marido fosse muito ciumento e nervoso, nunca a agrediu fisicamente. Dona Eugênia é viúva há quinze anos e chegou a completar 60 anos de casada. Relatou que o marido sempre foi muito farto para casa e para os filhos, embora não gostasse de vê-la comprando roupas novas, por causa do ciúme doentio que sentia por ela, quando assim narrou: *"Tinha um ciúmes, um ciúmes, um ciúmes, Deus me livre."*

Dona Eugênia tem treze netos e doze bisnetos, tendo o bisneto mais velho vinte e um anos. Segundo seu relato, costuma sair do asilo, mas nunca sozinha ou a pé. Sempre

chama um táxi quando precisa resolver algo. Esta dependência da idosa para continuar vivendo paralelamente sua vida fora do asilo, segundo Zimerman, mostra a dificuldade que certos idosos sentem em reconhecer suas limitações, quando assim afirma:

> Em uma sociedade onde as pessoas são avaliadas pelo que produzem, pelo que dão, pedir algo é muito difícil. Além disso, pedir nunca foi colocado no "pacote" da velhice. Estamos desde jovens sendo incentivados a ser independentes e nunca se falou da relatividade e da pluralidade embutidas dentro da independência, ou seja, nunca se é totalmente independente. (2007, p. 26)

A chegada de Dona Eugênia no asilo, foi por opção sua. Depois que ficou viúva, ainda morou sozinha, com acompanhante à noite, durante dez anos. Depois que adoeceu, não conseguiu mais ficar em sua casa. Foi convidada pelas filhas para morarem juntas, mas Dona Eugênia não quis. Justificou que não queria dar trabalho para ninguém e decidiu ir para o asilo, conforme assim narrou: *"Não. Não quero, não quero morar com ninguém, dar trabalho pra ninguém. Se eu sair daqui eu vou pra outro lugar, mas morar com alguém Deus me livre. Dependendo de outro não dá..."*

Dona Eugênia disse que conheceu o asilo quando ia mandar rezar missas de falecimento para seu filho e seu marido, pois eram mais baratas na instituição. Chegou acompanhada da filha ao asilo. Relatou que durante seus dias na instituição, passa sentada um pouco em cada lugar e faz tricô apenas. Nos finais de semana as filhas a buscam para passarem juntas.

Segundo informações da secretaria do asilo, Dona Eugênia recebe visitas com frequência. Quando busquei resgatar mais declarações sobre a sua vida na velhice, disse que lembrava ter como amiga a mãe das meninas que foram suas acompanhantes e uma de suas filhas, com quem tem maior afinidade.

Atualmente, Dona Eugênia não tem o hábito de ler, pois enxerga pouco. Se vê hoje como uma desprezada, como ela mesma fala: *"...Mais eu gostaria de ser mais amada pelos meus neto, pelos meus filho do que eu sou."* Confessou que nunca recebeu carinho de ninguém, nem mesmo do seu marido, declarou em sua fala: *"Não sei, se o meu marido nunca foi assim uma pessoa carinhosa comigo... Ele foi uma pessoa muito rude comigo. Nunca tive o carinho de ninguém."*

Dona Eugênia sofreu muito na vida e admitiu que sua velhice no asilo foi planejada. Desde quando o marido começou a adoecer, a idosa declarou que moraria na instituição, o que acabou por fazer. Embora viva relativamente bem com a escolha que fez,

internamente sofre com sentimentos de menos valia pelos familiares. Zimerman nesse aspecto acrescenta:

> Sempre digo que quem vive mais intensamente sofre menos. Quem se mantém ativo, está sempre em busca de algo novo, tem o ego mais estruturado e a auto-estima fortalecida. Quem não tem a atividade como hábito está mais sujeito à depressão e mais vulnerável à frustração causada pelas perdas. (2007, p. 138)

Na opinião de Dona Eugênia, os idosos atualmente são bem tratados em nossa sociedade. Relatou que o que tem de mais importante na sua vida hoje é sua visão e sua saúde. Enquanto aos sonhos...apenas por bonecas! Disse que tem adoração por bonecas até hoje. Do passado...não gostaria de voltar se pudesse, pois já passou por muitas situações difíceis. O conselho que daria aos mais jovens é que: *"Ah, não maltratar os velho. Porque os velho foram os primeiros que colocaram eles no mundo, é isso..."*

O quarto e último quadro a ser interpretado, traz à tona a entrevista sobre a história de vida realizada com a idosa: Lúcia Helena (Pseudônimo).

QUADRO Nº 4 - ANÁLISE DE ENTREVISTA - PSEUDÔNIMO: LÚCIA HELENA (10/08/2010)

INFÂNCIA		
Transcrição	**Paráfrases**	**Palavras - chave**
A: D. LH a primeira parte assim que eu gostaria de começar a nossa...a nossa entrevista, seria perguntando pra senhora o que a senhora lembra lá da sua infância quando a senhora era pequena, como é que foi a sua vida, como era?		
LH: Olha ainda esses dias eu tava comentando com umas senhoras. que vieram aqui da igreja, eu vejo gente se queixando e chorando aquela coisa toda. Eu digo: olha eu até que sou muito conformada porque eu não tive infância, não tive mocidade.	"...Eu digo: olha eu até que sou muito conformada porque eu não tive infância, não tive mocidade."	Não teve infância e nem mocidade.
A: É mesmo?		
LH: Não tive. A minha mãe...o meu pai me abandonou, abandonou a minha mãe com nós pequenas ainda e fiquei eu e uma irmã e a minha mãe. Depois de muito tempo, eu já tava grande uma menina acho que de uns oito ano, nove, a minha mãe casou de novo e veio uma irmã minha que morreu agora a quatro anos. Era filha já do meu padrasto e nós já fiquemo, já sai do colégio para cuidar a pequena para a mãe trabalhar. Eu tive um ano só de colégio.	"Não tive. A minha mãe...o meu pai me abandonou, abandonou a minha mãe com nós pequenas ainda e fiquei eu e uma irmã e a minha mãe..."	O pai abandonou a família.
A: A srª. chegou a morar com a sua mãe e com o seu pai até que idade?		
LH: Ah! Eu era bem pequena quando meu pai foi embora, eu nem me lembrava dele.	"Ah! Eu era bem pequena quando meu pai foi embora, eu nem me lembrava dele."	Não tem lembranças do pai.
LH: E quando eu me casei eu fui lá convida ele né, ele não veio. Também nunca mais quis saber dele.	"E quando eu me casei eu fui lá convida ele né, ele não veio. Também nunca mais quis saber dele."	O pai não compareceu ao seu casamento.
A: Humm...humm. A srª estudou até que série?		

LH: Ah, eu fiz só a 1ª. série mal lá, e ia dias e não vinha, ia e ia e não vinha, porque tinha que cuidar a guria né.	"Ah, eu fiz só a 1ª. série mal lá, e ia dias e não vinha, ia e ia e não vinha, porque tinha que cuidar a guria né."	Estudou até a 1ª série.
A: Mas chegou a conseguir aprender a ler e escrever?		
LH: Só horrível assim, sempre gostei de lê, leio e gostava de lê. Hoje eu não gosto de lê, mas sempre lia. Sempre presto muito atenção nas coisa né.	"Só horrível assim, sempre gostei de lê, leio e gostava de lê. Hoje eu não gosto de lê, mas sempre lia. Sempre presto muito atenção nas coisa né."	Lê e escreve com dificuldade.
A: Era a srª e quantas irmãs? Quantos irmãos eram?		
LH: Ah... Era eu, a minha irmã essa, a outra que tá em Curitiba, e essa que morreu, mas nesse intervalo, teve dois que a mãe perdeu.	"Ah... Era eu, a minha irmã essa, a outra que tá em Curitiba, e essa que morreu, mas nesse intervalo, teve dois que a mãe perdeu."	Teve irmãos.
A: É. E a sua mãe fazia o quê? Trabalhava em quê?		
LH: Trabalhava nas fábrica.	"Trabalhava nas fábrica."	A mãe trabalhava na fábrica.
LH: Nas fábrica. Trabalhava nas fábrica. E eu com quatorze anos fui trabalhar.	"Nas fábrica. Trabalhava nas fábrica. E eu com quatorze anos fui trabalhar."	Começou a trabalhar com 14 anos.
A: Humm...humm. O relacionamento com a sua mãe então era bom? O seu pai a srª. não lembra dele né D. LH? Mas com a sua mãe assim foi...?		
LH: Ah, era bom.... A mãe coitada né ficou com nós...	"Ah, era bom.... A mãe coitada né ficou com nós..."	Relacionava-se bem com a mãe.
LH: É. Aí depois então, ele morreu também esse meu padrasto, e ela foi morar comigo até morrer. Morou...acho que mais de vinte anos comigo.	"É. Aí depois então, ele morreu também esse meu padrasto, e ela foi morar comigo até morrer..."	O padrasto morreu também.
A: Humm...humm. A srª consegue lembrar de algum momento assim da sua infância que a senhora lembra assim com uma lembrança boa ou a senhora não consegue lembrar nada de bom daquela época?		
LH: Ah, nem sei assim de um momento assim de bom, a gente não saia...não tinha assim...	"Ah, nem sei assim de um momento assim de bom, a gente não saia...não tinha assim..."	Não recorda momentos bons na infância.

A: Brinquedos?		
LH: Não tinha com o que brincar, nem nada né... Era as amiguinhas que a gente tinha, as amigas que até hoje temo e tudo.	“Não tinha com o que brincar, nem nada né...”	Não tinham brinquedos.
LH: De bom que nós gostava muito era de ir pra campanha pra casa da outra vó, lá na campanha, nós adorava ir para lá.	“De bom que nós gostava muito era de ir pra campanha pra casa da outra vó, lá na campanha, nós adorava ir para lá.”	Recorda de bom a casa da avó na campanha.
A: E a brincadeira preferida de vocês?		
LH: As nossas bruxas eram umas bruxas de pano... Que a mãe fazia. Aqui tem uma vó que fez e tá ali uma bruxinha. Eu disse essas eram as bonecras que nós tinha, de nós brinca. As nossas bonecras iam ficar na casa das colega, fazia casamento. Era essas brincadeiras, brincar de rodas que hoje eu não vejo mais.	“As nossas bruxas eram umas bruxas de pano...”	Eram os brinquedos da infância.
LH: É. Passa, passará. Coisa mais boa quando a gente podia de noite brincar, a noite bonita a gente brincar na frente. Mas sempre botavam a gente pra dentro né. Só dizia vem, a gente já vinha.	“...Passa, passará.”	Brincavam de passa, passará.
LH: A mãe foi muito carrasca, não foi carrasca assim de dar, de judiar, mais nossa... quando vinha, vinha, quando não vai não vai. A mãe era assim...	“A mãe foi muito carrasca, não foi carrasca assim de dar, de judiar, mais nossa...”	A mãe era carrasca.
A: Não era de fazer carinho em vocês?		
LH: Não. A mãe não.	“Não. A mãe não.”	Não recebia carinho da mãe.
A: Humm...humm. E um momento triste daquela época assim de criança?		
LH: Ah, sim nós tivemo. Eu perdi dois irmãozinhos né.	“Ah, sim nós tivemo. Eu perdi dois irmãozinhos né.”	Momento triste da infância foi a morte dos irmãos.
A: A senhora perdeu?		
LH: Perdi, dois irmãozinho. Uma menina e um menino, nós perdemo.	“Perdi, dois irmãozinho. Uma menina e um menino, nós perdemo.”	Perda de dois irmãos.
A: Com que idades eles tinham já? Já eram crescidinhos?		

LH: Eles eram assim umas criança grandes, eu me lembro. Depois eu assim tinha uma coisa que tudo comentavam que quando eu podia escapar eu ia no cemitério ver as sepultura. Ah, quantidade de vezes eu ia sozinha, assim escondida. Eu tinha saudades deles. Eu já era menina grande quando eles morreram.	“Eles eram assim umas criança grandes, eu me lembro. Depois eu assim tinha uma coisa que tudo comentavam que quando eu podia escapar eu ia no cemitério ver as sepultura. Ah, quantidade de vezes eu ia sozinha, assim escondida. Eu tinha saudades deles...”	Saudades dos irmãos.
ADOLESCÊNCIA		
A: Ãh, ãh. E mocidade a senhora disse que também não teve né.		
LH: Não. Não tive.	“Não. Não tive.”	Não teve mocidade.
A: Não saia, não passeava Dona LH?		
LH: A mãe não deixava.	“A mãe não deixava.”	A mãe não deixava sair.
A: Em lugar nenhum, cinema?		
LH: Cinema era uma vez que outra.	“Cinema era uma vez que outra.”	Ás vezes ao cinema só.
LH:...Olha eu digo que eu não tive mocidade, porque eu conheci São José do Norte que é ali, eu conheci São José do Norte quando eu tava grávida do meu segundo filho.	"...eu conheci São José do Norte quando eu tava grávida do meu segundo filho.”	Conheceu São José do Norte na gravidez do segundo filho.
A: A escola a srª disse que estudou até a primeira série né?		
LH: É.		
A: Até a primeira série. E a senhora gostava de ir quando ia pra escola ou não?		
LH: Adorava!	“Adorava!”	Gostava de ir a escola.
LH: É, tive que ajudar a mãe. Primeiro fiquei para cuidar a guria né e depois pra cuidar a mãe. Pois queria me aprontar para casar, não tinha pai tinha padrasto, padrasto é padrasto.	“É, tive que ajudar a mãe. Primeiro fiquei para cuidar a guria né e depois pra cuidar a mãe. Pois queria me aprontar para casar, não tinha pai tinha padrasto, padrasto é padrasto.”	Parou de estudar para trabalhar.
LH: E é assim... Conheci o Norte quando tava grávida do segundo filho. Conheci Pelotas, Pelotas, quando a minha filha fez quinze anos.	“...Conheci Pelotas, Pelotas, quando a minha filha fez quinze anos.”	Conheceu Pelotas aos 15 anos da filha.
LH: Cassino eu conheci depois de casada, que ele me levou no	“Cassino eu conheci depois de casada, que	Conheceu o Cassino depois de

Cassino.	ele me levou no Cassino.”	casada.
LH: Baile, nem pensar! E ele também não gostava, eu fui tão sem sorte que a minha mãe não deixava... e ele não gostava de baile.	“Baile, nem pensar! E ele também não gostava, eu fui tão sem sorte que a minha mãe não deixava... e ele não gostava de baile.”	Não frequentou bailes.
A: E a senhora gostava? Chegou a ir? Nunca foi a um baile dona LH?		
LH: Comecei a ir a baile quando comecei a levar minha filha, mas pra levar ela e não pra dançar. Eu não era louca de tá dançando, eu era casada né.	“Comecei a ir a baile quando comecei a levar minha filha, mas pra levar ela e não pra dançar...”	Bailes somente para levar a filha.
A: E ele foi seu primeiro e único namorado?		
LH: Foi. Eu tinha quatorze anos.	“Foi. Eu tinha quatorze anos.”	O marido foi o único namorado.
A: E a srª era vaidosa Dona LH?		
LH: Não. Até hoje eu não sou.	“Não. Até hoje eu não sou.”	Não é uma pessoa vaidosa.
ADULTEZ		
LH: Depois com quatorze anos eu conheci meu marido.	“Depois com quatorze anos eu conheci meu marido.”	Conheceu o marido aos 14 anos.
LH: Com quatorze anos. Me casei com 16. Por isso que eu digo que eu não tive infância.	“...Me casei com 16. Por isso que eu digo que eu não tive infância.”	Casou-se aos 16 anos.
A: Claro. Conheceu ele aonde dona...?		
LH: Eu conheci o meu marido na...numa vizinha, que ele foi ex-combatente da guerra, ele foi pra guerra, ele fez a guerra. Eles tiveram lá.	“Eu conheci o meu marido na...numa vizinha...”	Conheceu o marido numa vizinha.
A: Aí se apaixonou a primeira vista?		
LH: Não.	“Não."	Não se apaixonou a primeira vista.
A: Que idade que ele tinha? Era mais velho?		
LH: Ele era mais velho do que eu doze anos.	“Ele era mais velho do que eu doze anos.”	Era mais velho 12 anos.
LH: Eu me casei com dezesseis e ele vinte e oito. Ele teve um ano e tanto na guerra.	“Eu me casei com dezesseis e ele vinte e oito. Ele teve um ano e tanto na guerra.”	Ele esteve na guerra.
LH: Aí casemo. Casei e em seguida me enchi de filho, eu com	“Aí casemo. Casei e em seguida me enchi de	Com 21 anos já tinha três filhos.

vinte e um ano eu tinha três filhos.	filho, eu com vinte e um ano eu tinha três filhos.”	
LH: Uma menina, um menino e uma menina. A menina terceira eu perdi....Perdi com três anos.	“Uma menina, um menino e uma menina. A menina terceira eu perdi....Perdi com três anos.”	Perdeu uma filha com 3 anos.
LH...Eu as vezes eu digo ah...me perguntaram esses dias quantos anos eu tive de casada. Eu disse assim eu tive quarenta e um ano, agora eu não sei se eu aturei ele ou ele me aturou. Nós se aturemo quarenta e um ano, porque tinha as esquisitices dele. Era um homem mais velho muito vivido.	“...me perguntaram esses dias quantos anos eu tive de casada. Eu disse assim eu tive quarenta e um ano, agora eu não sei se eu aturei ele ou ele me aturou. Nós se aturemo quarenta e um ano, porque tinha as esquisitices dele. Era um homem mais velho muito vivido.	41 anos de casada. Sentimento de insatisfação.
A: É doze anos é uma diferença né.		
LH: É uma diferença grande né. Tinha as esquisitices dele. Mas deu para aguentar até, foi muito doente depois.	“...Tinha as esquisitices dele. Mas deu para aguentar...”	Sentimento de insatisfação no casamento.
A: É. E aí na sua vida adulta, é claro a senhora já me contou que a senhora nunca foi a baile, foi a baile só pra levar a sua filha né. E...a senhora tinham amigos, assim vocês tinham amigos, a senhora e o seu marido?		
LH: Tinha, tinha amigas.	“Tinha, tinha amigas.”	Tinha amigas quando casada.
A: Ãh...E a srª se considera assim...foi feliz no seu casamento, a senhora acha que a senhora foi feliz?		
LH: Olha...	“Olha...”	Indecisão.
A: Ou só se aturaram como a senhora falou?		
LH: Não...Foi, porque ele era um homem...	“Foi, porque ele era um homem...”	Ele era um homem bom.
A: Casou gostando dele ou casou...?		
LH: Eu gostava, eu gostava dele. E gostei sempre dele, adorava. Mas era assim eu me acostumei naquela...eu já vinha naquela vidinha e me acostumei naquela vida. Sempre gostei muito de viajar e fui viajar depois de viúva. Depois de viúva, fiz bastante	“Eu gostava, eu gostava dele. E gostei sempre dele, adorava. Mas era assim eu me acostumei naquela...eu já vinha naquela vidinha e me acostumei naquela vida.	Vida social baixa de casada.

viagem. Depois que ele morreu não viajei mais porque ...Eu conheci o Rio depois dele morto eu fui ao Rio quando teve a festa dos cinquenta anos que terminou a guerra, teve uma festa muito linda no Rio né... De todos os ex-combatentes.	Sempre gostei muito de viajar e fui viajar depois de viúva...”	
A: Daí convidaram a senhora pra ir?		
LH: Aí eu recebi o convite do quartel e fui, mas foi uns quantos casais daqui. Foi dois ônibus daqui.	“Aí eu recebi o convite do quartel e fui, mas foi uns quantos casais daqui...”	Viajou para o RJ quando viúva.
A: Quanto tempo faz que ele morreu o seu marido?		
LH: Vinte.	“Vinte.”	É viúva há 20 anos.
A: Ele morreu de que?		
LH: Olha, ele...Quando eles vão pra guerra, eles...a saúde deles...tem que ter saúde, não pode ter nada, nada, nada, não pode ter um dente cariado. Qualquer mínimo não vai, vai com saúde. E ele quando veio ele veio doente do pulmão.	“Olha, ele...Quando eles vão pra guerra, eles...a saúde deles...tem que ter saúde, não pode ter nada, nada, nada, não pode ter um dente cariado. Qualquer mínimo não vai, vai com saúde. E ele quando veio ele veio doente do pulmão.”	Voltou da guerra com doença nos pulmões.
A: Mas ele já tava casado com a senhora né?		
LH: Não.	“Não.”	Ainda não eram casados.
LH: Voltou doente. Depois então, fez tratamento ficou bom.		
LH: E de vez em quando ele tinha umas queda, ele levou quarenta anos assim e...Quando o meu filho esse de quarenta e dois anos, quando eu tava com um mês de gravidez ele foi se tratar num...foi pra um hospital de... Porto Alegre, hospital militar. Foi prá lá.	“E de vez em quando ele tinha umas queda, ele levou quarenta anos assim e...”	Ficou internado num hospital militar em Porto Alegre.
A: A senhora nem sabe direito o que ele teve, então?		
LH: Era pulmão. Aí se tratou, se tratou, se tratou, se tratou, se tratou...vivia em tratamento. Aí quando foi um...e aí começou a aparecer neuroses de guerra, neurose, disseram também que era... como é...Mal de Parkinson, diz que era junto com a neurose precoce nele. Aí se tratando, sempre se tratando, sempre se	“Era pulmão. Aí se tratou, se tratou, se tratou, se tratou, se tratou...vivia em tratamento. Aí quando foi um...e aí começou a aparecer neuroses de guerra, neurose, disseram também que era... como é...Mal de	Marido com diversos problemas de saúde.

tratando, se tratando...Neurologista, com psiquiatra, sempre naquela vida se tratando, se tratando.	Parkinson, diz que era junto com a neurose precoce nele. Aí se tratando, sempre se tratando, sempre se tratando, se tratando...Neurologista, com psiquiatra, sempre naquela vida se tratando, se tratando.”	
LH: Foi câncer no pulmão. Assim, deu assim né derrepente. Mas ele já vinha doente, com neuroses, como é que eu disse aquela outra doença...Mal de Parkinson...	“Foi câncer no pulmão. Assim, deu assim né derrepente. Mas ele já vinha doente, com neuroses, como é que eu disse aquela outra doença...Mal de Parkinson...”	Marido teve câncer no pulmão.
A: E a srª se considera uma boa mãe? A senhora acha que a senhora criou os seus filhos...?		
LH: Olha eu criei eles, tem uns que tem me dado bastante trabalho, então o mais velho não se dá comigo... Com ciúmes do mais moço.	“Olha eu criei eles, tem uns que tem me dado bastante trabalho, então o mais velho não se dá comigo... Com ciúmes do mais moço.”	Se considera boa mãe pois criou os filhos.
A: Quanto tempo faz que a senhora não se dá com ele?		
LH: Olha, eu acho que anda por uns quatro anos.	“Olha, eu acho que anda por uns quatro anos.”	Faz uns 4 anos que não fala com o filho mais velho.
LH: ...as vezes o padre que vem aqui e eu digo: olha padre se eu tivesse abandonado eles...tá. Todos eles saíram casados dentro da minha casa! Todos eles...Os três filhos viviam dentro da igreja.	“...as vezes o padre que vem aqui e eu digo: olha padre se eu tivesse abandonado eles...tá.Todos eles saíram casados dentro da minha casa! Todos eles...Os três filhos viviam dentro da igreja.”	Conversa com o padre sobre o filho.
A: Os seus filhos, os três se separaram?		
LH: Os três. Agora eu tava, mais cedo eu tava contando, falando agora para as guria, digo que os meu filhos todos os três são separados, mais nenhum teve filho fora do casamento.	“Os três. Agora eu tava, mais cedo eu tava contando, falando agora para as guria, digo que os meu filhos todos os três são separados, mais nenhum teve filho fora do casamento.”	Seus três filhos são separados.

VELHICE		
A: E quanto tempo faz que a srª ta aqui Dona LH?		
LH: Aqui, to desde fevereiro.	"Aqui, to desde fevereiro."	Mora no asilo desde fevereiro/2010.
A: Ah, fevereiro deste ano?		
LH: É, mais eu tive na Beneficência. Eu tive dois anos na Beneficência.	"É, mais eu tive na Beneficência. Eu tive dois anos na Beneficência."	Morou na Beneficência dois anos.
LH: Em fevereiro é que eu vim pra cá, mas me dô bem.	"Em fevereiro é que eu vim pra cá, mas me dô bem."	Se dá bem no asilo.
A: E a sua casa?		
LH: O meu filho mora lá.	"O meu filho mora lá."	O filho mora na sua casa.
A: A senhora não quis ficar com ela, no fim não quis ficar morando nela?		
LH: Não. Não quis ficar porque o meu filho bebe.	"...Não quis ficar porque o meu filho bebe."	Não quis morar lá porque o filho bebe.
A: A senhora veio...procurou o asilo por conta?		
LH: Eu procurei.	"Eu procurei."	Procurou o asilo sozinha.
A: Fica agressivo?		
LH: Nas últimas vezes ele tava meio violento, mais eu disse pra ele: não eu não vou te atura, pode parar, já vô.	"Nas últimas vezes ele tava meio violento, mais eu disse pra ele: não eu não vou te atura, pode parar, já vô."	Filho violento.
A: E como é que tá a comida aqui?		
LH: Tá boa.	"Tá boa."	Considera a comida boa no asilo.
LH:... Eu fiz três colostomia.	"...Eu fiz três colostomia."	Fez três colostomia.
A: O que é isso?		
LH: Intestino. Tinha um tumor no intestino, ainda uso colostomia né...	"Intestino. Tinha um tumor no intestino, ainda uso colostomia né..."	Teve tumor no intestino.
LH: Fiz, como é que foi...radioterapia e quimioterapia. Aí eu fiz quando completo e me operou. Me operou em julho de 2002. Aí passei bem, até passei bem da cirurgia e tudo assim, né. Já a diabetes, eu sou diabética. Sou diabética assim de dar 500.	"Fiz, como é que foi...radioterapia e quimioterapia. Aí eu fiz quando completo e me operou. Me operou em julho de 2002. Aí passei bem, até passei bem da cirurgia e	Fez quimioterapia e radioterapia, também é diabética.

	tudo assim, né. Já a diabetes, eu sou diabética.”	
A: Bah! A senhora toma insulina então?		
LH: De manhã e de tarde. E quando dá muito alto tenho que tomar as três, toma da outra.	“De manhã e de tarde. E quando dá muito alto tenho que tomar as três, toma da outra.”	Dependente de insulinas.
LH: Não é fácil. Eu sou uma escrava, a gente é uma escrava.	“Não é fácil. Eu sou uma escrava, a gente é uma escrava.”	Sente-se uma escrava por causa da insulina.
A: A srª. tem plano de saúde?		
LH: Tenho.	“Tenho.”	Tem plano de saúde.
A: A Srª tem alguma religião Dona...?		
LH: Católica.	“Católica.”	Religião católica.
A: E como é o seu dia aqui Dona LH? O que a senhora faz assim durante o dia aqui?		
LH: Olha, eu passo bem, não me enjoou. Porque eu vejo televisão... né, eu gosto de fazer alguma costurinha...	“Olha, eu passo bem, não me enjoou. Porque eu vejo televisão... né, eu gosto de fazer alguma costurinha...”	Vê televisão e costura no asilo.
A: E a senhora fez algum amigo especial aqui no asilo já ou ainda não?		
LH: Me dou bem com as gurias da copa, me do todas bem com elas.	“Me dou bem com as gurias da copa, me do todas bem com elas.”	Relaciona-se bem no asilo.
A: E visita recebe bastante dona...?		
LH: Recebo. Tens dias né. Tem dias que vem três, quatro. Às vezes passo um dia, dois e não aparece ninguém.	“Recebo. Tens dias né. Tem dias que vem três, quatro. Às vezes passo um dia, dois e não aparece ninguém.”	Recebe bastante visitas.
A: Mais das netas ou tem outras pessoas?		
LH: Não, outras pessoas. Família, pessoas que eu já conhecia, amigas, tudo vem.	“Não, outras pessoas. Família, pessoas que eu já conhecia, amigas, tudo vem.”	De familiares e de conhecidos.
A: Então, a srª sai de vez em quando pra passear fora do asilo?		
LH: Ah, saio.	“Ah, saio.”	Sai de vez em quando.
A: Sozinha, às vezes acompanhada?		

LH: Sozinha, sozinha eu não saio.	“Sozinha, sozinha eu não saio.”	Não costuma sair só.
LH: Não. Eu saio assim, eu quero cortar o cabelo, quero ir lá na minha neta, eu tenho dois taxistas que...e uma taxista. Eu chamo eles.	“...Eu saio assim, eu quero cortar o cabelo, quero ir lá na minha neta, eu tenho dois taxistas que...e uma taxista. Eu chamo eles.”	Chama um táxi.
A: Como é que a srª se vê hoje assim? Quem é a D. LH hoje?		
LH: Eu acho que eu sou o mesmo, me sinto feliz. O que é que eu vou fazer?	“Eu acho que eu sou o mesmo, me sinto feliz. O que é que eu vou fazer?”	Sentimento de resignação.
LH: O que meu marido me deixou, não sou rica e nem posso botar fora... Mais dá pra mim chegar no fim do mês.	“O que meu marido me deixou, não sou rica e nem posso botar fora... Mais dá pra mim chegar no fim do mês.”	Tem estabilidade financeira.
A: É, tudo vai dinheiro.		
LH: Tudo, tudo. Mais eu digo, eu vô levando...eu olho pra trás e vejo outros pior.	“...Mais eu digo, eu vô levando...eu olho pra trás e vejo outros pior.”	Sensível aos problemas alheios.
A: A senhora chegou a planejar a sua velhice, assim, a senhora achava a senhora iria parar numa casa ... numa instituição assim pra idoso?		
LH: Já vinha pensando a muito tempo.	“Já vinha pensando a muito tempo.”	Pensava na sua velhice.
LH: Já, principalmente depois que meu filho se separou.	“Já, principalmente depois que meu filho se separou.”	Principalmente depois da separação do filho.
A: Mas bem antes lá a senhora não pensava no assunto?		
LH: Não. Eu pensava em viajar.	“Não. Eu pensava em viajar.”	No início da viuvez pensava em viajar.
A: Então... E como é que a srª acha assim que o idoso é tratado na nossa sociedade? A senhora acha que o idoso ele é discriminado ou...		
LH: Ah é. Eu acho que tem discriminação.	“...Eu acho que tem discriminação.”	Acha que existe discriminação com os idosos.
A: A senhora sente discriminada algumas vezes?		
LH: Não, eu não. Mas eu vejo, eu vejo discriminação.	“Não, eu não. Mas eu vejo, eu vejo discriminação.”	Nunca se sentiu discriminada.

A: Aqui dentro a senhora não nota isso?		
LH: Não, não vejo nada disso, não vejo. É que tem uns que tem que da uma dura as vezes né.	“Não, não vejo nada disso, não vejo. É que tem uns que tem que da uma dura as vezes né.”	Não vê discriminação dentro do asilo.
LH: Mas não assim, dize que vejo maltrata, não. Não vejo. Também eu não saio daqui do meu quarto né.	“Mas não assim, dize que vejo maltrata, não. Não vejo. Também eu não saio daqui do meu quarto né.”	Afirma que quase não sai do quarto.
A: Quais as coisas assim que a srª considera mais importante na vida hoje pra senhora? O que a senhora acha que é mais importante na vida?		
LH: Eu acho que é a saúde... Paz, a paz...	“Eu acho que é a saúde... Paz, a paz...”	Importante na vida é a saúde e a paz.
LH: Sabes que eu fiquei viúva com 57 anos e me arrependi de não te me casado. Porque eu vejo hoje, eu tenho um amiga minha, a irmã da minha nora com 57 ano tá namorando feito guria. Tá viúva. Ah, pelo amor de Deus. Eu não sei, eu não sei.	“Sabes que eu fiquei viúva com 57 anos e me arrependi de não te me casado. Porque eu vejo hoje, eu tenho um amiga minha, a irmã da minha nora com 57 ano tá namorando feito guria. Tá viúva...”	Arrependimento de não ter casado novamente.
A: É...mais dá tempo ainda. A senhora tá interessa!		
LH: Não. Agora com 78, Deus me livre! Eu digo as guria de vez em quando elas arrumam um velho pra mim, aí elas me dão. De vez enquanto elas arrumam. Eu digo pra que pra mi mija, eu mijo sozinha.	“Não. Agora com 78, Deus me livre!...”	Agora não pensa mais em casar.
LH:...Hoje em dia qual é o seu maior sonho assim? o que a srª sonha pra senhora? O que a senhora pensa pro futuro?		
LH: É, de eu melhorar que eu pudesse me determinar mais, que eu fosse dona do meu nariz...Que pudesse sair sozinha, que eu pudesse ir na casa dos parentes sozinha né. E o desejo que eu tenho, não sei se Deus vai me dar isso, é de ver minha neta formada.	“É, de eu melhorar que eu pudesse me determinar mais, que eu fosse dona do meu nariz...Que pudesse sair sozinha, que eu pudesse ir na casa dos parentes sozinha né. E o desejo que eu tenho, não sei se Deus vai me dar isso, é de ver minha neta formada.”	Sonhos: Ter mais saúde, independência e ver a neta se formar.

A: Não mudaria nada, se pudesse mudar, claro que a gente não pode, mas se pudesse mudar não teria mudado nada?		
LH: Não. Cria filho de novo não dá, única coisa que se desse não dava era meu marido né. Mais não tem, não tem jeito... Ele faz falta. A gente acha assim, bah...depois que morre é que a gente vê a falta que faz.	"Não. Cria filho de novo não dá, única coisa que se desse não dava era meu marido né. Mais não tem, não tem jeito... Ele faz falta. A gente acha assim, bah...depois que morre é que a gente vê a falta que faz."	Gostaria de ter de volta o marido.
A: Sim. Que conselhos que a senhora daria assim para as pessoas mais jovens? De vida, de lição de vida assim, o que a senhora acha que a gente tem que aproveitar mais, fazer o quê assim?		
LH: ...de vida assim, é que a honestidade... e o capricho, aonde chega tem um lugarzinho. Paciência também. Aonde tem paciência, a honestidade aonde chegar tem um lugarzinho.	"de vida assim, é que a honestidade... e o capricho, aonde chega tem um lugarzinho. Paciência também. Aonde tem paciência, a honestidade aonde chegar tem um lugarzinho."	Conselhos aos mais jovens: honestidade, capricho e paciência.
A: E a senhora acha assim que eles deveriam cuidar da senhora também dona LH ou a senhora acha que... a srª sente essa necessidade assim de ter os filhos mais perto? De que eles deveriam...		
LH: Ah eu acho que eles devia, porque eu cuidei deles sempre, nunca, nunca, nunca abandonei eles.	"Ah eu acho que eles devia, porque eu cuidei deles sempre, nunca, nunca, nunca abandonei eles."	Acha que os filhos deveriam ser mais presentes.
A: A senhora se ressente com isso?		
LH: Isso as vezes fico, principalmente a minha filha também.	"Isso as vezes fico, principalmente a minha filha também."	Ressentimento com a filha.
LH: Minha filha não tem sido legal.	"Minha filha não tem sido legal."	Sentimento de tristeza com a filha.
LH: Agora dessa vez, ela...ela...ela da outra vez que eu me operei ela veio, teve uns dia comigo. Mais eu achei que ela não tava...tava se contrariando.	"Agora dessa vez, ela...ela...ela da outra vez que eu me operei ela veio, teve uns dia comigo. Mais eu achei que ela não tava...tava se contrariando."	Sente que a filha a procura por obrigação.

A: E a srª foi uma mãe carinhosa?		
LH: Fui, claro.	“Fui, claro.”	Considera-se uma boa mãe.

Dona Lúcia Helena (Pseudônimo) ingressou no Asilo de Pobres do Rio Grande em 28/12/2009, segundo dados da administração, mas a idosa informou que passou a morar no asilo em fevereiro de 2010. A data de seu nascimento foi pesquisada junto a secretaria do asilo e consta o registro em 30/03/1932. Segundo esta data, Dona Eugênia tem 78 anos. Sendo pensionista na instituição, faz uso de um quarto individual com banheiro privativo. Nas suas instalações, dispõe de ar condicionado, microondas, refrigerador, máquina de costura, ou seja, possui eletrodomésticos que possibilitam ter mais conforto e praticidade no dia-a-dia.

Para Zimerman, viver em uma instituição implica, muitas vezes, polêmica. As pessoas criticam as famílias por não se responsabilizarem por seu idoso, deixando-os abandonados e carentes. Ao mesmo tempo, alguns idosos vivem em seu núcleo familiar hostilizados e indesejados, vistos como empecilhos para a realização da família. Nesse sentido, Zimerman assim sugere quando escreve sobre as instituições:

> Outra questão que me preocupa nas instituições é que elas, por serem praticamente formadas só por velhos, com a exceção das pessoas que lá trabalham, criam uma situação muito diferente da que existe no mundo real. Com o tempo, o velho perde o contato com crianças e com pessoas do sexo oposto. Essa é uma das críticas que faço: as instituições não são pensadas como um lugar para onde as pessoas vão para uma temporada de longa duração. Os administradores e aqueles que planejam esses locais deveriam ter o cuidado de entender melhor o velho e procurar fazer com que a vida dentro das instituições fosse o mais parecida com o que é fora dela, já que o velho não está lá de passagem e sim, provavelmente, para o resto da vida. Deve-se proporcionar um intercâmbio com pessoas diferentes, crianças, jovens e demais pessoas da comunidade, evitando o isolamento dos velhos. (2007, p. 97)

A entrevista iniciou-se com os relatos, feitos pela entrevistada, sobre a sua infância. Dona Lúcia Helena, ao lembrar dessa fase da vida, assim comentou: *"...Eu digo: olha eu até que sou muito conformada porque eu não tive infância, não tive mocidade."* Esta idosa narrou com um certo pesar os acontecimentos da infância, principalmente quando falou do pai que abandonou a família quando ainda era pequena. Disse que antes de se casar procurou pelo pai para convidá-lo ao seu casamento e este não foi. Desde então, Dona Lúcia Helena nunca mais o procurou.

Sua mãe trabalhava fora, em fábrica de pesca, por esse motivo Dona Lúcia Helena não conseguiu permanecer na escola além da 1ª série, pois precisava ajudar a mãe em casa e cuidar das irmãs. Sua frequência no primeiro ano escolar foi muito precária, embora apreciasse estudar. Aprendeu a ler e a escreve com muita dificuldade e aos quatorze anos

começou a trabalhar na fábrica também. Seu relacionamento com a sua mãe, segundo Dona Lúcia Helena era bom, já que a mãe ficou cuidando das filhas e não as abandonou.

Quando solicitei a esta idosa que narrasse um acontecimento bom da infância, ela assim respondeu: *"Ah, nem sei assim de um momento assim de bom, a gente não saía...não tinha assim..."* Completou dizendo que não tinham brinquedos, nada. Depois recordou que ela e suas irmãs gostavam muito de ir para a casa da avó, na campanha. Suas brincadeiras preferidas eram as bonecas de pano, as bruxas como ela assim se referiu e gostava de brincar de passa-passará.

Quando falou de sua mãe, assim se expressou: *"A mãe foi muito carrasca, não foi carrasca assim de dar, de judiar, mais nossa..."* Completou dizendo que sua mãe não fazia carinho nos filhos. Depois da morte do seu pai, sua mãe casou-se novamente e então, conviveu com o padrasto até sua vida de casada. Lembrou que um dos momentos mais tristes de sua infância foi quando perdeu um casal de irmãos, que já eram grandes. A este fato, Dona Lúcia Helena assim falou: *"Eles eram assim umas criança grandes, eu me lembro. Depois eu assim tinha uma coisa que tudo comentavam que quando eu podia escapar eu ia no cemitério ver as sepultura. Ah, quantidade de vezes eu ia sozinha, assim escondida. Eu tinha saudades deles..."*

Quando Dona Lúcia Helena falou em saudades, me questionei: qual a função da memória? Bosi contribui respondendo a esta pergunta, da seguinte forma:

> [...]Não reconstrói o tempo, não o anula tampouco. Ao fazer cair a barreira que separa o presente do passado, lança ponte entre o mundo dos vivos e o do além, ao qual retorna tudo o que deixou à luz do sol. Realiza uma *evocação:* o apelo dos vivos, a vinda à luz do dia, por um momento, de um defunto[...] (2007, p. 89)

Na adolescência suas relações sócioafetivas não foram diferentes da infância. Dona Lúcia Helena disse que não teve mocidade, pois sua mãe não a deixava sair. De vez em quando podia ir apenas ao cinema. Disse ter conhecido Pelotas, São José do Norte e Cassino, lugares muito próximos a Rio Grande, quando já estava casada, pois não saía para lugar nenhum. Bailes não frequentava, pois a mãe não deixava e o marido não gostava, como assim relatou: *"Baile, nem pensar! E ele também não gostava, eu fui tão sem sorte que a minha mãe não deixava... e ele não gostava de baile."*

Confessou que conheceu aos quatorze anos o seu marido e ele foi seu único namorado. Aos dezesseis anos estava casada, assim como falou: *"...Me casei com 16. Por isso que eu digo que eu não tive infância."* Dona Lúcia sem oportunidades de explorar o meio em que vivia, pois este encontrava-se limitado as oportunidades que não tinha, disse que começou a ir à bailes quando foi para levar a sua filha. Afirmou que nunca foi uma mulher vaidosa e que quando casou, não era apaixonada pelo marido.

Já na sua vida adulta, Dona Lúcia Helena afirmou que o seu marido era doze anos mais velho do que ela, como assim falou: *"Eu me casei com dezesseis e ele vinte e oito. Ele teve um ano e tanto na guerra."* Com vinte e um anos, Dona Lúcia Helena já tinha três filhos: duas meninas e um menino. A última menina ela perdeu com três anos. Quando a questionei sobre o tempo que permaneceu casada, ela relatou: *"...me perguntaram esses dias quantos anos eu tive de casada. Eu disse assim eu tive quarenta e um ano, agora eu não sei se eu aturei ele ou ele me aturou. Nós se aturemo quarenta e um ano, porque tinha as esquisitices dele. Era um homem mais velho muito vivido"*. Completou dizendo: *"...Tinha as esquisitices dele. Mas deu para aguentar..."*

Por sua fala, a relação conjugal não trazia realizações pessoais. Como já estava acomodada com a vida que tinha na infância, da falta de liberdade e por ser dependente economicamente do marido, esta idosa acabou por viver quatro décadas ao lado de um homem que não proporcionava seu crescimento social e afetivo, apenas lhe garantia a sobrevivência. Observa-se de modo geral, através das falas das idosas entrevistadas, o quanto o casamento deveria permanecer intacto até a morte naquele tempo, mesmo que não trouxesse felicidade aos cônjuges.

Dona Lúcia Helena afirmou que tinha amigas nessa época e que na sua opinião foi feliz no casamento. Afirmou que gostava do marido, mas que vinha de uma vida muito restrita e que acabou se acostumando na vida de casada também. Disse que gostava muito de viajar e que só conseguiu realizar viagens depois que veio a ficar viúva. Uma das viagens que citou foi ao Rio de Janeiro, numa festa a convite do quartel à família dos ex-combatentes da guerra.

Viúva já a vinte e um anos, Dona Lúcia Helena relatou que ainda não era casada quando o marido precisou ir para a guerra. Quando o mesmo voltou, já encontrava-se com a saúde fragilizada, fazendo diversos tratamentos por anos. Tinha problemas sérios de pulmão, Mal de Parkinson e neuroses de guerra. Veio a falecer de câncer de pulmão.

Quando a indaguei sobre o seu papel de mãe, Dona Lúcia Helena assim afirmou: *"Olha eu criei eles, tem uns que tem me dado bastante trabalho, então o mais velho não se dá comigo... Com ciúmes do mais moço."* Disse que deve fazer uns quatro anos que não fala com

o filho. Desabafa muitas vezes com o padre que vai visitá-la no asilo, e diz assim: *"...ás vezes o padre que vem aqui e eu digo: olha padre se eu tivesse abandonado eles...tá. Todos eles saíram casados dentro da minha casa! Todos eles...Os três filhos viviam dentro da igreja."*

Quando fala no significado da família para o idoso, Zimerman assim acrescenta:

> Como em todas as fases da vida, também na terceira idade a família tem uma importância fundamental. Devemos, no entanto, considerar quem é a família do velho. Para um bebê, a família pode se resumir ao pai e à mãe. Para um adolescente, ela será ampliada, acrescentando-se irmãos, tios, avós, primos, etc. O mesmo acontece para o adulto jovem. À medida que vamos envelhecendo, vemos a família se alterando e, em especial, a posição de cada membro dentro dela. Os papéis vão se modificando e a relação de dependência torna-se diferente. Para o velho, a família passa a ser os filhos, os netos, os bisnetos e os outros parentes de idades inferiores à dele. Ele, que já teve filhos sob seu cuidado e dependência, agora é quem necessita de assistência e torna-se mais dependente. (2007, p.51)

Dona Lúcia Helena confirmou que antes do Asilo de Pobres morou por dois anos na Beneficência, que também abrigava idosos. Disse que não quis ficar morando em sua casa com o seu filho, pois o mesmo bebe e acrescentou: *"Nas últimas vezes ele tava meio violento, mais eu disse pra ele: não eu não vou te atura, pode parar, já vô."* Então, foi procurar pelo asilo para morar e afirmou gostar da comida e se dar bem no local. Conversa com todos, inclusive com as funcionárias, sem apresentar problemas de relacionamentos.

Enfocou muito durante as entrevistas, seus problemas de saúde. Dona Lúcia Helena fez três cirurgias de colostomia, que segundo ela, são necessárias para a retirada de tumores no intestino. Fez quimioterapias, radioterapias e disse que é diabética dependente de insulina. Abordou que assim se sente: *"Não é fácil. Eu sou uma escrava, a gente é uma escrava."* Pelo menos, confirmou ter um bom plano de saúde lhe dá subsídios para seus tratamentos.

Dona Lúcia Helena relatou ser da religião católica. Disse que durante os dias no asilo passa bem, que não se enjoa. Gosta de costurar e dispõe em seu quarto de uma máquina de costura. Recebe com frequência visitas de familiares e conhecidos. De vez em quando saí do asilo quando precisa cortar o cabelo, visitar a neta, então procura chamar um dos dois taxistas conhecidos seus.

A idosa se vê hoje como uma pessoa feliz, assim como afirmou: *"Eu acho que eu sou o mesmo, me sinto feliz. O que é que eu vou fazer?"* Disse que a pensão que recebe do marido é o suficiente para passar bem, sem dificuldades durante o mês, como assim narrou: *"O que meu marido me deixou, não sou rica e nem posso botar fora... Mais dá pra mim*

chegar no fim do mês." Ela sempre procura olhar para trás e percebe que tem pessoas em pior situação que a sua. Afirmou que a sua velhice começou a ser planejada no momento em que seu filho se separou, já que tinha uma forte ligação com a nora. Antes disso, só pensava em poder viajar na velhice e aproveitar o que não pode fazer enquanto casada.

Relatou que acredita sim existir discriminações com os idosos em nossa sociedade, embora não se sinta discriminada e não perceba essa realidade dentro do asilo. Afirmou também, que geralmente não sai do seu quarto para poder ter outras percepções. Valoriza como as coisas mais importantes da vida a paz e a saúde. Confessou que se arrependeu de não ter casado novamente, já que ficou viúva aos cinquenta e sete anos, mas que agora não pensa mais no assunto.

Tem como sonho nos dias de hoje poder melhorar sua saúde, para poder ter mais independência e determinar-se sozinha. Guarda como desejo poder ver a neta formada, se assim Deus permitir. Se pudesse voltar ao passado e mudar alguma coisa, assim faria: "*Não. Cria filho de novo não dá, única coisa que se desse não dava era meu marido né. Mais não tem, não tem jeito... Ele faz falta. A gente acha assim, bah...depois que morre é que a gente vê a falta que faz."*. Deixou de conselhos aos mais jovens três palavras importantes: honestidade, capricho e paciência. Pensa que com essas três qualidades sempre haverá um lugar reservado para as pessoas.

Dona Lúcia Helena declarou se sentir ressentida com os filhos, principalmente com a filha. Disse que os filhos deveriam lhe cuidar, já que ela cuidou de todos antes e nunca os abandonou. Reafirmou que sempre foi uma mãe carinhosa com eles. Nesse sentido, o sentimento de rejeição é referenciado por Celich et al quando assim escrevem:

> Na sociedade globalizada, o questionamento de valores, a confiança nos sistemas abstratos, a obsolescência e a descartabilidade de objetos, pessoas e relações, acompanhadas pelo desprezo, têm dificultado a adaptação de muitas pessoas a essas transformações, tornando o viver e o envelhecer uma experiência difícil para muitos, em especial para os idosos. (2008, p. 177)

Percebe-se o ressentimento desta idosa em relação ao seu pai, quando utiliza a palavra "abandono" algumas vezes em suas falas. Sua mãe não abandonou as filhas, ela por sua vez, não abandonou os filhos. Então, considerou sua mãe como boa para ela e ela se vê como uma boa mãe também, pois a relação de abandono não aconteceu em nenhuma dessas etapas. Mas é questionável se outros fatores tão importantes não foram desprezados na criação de Dona Lúcia, como por exemplo, a estimulação do pensamento crítico, da criatividade, da curiosidade tão existentes nas crianças e adolescentes.

Considerando a trajetória de vida de Dona Lúcia Helena foi possível analisar, as suas frustrações devido à criação que teve e a vida de casada que não a oportunizou expandir suas potencialidades enquanto ser individual e social. A este respeito, Freire aborda sobre a importância de o indivíduo estar inserido no mundo e constituindo-se gradativamente em sua vivência, sem a opressão que impede o ser humano de ser mais, quando assim escreve:

> [...]O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, a minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da História. (2000, p. 60)

DISCUSSÃO FINAL

Foi possível constatar, através das histórias de vida das quatro idosas, que apenas Dona Vera Maria e Dona Carolina, afirmaram ter tido uma infância tranquila e sem lembranças dolorosas do tempo em que eram crianças, embora seus microssistemas fossem bem diferentes durante a infância, já que a primeira idosa morou com sua família e a outra, viveu quando criança e parte da adolescência em um internato, sem os cuidados familiares. Nesse contexto, Bronfenbrenner (2002) afirma que diferentes tipos de ambientes dão origem a padrões distintivos de papeis, atividade e relação para as pessoas que se tornam participantes nestes ambientes. A influência do microssistema, que é a interação mais próxima que se dá entre a pessoa e ambiente, permitiu a Dona Vera Maria a construção de um comportamento mais crítico e reflexivo, enquanto que Dona Carolina, distante das relações afetivas e educativas da família, se manteve mais acomodada, objetivando apenas a sua saída do internato.

As outras duas idosas, Dona Eugênia e Dona Lúcia Helena, narraram sobre as suas infâncias, momentos de muita tristeza, como as dificuldades financeiras, o abandono paterno, a falta de carinho, perdas de irmãos, ausência de lazer e de brinquedos. As idosas que obtiveram mais oportunidades de estudar foram Dona Vera Maria, que conseguiu completar a 6ª série do ensino fundamental e Dona Carolina que estudou até a 4ª ou 5ª série, pois não soube afirmar com certeza sua conclusão.

As relações vivenciadas no ambiente escolar, embora por pouco tempo de acesso, contribuíram para que estas idosas adquirissem um desenvolvimento mais positivo. Considerando-se o mesossistema como um sistema de microssistemas, a escola foi mais um espaço social contribuidor para o desenvolvimento dessas quatro idosas, pois as inter-relações entre os contextos em que o indivíduo participa ativamente, onde são desenvolvidos novos papéis e atividades mais complexas, refletem no desenvolvimento e em suas aprendizagens. As idosas Dona Eugênia e Dona Lúcia Helena, conseguiram aprender com dificuldades a decifrar os códigos do letramento, não podendo assim, afirmar que foram realmente alfabetizadas. Conforme Soares a este respeito:

> [...]Sem dúvida, a alfabetização é um processo de representação de fonemas em grafemas, e vice-versa, mas é *também* um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito. Não se consideraria "alfabetizada" uma pessoa que fosse apenas capaz de decodificar símbolos visuais em símbolos sonoros, "lendo", por exemplo, sílabas ou palavras isoladas, como também não se consideraria "alfabetizada" uma pessoa incapaz de, por exemplo, usar adequadamente o sistema ortográfico de sua língua, ao expressar-se por escrito. (2005, p.16)

Percebe-se então, que para existir um desenvolvimento transformador nas pessoas junto ao ambiente em que estão inseridas, é necessário que ao longo do tempo e do espaço, suas mudanças e características se modifiquem também, assim como escreve Bronfenbrenner:

> Para demonstrar que o desenvolvimento humano ocorreu, é necessário estabelecer que uma mudança produzida nas concepções e/ou atividades da pessoa foi transferida para outros ambientes e outros momentos. Esta demonstração é conhecida como validade desenvolvimental. (2002, p. 28)

Na infância das quatro idosas o mesossistema que tem a ver com as inter-relações de dois ou mais contextos em que o indivíduo participa ativamente, de modo geral, foram as relações com a família e com a escola, sendo que para algumas das idosas, nem esses ambientes foram permitidos para conviver. Questão precária também ao falar do exossistema, onde os ambientes que não envolviam diretamente a infância dessas idosas, mas que afetavam seus desenvolvimentos eram quase que inexistentes. Concentravam-se nas relações precárias de trabalho das mães em geral e consequentemente, nas dificuldades financeiras que tinham para sobreviverem.

Bronfenbrenner, quando fala sobre desenvolvimento humano, assim refere-se:

> O desenvolvimento humano é o processo através do qual a pessoa desenvolvente adquire uma concepção mais ampliada, diferenciada e válida do meio ambiente ecológico, e se torna mais motivada e mais capaz de se envolver em atividades que revelem suas propriedades, sustentam ou reestruturam aquele ambiente em níveis de complexidade semelhante ou maior de forma e conteúdo. (2002, p. 23)

Desenvolver-se requer então, condições estabelecidas e conectadas entre as necessidades de cada fase da vida e as oportunidades disponíveis, para que possa ocorrer aprendizagens significativas. Em estrutura macrossitêmica, considerando os valores da época, foi possível afirmar que foram sonegadas oportunidades que despertassem enquanto crianças as questões culturais, religiosas, ideológicas como: a criatividade, o lúdico, a dialogicidade, a criticidade, a valoração da educação, da família, etc. Onde com isso, se houvessem, prepararia melhor para o exercício de experiências mais complexas e um melhor desenvolvimento. Vê-se que é importante que a criança tenha diversidade de ambientes ecológicos, não somente para deles participarem, mas também, para neles se modificarem e melhorarem. Ressalta-se aqui a importância de compreender todos os processos que envolvem o ser humano, seu desenvolvimento, suas interações que levam a sua evolução enquanto indivíduo social e afetivo.

Chama-se de exossistemas quando assim se refere a todas as informações que são passadas de forma indireta e que acabam contribuindo no desenvolvimento. Foi com o objetivo de contribuir para as descobertas teóricas e empíricas do desenvolvimento humano que Bronfenbrenner (2002) afirmou que a pessoa em desenvolvimento não é uma tábula rasa sobre o qual o meio provoca seu impacto, mas como uma entidade em crescimento, dinâmica que acaba por reestruturar o próprio meio em que reside.

Passando para a adolescência, Dona Vera Maria tinha como lazer apenas ir ao cinema, de vez em quando. Já Dona Consuelo, frequentou muito a bailes e começou a trabalhar aos quatorze anos, afirmando ter aproveitado bastante esse tempo. Dona Eugênia e Dona Lúcia Helena, reclamaram da falta de diálogo naquela época e da rigidez da mãe na criação dos filhos. Não havendo possibilidades de usufruírem de atividades sociais e também de relações afetivas mais próximas, as idosas mantiveram-se acomodadas, acríticas e passivas diante à vida.

Todas as entrevistadas casaram-se muito cedo, ainda na adolescência. Não tiveram oportunidades de ampliar os relacionamentos sociais, de estudarem e de obterem uma profissão. Essa era uma realidade muito distante naquela época, onde as mulheres viviam para

o lar. Dona Vera Maria e Dona Lúcia Helena confirmaram que seus maridos foram seus primeiros namorados. Todas foram mães muito cedo também. Trabalhavam apenas nos serviços domésticos, com exceção da Dona Eugênia que auxiliava o marido na chácara que tinham. A vida de casada oportunizou por um lado a estabilidade material que a maioria não tinha e ao mesmo tempo estagnou uma vida social que poderia ter se desenvolvido com mais qualidade do que as etapas anteriores. Mesmo assim, não houve declarações de infelicidade nos casamentos dessas idosas que se encontram atualmente, viúvas e sozinhas dentro da instituição.

As formas singulares de interação entre o organismo e o ambiente são os principais responsáveis pelo desenvolvimento que se dá ao longo do tempo, chamando-se de *processo,* conforme o modelo bioecológico. Conforme este modelo, as características pessoais exercem influência sobre os processos proximais, que são as relações mais complexas e próximas dadas entre os indivíduos. Para Narvaz & Koller: "[...] As características da pessoa são tanto produtoras como produto do desenvolvimento [...]"(2004, p.55).

Nesse sentido, foi possível observar na trajetória de vida dessas idosas que, vindas de uma infância e adolescência de poucas atividades sociais e afetivas, buscando estabilidade econômica na vida adulta, não criaram expectativas e nem sonhos de superação do modelo de vida oprimida que tinham. Casaram-se muito cedo e dentro da vida de casadas foram tolerando as diferenças conjugais, abrindo mão de oportunidades em prol do bem estar da família. As quatro idosas vindas de microssistemas, mesossistemas, exossistemas e macrossistemas singulares na infância e adolescência, mas de poucas oportunidades de desenvolvimento, mantiveram-se reproduzindo um contexto similar na vida adulta e na velhice.

Residindo dentro do asilo por "opção", estas idosas escolheram a instituição como alternativa mais viável em suas vidas. Não dão trabalho a nenhuma pessoa da família para cuidá-las, tem suas necessidades como a alimentação, saúde, limpeza dos quartos e outras atendidas, sem esforço pessoal para isso, já que são limitadas por causa da saúde. Em contrapartida, sentem-se muito carentes, com sentimentos de desvalia e desamor. Consideram a velhice uma fase muito difícil, pela solidão, pelas doenças, sem mostrar entusiasmo e objetivos para melhorarem suas condições. Apenas Dona Vera Maria disse estar a contragosto no asilo, por não ter outra solução, está lá por não haver saúde e não querer dar trabalho a alguém. As outras três idosas confessaram estar mais conformadas em residir na instituição.

Observa-se que há semelhanças no perfil social e afetivo destas idosas, que passaram por várias transições ecológicas no decorrer da vida, sendo o asilo a mais recente.

Quando há inserção pela primeira vez em um determinado ambiente, ocorre uma *transição ecológica*, pois há modificação no contexto e nos papéis e atividades desenvolvidas, conforme Bronfenbrenner (2002). Tendo atualmente o asilo como o microssistema, ou seja, o contexto mais próximo de desenvolvimento experienciados pelas idosas, deve-se levar em conta suas realidades não somente como ela são, mas também, como são observadas pelas pessoas.

Como aponta Bronfenbrenner (2002) os papéis, as atividades e as relações interpessoais influenciam no desenvolvimento psicológico do indivíduo. As relações entre duas pessoas estabelecem a ocorrência de uma díade, considerada por Bronfenbrenner (2002) como a estrutura mais simples e consequentemente, o contexto mais próximo do desenvolvimento humano. Uma relação pode acontecer através de uma simples observação (díade observacional) ou da participação, que é a inserção da pessoa em uma atividade (díade de atividade conjunta). Questiona-se aqui até onde são oportunizadas essas díades, seja por observação ou participação das idosas asiladas em atividades que proporcionem aprendizagens e desenvolvimentos?

Diante de tal questionamento e da inserção ecológica realizada, percebe-se as origens simples que tiveram todas as idosas, sempre dispondo apenas do necessário para sobreviverem e sem estímulos para que fossem desenvolvidas suas potencialidades. Os processos proximais que são as formas particulares de interação do organismo com o ambiente e que operam ao longo do tempo, foram precários. Não foram vivenciadas atividades que oportunizassem melhorar a qualidade em seus desenvolvimentos. Deve-se levar em conta, que os fatores genéticos também acabam por influenciar os processos proximais.

Assim, para Narvaz & Koller a teoria bioecológica referenciada por Bronfenbrenner (1979/1996) compreende:

> [...]Segundo o modelo bioecológico, há uma constante interação entre os aspectos da natureza e o ambiente, onde os aspectos hereditários da pessoas influenciam e são influenciados pelo ambiente. O ser humano é visto como um ser ativo, capaz de modificar-se e modificar o seu ambiente. Sobretudo a partir da reformulação realizada na segunda fase do modelo bioecológico, os aspectos que destacam o papel do indivíduo como um agente ativo de seu desenvolvimento ficam evidentes, o que revela a tradição racionalista, humanista e fenomenológica dos principais pensadores que influenciaram a teoria ecológica. (2004, p. 62)

No microssistema do asilo foi possível perceber a grande apatia que os idosos sentem pela vida. Falando particularmente das características das pessoas em estudo, entre as quatro idosas entrevistadas, as que se mostraram mais dinâmicas no dia-a-dia foram: Dona Eugênia e Dona Lúcia Helena, embora esta última idosa mantenha-se mais limitada em

função de sua saúde. Analisando seus comportamentos, pareceram ser mais extrovertidas, mais cuidadosas com seus pertencentes, consigo mesmas e apreciam a vida apesar das dificuldades que tiveram. Saem com mais facilidade do asilo, embora com ajuda de taxistas ou familiares, ampliando assim, suas visões de mundo e observando que a vida continua lá fora, além dos muros da instituição. O contato que mantém com seus familiares são bem mais frequentes, estimulando um comportamento mais positivo acerca da vida.

Enquanto que Dona Vera Maria com pouco contato com os filhos e Dona Carolina sem familiares, apenas com a afilhada, mantém-se com pouca interação, o que acaba por influenciar nos comportamento destas idosas, deixando-as mais tristes e desmotivadas na busca por dias melhores.

Examinando a influência macrossistêmica sobre o desenvolvimento humano destas idosas na instituição, nota-se a falta de planejamento da velhice na maioria dos casos. O asilo acaba por se tornar um refúgio mais seguro e cômodo para esses idosos e não uma escolha para condicionar uma qualidade melhor no envelhecimento. Pressupõe-se que há uma carência educacional desde a infância até a vida adulta para aceitar e direcionar a vivência nesta última fase da vida, visto que é tão sofrida para esta população. A este respeito, Bronfenbrenner sugere: "[...] Nenhuma sociedade pode se sustentar muito tempo a menos que seus membros tenham aprendido as sensibilidades, motivações e habilidades envolvidas na ajuda e no atendimento aos outros seres humanos." (2002, p.43)

Daí a importância de compreendermos o conjunto de crenças, valores, religiões, culturas e sub-culturas, ideologias que permeiam o cotidiano das pessoas e influenciam em seu desenvolvimento. Através do macrossistema, podemos interagir criticamente em nosso meio ambiente e transformá-lo em algo melhor. Lembrando sempre que em momento nenhum podemos separar a objetividade da subjetividade, pois, o ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico.

O modelo teórico de referência para esta pesquisa, que analisou as relações sócioafetivas de quatro idosas institucionalizadas no Asilo de Pobres de Rio Grande foi a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH). Tal modelo propõe o desenvolvimento humano bioecológico através da interação sinérgica de quatro núcleos relacionados: o Processo, a Pessoa, o Contexto e o Tempo (Koller, 2004), conforme capítulo já descrito nesta dissertação. Enfocando a importância das ações e interações do indivíduo com o meio ambiente, das aprendizagem para preservação, do equilíbrio e bem estar de todos em todas as fases da vida.

Trabalhar com a metodologia História de Vida e paralelamente referenciar com a proposta do Modelo Bioecológico de Desenvolvimento Humano enriquece os estudos fundamentos no ser humano. Busca-se através dessa teoria uma promoção na qualidade de vida das pessoas, levando sempre em conta suas histórias, seus contextos e os seus processos de desenvolvimento.

Nesse modelo teórico, para Narvaz & Koller:

> [...]as diferentes formas de interação entre as pessoas não mais são vistas como apenas função do *ambiente*, mas como uma função do *processo*, que é definido em termos da relação entre o ambiente e as características da pessoa em desenvolvimento. O novo Modelo Bioecológico propõe, então, que o desenvolvimento humano seja estudado através da interação sinérgica de quatro núcleos inter-relacionados: o Processo, a Pessoa, o Contexto e o Tempo. (2004, p.53)

Nesse sentido, registrou-se resumidamente as histórias de vida das idosas entrevistadas, suas relações com o ambiente e suas características biopsicológicas em desenvolvimento. A instituição como sendo o microssistema, ou seja, o contexto por onde permeiam as relações mais próximas da população pesquisada, deveria potencializar as capacidades e competências dos idosos residentes. Já que exercem influência sobre os seus desenvolvimentos, que continuam sendo construídos todos os dias e não concluído por se encontrarem na velhice.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a realizar um estudo a respeito da Educação Ambiental e as relações sócioafetivas de idosos institucionalizados na cidade do Rio Grande, considerando que os termos: idosos e educação ambiental, estão envolvidos. Sendo parte constitutiva da Educação Ambiental a reformulação dos valores humanos num processo contínuo de permanente aprendizado e de cooperação coletiva, vincula-se também, as questões sobre o envelhecimento humano. Os idosos estão relacionados com a educação ambiental num propósito de socialização permanente e de valorização humana, para que não se tornem vítimas do processo de exclusão social.

A educação ambiental tem por objetivos a promoção da qualidade de vida e a transformação social, estando ela comprometida em atender a conservação do meio ambiente e suas complexas relações, proporcionando a dialogicidade entre os indivíduos e instituições sem discriminações. Sendo indiscutivelmente, fator emergente este diálogo também na velhice, devido ao crescimento demográfico da população idosa na atualidade e seus impactos ambientais.

Diante da narração de suas histórias de vida, oportunizou-se o conhecimento de suas trajetórias e dos seus desenvolvimentos dentro do contexto asilado. Residentes na mesma instituição, dividem o mesmo espaço e a mesma rotina, mesmo assim, atingem graus diferentes de desenvolvimentos, pelos estímulos recebidos de acordo com as interações que estabelecem.

O objetivo principal da pesquisa foi avaliar se existe um desenvolvimento social e afetivo qualitativo dentro do Asilo de Pobres, onde os idosos estão inseridos. Sob a ótica ambiental e baseado no referencial teórico do modelo bioecológico do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (2002), as investigações foram minuciosamente analisadas pela autora o que permitiu um melhor entendimento sobre este cenário.

O asilo foi, em primeiro momento, observado pela autora que coletou informações administrativas e solicitou a indicação de dez idosos pela instituição que estivessem em condições físicas e psicológicas de atender à pesquisa. As informações daí advindas serviram de base para posteriormente, serem selecionados quatro idosos pela pesquisadora. As

conversas informais dentro da instituição, serviram de base para criar um ambiente mais propenso a desenvolver as entrevistas e enriquecer os dados obtidos durante a investigação.

Respondendo ao objetivo geral desta pesquisa, foi possível analisar que existe uma carência educacional dentro da instituição, ou seja, momentos que promovam e exercitem as habilidades dos idosos e suas potencialidades. Atividades que busquem aproximar as suas famílias e construir vínculos afetivos mais próximos. Talvez assim, sentindo-se mais úteis e amados, poderiam viver seus dias com mais entusiasmo pela vida, melhorando suas percepções e sentimentos a cerca de si e do mundo. Desenvolvendo novos papéis, teriam mais interações e consequentemente sofreriam menos por suas perdas e limitações advindas da velhice.

Atendendo aos objetivos específicos deste estudo, os quais serviram como critérios e indicadores na elaboração das entrevistas narrativas, do diário de campo e da análise temática dos quadros, buscou-se aproximá-los a realidade existente dos idosos e do própria instituição. Por ter sido trabalhado a metodologia história de vida, com entrevistas semi-estruturadas, não havendo um roteiro fixo de perguntas, procurou-se contemplar a proposta de investigação, tornando sempre flexível a escuta do entrevistado, considerando os dados mais pertinentes para este trabalho.

Respondendo aos objetivos específicos, ficou claro, como já mencionado anteriormente, a carência de projetos educacionais na instituição que favoreçam momentos que despertem a curiosidade, a criatividade dos idosos, evidentemente sempre respeitando suas limitações. Fazendo com que se sintam mais úteis, diminuindo suas carências afetivas e sociais, formando através das atividades de aprendizagem hábitos essenciais para a qualidade de vida.

Como foi possível concluir, duas entre quatro idosas conseguem se ausentar do asilo e conviver com outras pessoas em outros ambientes. De que maneira poder-se-á uma pessoa desenvolver-se sem relacionar-se em outros contextos? Diante disso, pensa-se que os idosos interagem muito pouco com a sociedade, ficando estagnados dentro de um universo que não possibilita acesso a informações, a troca de saberes e de experiências.

Diante de tudo que foi coletado, através das falas dos entrevistados participantes dessa investigação e também do referencial teórico pesquisado, foi possível observar os estigmas produzidos por comportamentos negativos de desvalia narrados pelas entrevistadas.

Sentem solidão, abandono, tristeza pelas perdas afetivas, pela falta de convívio familiar, pelas oportunidades que não foram aproveitadas, enfim. Dessa forma, o que se pode perceber foi a falta de planejamento para uma velhice melhor. Idosos que buscam ser mais independentes, que direcionam suas vidas em algo que lhes dê prazer e satisfação pessoal, consequentemente sentem-se mais valorizados e auto-estimados. Sem uma rotina de atividades na instituição, ficam sem objetivos, deprimidos e limitados em seus desenvolvimentos.

Através de tudo que foi coletado, das falas dos participantes dessa investigação, dos diários de campo, do referencial teórico elaborado pela pesquisadora, fundamentado nas idéias de autores que tratam da temática em pauta, sugere-se o seguinte: realizar tarefas que oportunizem ocupar o tempo dos idosos e mantê-los ativos, com rotinas adaptadas às suas condições físicas e psicológicas; promover novas aprendizagens como: espaços para leituras, para ouvir músicas, danças de salão, cursos de alfabetização, de informática e outros. Investir na qualidade de vida dos idosos institucionalizados, requer comprometimento não só da instituição onde estão abrigados e sim, de toda a sociedade.

Por ora concluindo, pode-se dizer que as relações sócioafetivas de idosos institucionalizados, deve abrir-se para espaços educativos que permitam recuperar a visão integral do ser humano, não só visando atender aos cuidados básicos de saúde e higiene, mas também favorecer qualidade nas suas interações sejam sociais e afetivas. Os idosos devem ser respeitados e incluídos socialmente, não pelo que possuem materialmente mas, pelo caminho que construíram e que ainda percorrem. Sendo um ser que continua se desenvolvendo é capaz perfeitamente de aprender, de ensinar, de escolher, de criticar, de amar, de sonhar e de ser feliz.

Referências Bibliográficas

ABRAMOWICZ, Mere. **Tempo de Ser: envelhecimento e a trama das interações sociais em um grupo de voluntárias.** In: **Longevidade:** um novo desafio para a educação. São Paulo: Cortez, 2001.

ARRUDA, Sulanita Caldeira.; LAGUNA, Izabel Cristina Pinheiro. **Grupo Terapêutico Compartilhar.** In: **Trabalhando com a Terceira Idade:** Trajetórias de Intervenção. Pelotas: Editora e Gráfica UFPEL, 2009.

ATAIDE, Yara Dulce Bandeira de. **História oral e construção da história de vida.** In: **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BERMUDES, Roberta. **Sensibilizando o "olhar" para o envelhecimento.** In: **Trabalhando com a Terceira Idade:** Trajetórias de Intervenção. Pelotas: Editora e Gráfica UFPEL, 2009.

BORN, Tomiko. **Cuidado ao Idoso em Instituição.** In: **Gerontologia:** A velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada. São Paulo: Editora Ateneu, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** Lembranças de velhos. 14ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BUENO, Francisco Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: FDT S.A, 1996.

BRASIL, **Estatuto do Idoso.** Lei 10.741. Brasília, 2003.

BRONFENBRENNER, Urie. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano**: experimentos naturais e planejados; trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2ª reimpressão. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

CACHIONI, Meire. **Quem educa os idosos**? Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade. São Paulo: Alínea, 2003.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. **Como as famílias brasileiras estão lidando com idosos que demandam cuidados e quais as perspectivas futuras? A visão mostrada pelas PNADs.** In: **Cuidados de Longa Duração para a População Idosa:** um novo risco social a ser assumido? Rio de Janeiro: IPEA, 2010.

CARVALHO, Valdecir de Fátima C.; FERNANDEZ, Maria Elida D. **Depressão no Idoso**. IN: **Gerontologia:** a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Editora Ateneu, 2002.

CELICH, Kátia L. S. et al. **A dimensão espiritual no envelhecimento com qualidade de vida**. IN: **Envelhecimento Humano:** múltiplas abordagens. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2008.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CORTELLETI, Ivonne A.; CASARA, Miriam B.; HERÉDIA, Vania Beatriz M. (Org) **O asilamento sob o olhar de histórias de vida.** IN: **Idoso Asilado:** um estudo gerontológico. Caxias do Sul, RS: Educs/Edipucrs, 2004.

COSTA, Geni de Araújo. **Corporeidade, atividade física e envelhecimento: desvelamentos, possibilidades e aprendizagens significativas.** IN: **Longevidade:** um novo desafio para a educação. São Paulo: Cortez, 2001.

CRISTOPHE, Micheline; CAMARANO, Ana Amélia. **Dos Asilos às instituições de longa permanência: uma história de mitos e preconceitos.** In: **Cuidados de Longa Duração para a População Idosa:** um novo risco social a ser assumido? Rio de Janeiro: IPEA, 2010.

DIAS, Cleuza Maria Sobral. **Possibilidades e limites no uso da abordagem (auto)biográfica no campo da educação ambiental?** In: **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HESS, Remi. **Momento do diário e diário dos momentos.** In: **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1272&idpagina

JOVCHELOVITCH, Sandra.; BAUER, Martin W. **Entrevista Narrativa**. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

MINAYO, M. C. S. (Org); DESLANDES, S.F.; CRUZ NETO, O . GOMES, R. **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: 10ª ed. Editora: Cortez, 2005.

NARVAZ, Martha Giudice.; KOLLER, Silvia H. **O Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano.** In: **Ecologia do desenvolvimento humano:** pesquisa e intervenção no Brasil. São Paulo: Caso do Psicólogo, 2004.

NERI, Anita Liberalesso (org). **Maturidade e velhice:** Trajetórias individuais e socioculturais. São Paulo: Papirus, 2001.

NERI, Anita e FREIRE, Sueli (Org). **E por falar em boa velhice**. São Paulo: Papirus, 2000.

NETTO, Matheus Papaléo e PONTE, José Ribeiro da. **Envelhecimento: Desafio na Transição do Século.** In: **Gerontologia**: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich Willhelm. **Ecce homo**: como alguém se torna o que é. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

OST, Mariana Afonso et al. **Aspectos Psicológicos do envelhecimento: um estudo com idosos fisicamente ativos.** In: **Trabalhando com a Terceira Idade:** Trajetórias de Intervenção. Pelotas: Editora e Gráfica UFPEL, 2009.

PASCHOAL, Sérgio Márcio Pacheco. **Epidemiologia do Envelhecimento.** In: **Gerontologia**: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu, 2002.

PORCIUNCULA, A. S.; LOURENÇO, Viviane V. **Asilo de Pobres: uma intervenção interdisciplinar. Monografia.** Rio Grande: FURG, 2005.

_____. **Aprendizagem na Terceira Idade. Monografia**. Rio Grande, 2008.

PORTO, Ivalina. **Interação do idoso no microssistema familiar**: a percepção dos familiares. Revista de Educação Ambiental da FURG – Universidade Federal do Rio Grande. p. 189 – 207, 2009.

PORTO, I. KOLLER, Sílvia H. **Violência contra idosos institucionalizados**. Revista PSIC da Vetor Editora. v.1, p.1 - 09, 2008.

PORTO, I. KOLLER, Sílvia H. **Violência na família contra pessoas idosas**. Revista Interações – Universidade de São Marcos. São Paulo, Brasil . V.XII, número 022, p.105 – 142, 2006.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento.** São Paulo: Editora Conexto, 2005.

TAUSSIK, Irene; WAGNER, Gabriela Peretti. **Memória explícita e envelhecimento.** IN: **Cognição e envelhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. 1ª ed. 18 reimp. São Paulo: Atlas, 2009.

VELASCO, Sírio Lopez. **Introdução à educação ambiental ecomunitarista**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2008.

ZIMERMAN, Guite. **Velhice**: aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Artmed Editora Sul, 2007.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto:_____
Pesquisador Responsável:_____
Telefone para contato do pesquisador(a): _____

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questão da pesquisa (*informar o problema específico da pesquisa*) é (*descreva de forma breve os motivos e a importância, etc.*)_____. A pesquisa se justifica (*justifique de forma breve a justificativa da pesquisa).* O objetivo desse projeto é (coloque o seu principal objetivo)_____. O(s) procedimento(s) de coleta de dados será/serão da seguinte forma: (*explicitar como serão coletados os dados: entrevistas, questionários, etc., e a freqüência que o(s) participante(s) será/serão requisitados*).
A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A) PARTICIPANTE:

Eu,_____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo _____. Fui informado(a) pelo(a) pesquisador(a)_____
dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo ( ) Não autorizo ( ) a publicação de eventuais fotografias que o(a) pesquisador(a) necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação ou tese.
Local e data:_____/_____/_____.
Nome:_____

Assinatura do sujeito ou responsável:_____
Assinatura do(a) pesquisador(a):_____

Asilo de Pobres - Diário de Campo - Data: 08/06/2010

Solicitei anteriormente a essa data, junto a secretaria do Asilo o nome de dez idosos que estivessem em boas condições físicas e psicológicas para atender esse estudo. Nesse dia foi o meu primeiro contato com os idosos com o objetivo de conhecê-los e convidá-los à participarem da pesquisa. Fui apresentada a uma moça que desempenha a função de técnica de enfermagem, na qual fez a triagem para selecionar os idosos que estivessem aptos para responder ao trabalho.

Tive a oportunidade de conhecer cinco idosos que constavam na listagem recebida pela secretaria do asilo, sendo que todos eram asilados, ou seja, idosos que pagam um salário mínimo para residir no asilo e contam com instalações coletivas no prédio. A primeira idosa que conheci não foi receptiva ao convite que fiz. Sua negativa de participar da pesquisa foi justificada por não gostar de lembrar do passado, pois segundo ela, foi um tempo muito sofrido. Devido aos seus problemas de saúde, ficaria muito nervosa com as lembranças dos filhos que perdeu e de outras pessoas queridas que já não existem mais.

O único idoso homem da listagem, disse que até participaria, mas não naquele dia. Justificou dizendo que não se encontrava bem para responder qualquer coisa. Voltei a procurá-lo em outro dia, mas foi bem claro dizendo que não queria participar. Então, continuei à procura de outros idosos que se sentissem a vontade para narrar suas histórias de vida.

As outras três idosas que conheci, aceitaram de imediato e já queriam que eu começasse a entrevistá-las naquele momento. Coisa que não fiz, pois precisava conhecer a todos primeiro, para então, selecionar de acordo com os interesses da pesquisa, os idosos que poderiam atender ao estudo. Expliquei individualmente a esses idosos que eu selecionaria apenas quatro deles, pois o trabalho exigia bastante tempo e não conseguiria terminá-lo se houvesse mais do que quatro histórias de vida para analisar. Que nesse dia, apenas estava me apresentando, conhecendo e convidando a participarem.

Foi possível observar ainda, o quanto os idosos se identificavam uns com os outros pelos mesmos sentimentos de tristeza, de queixas de saúde, de solidão, enfim... Aqueles com quem conversei informalmente, confirmaram espontaneamente que são bem

cuidados na instituição, mas que se sentiam muito sozinhos. Comparando suas vidas antes e agora, relataram que antes tinham suas casas cheias e que agora nem uma casa possuíam.

Darei andamento às apresentações no dia 12/06/10, onde serei apresentada a mais cinco idosos, agora pensionistas. São idosos que pagam um valor maior para residirem no asilo e que possuem mais privacidade, com quartos e banheiros individualizados. A partir desse dia, poderei selecionar ao critério dessa pesquisa os quatro participantes finais.

Asilo de Pobres - Diário de Campo - Data: 12/06/2010

Nesse dia conheci três idosas pensionistas, pois duas idosas da listagem não encontravam-se no asilo naquele momento. As três idosas que estavam presentes foram muito receptivas comigo e se prontificaram a colaborar com a pesquisa. Conversei com a primeira idosa na recepção da secretaria, pois a mesma estava aguardando por alguém para sair. Pareceu-me muito tranquila, bem distinta e educada. Disse que se precisasse poderia entrevistá-la.

A segunda idosa foi encontrada no seu quarto. Pude verificar sua deficiência auditiva, pois escutava televisão em volume alto e precisei repetir várias vezes o que falava para a mesma poder escutar. Seu ambiente estava desorganizado, assim como sua aparência. Apesar da dificuldade de conversar com ela, mostrou-se à disposição para me ajudar com os dados necessários para a pesquisa.

A terceira idosa e última presente no asilo nesse dia, também foi receptiva ao trabalho proposto e disse que embora não lembrasse de muitas coisas, por já estar velha, não se importaria de falar daquilo que lembrava. Percebendo algumas limitações físicas dessa idosa, pois utilizava cadeira de rodas, representava bastante lucidez e paciência ao conversar.

De posse de oito apresentações até a data, resolvi selecionar alguns idosos para dar início a coleta de dados, procurando conhecer os dois idosos que faltavam paralelamente as narrações sobre as histórias de vida dos selecionados.

O critério que utilizei na seleção dos idosos, começa pela divisão entre asilados e pensionistas. Tentei manter a mesma proporção, ou seja, dois asilados e dois pensionistas.

Principalmente para analisar as diferenças e semelhanças de suas vidas no asilo por essas distinções. Procurei escolher idosos com mais disposição para conversar e com maior lucidez, objetivando assim, o resgate mais fiel possível de suas memórias.

A primeira idosa selecionada, foi a Dona Vera Maria (pseudônimo). Ela praticamente implorou que a selecionasse pois adorava conversar e falar sobre sua vida. Dona Vera Maria é asilada, sua data de chegada nessa instituição foi: 16/08/2001. Sua data de nascimento é: 03/10/1921, nasceu em Santa Maria e segundo informações coletadas na secretaria do asilo, recebe pouca visitação. Muito extrovertida e simpática me cativou durante os encontros que se sucederam durante a minha inserção ao asilo. Dei início a sua narrativa no dia 19/06/10.

Asilo de Pobres - Diário de Campo - Data: 19/06/2010

Hoje fui a procura de Dona Vera Maria para iniciarmos o relato de sua história de vida. Cheguei por volta das 14:00h na instituição e fui recebida com muito carinho e alegria por ela. Embora, tivesse percebido que sua lucidez e desenvoltura para conversar estivesse menos eficiente do encontro anterior, mesmo assim, resolvi escutá-la. Então, conversamos sobre diversas coisas antes de começarmos os blocos de entrevistas. Esta idosa foi a mais receptiva de todas para participar desta pesquisa.

Durante a escuta atenta aos fatos da vida de Dona Vera Maria, de sua infância, mocidade e vida adulta, senti que a trajetória de vida dela foi muito boa. Como ela mesma narra nas entrevistas: “A infância foi ótima”, sua mocidade não houve muitos acontecimentos e sua vida de casada e com os filhos foi muito feliz.

Dona Vera Maria, divide o quarto com mais quatro idosas. O ambiente é úmido, móveis antigos, sem aconchego. Idosos deitados em suas camas no meio da tarde, tapados com cobertores sem perspectivas, foi o que mais me entristeceu. Apenas uma idosa recebeu a visita de um filho, no qual enquanto fazia a entrevista com Dona Vera Maria, eles se desentendiam em voz alta. O que pude escutar paralelamente a minha conversa com Dona Vera Maria é que existiam muitas diferenças e mágoas entre mãe e filho e com seus

familiares. A idosa reagia dizendo-se abandonada e o filho justificava a impossibilidade de convivência na sua casa.

Ambiente tenso, depressivo pelas posturas apresentadas dos idosos, emoções relatadas pela Dona Vera Maria afloradas pelas lembranças do passado... Nesse dia foi possível conversar sobre os três blocos de entrevista: infância, adolescência e adultez. Ficará para o dia 26/06/10 o bloco sobre a velhice. Então, agradeci pela companhia e confirmei minha presença na data referida para conversarmos mais um pouco. Saí de lá pensativa, aflita pelos conflitos vivenciados por cada um daqueles idosos, com vontade de proporcionar algo que lhes desse mais alegria de viver...

Asilo de Pobres - Diário de Campo - Data: 26/06/2010

Hoje voltei ao asilo para continuar a conversa com a Dona Vera Maria. A encontrei muito triste e apática. Tentei reanimá-la antes de começarmos a conversar. Depois de um bom papo informal, começou a me contar sobre a história de sua vida, particularmente sobre a velhice. Especificadamente, como chegou ao asilo, qual o seu sentimento em relação a vida, as pessoas, aos seus projetos de vida. Revelou que a velhice está sendo a pior fase, pois sentía-se muito triste e só.

Disse também que a maior alegria que poderia sentir está no filho lhe procurar. Seu filho mora na Bahia e não consegue falar com ele nem por telefone. Segundo ela, não a chamam quando o filho liga, mas segundo informações que obtive junto a secretaria do asilo, o filho nunca liga.

Esse foi mais um dia de confissões, de lágrimas, de sorrisos, de escuta atenta e de troca de afeto entre nós. Dona Vera Maria além de extrovertida, é muito crítica. Ela questiona tudo o que acontece em sua volta. Cada fato é conclusivo de uma opinião formada por ela. De senso prático e realista, está no asilo por falta de condições de morar com alguém, por ser dependente de cadeiras de roda e outras limitações, não querendo dar trabalho a ninguém. Disse que só sairá do asilo quando morrer.

Penso que é lamentável um perfil como Dona Vera Maria não ser aproveitado e potencializado em atividades para seu próprio benefício e da sociedade em geral. Sua

inteligência, sua criticidade, sua afetividade não são aproveitadas dentro da instituição. Minimizando assim, suas condições de ampliar-se socialmente.

Nesse dia conversando informalmente com outras idosas no salão, enquanto Dona Vera Maria tomava café no refeitório, conheci uma das idosas pensionistas que constava na relação recebida. Percebi que a referida idosa era muito extrovertida, que sentia-se muito a vontade para falar da sua vida. Foi bem receptiva ao convite de participante da pesquisa e disse que estaria a disposição. Comentei que havia a procurado antes, mas que não encontrava-se no asilo. Respondeu que sai frequentemente para visitar as filhas. Ficou faltando até o momento a apresentação de uma idosa pensionista, conforme a listagem recebida.

Asilo de Pobres - Diário de Campo - Data: 10/07/2010

Nesse dia fui a procura de Dona Carolina (pseudônimo) para conversarmos sobre a sua história de vida. Dona Carolina chegou no asilo na data: 22/07/2004. Nasceu em: 28/09/1922, na cidade do Rio Grande. Nota-se através dos relatos dela que sempre foi uma pessoa mais acomodada, menos crítica. Suas lembranças encontravam-se muito distantes, sem demonstrar emoções nos fatos lembrados.

Na verdade, em geral, os idosos residentes no asilo não revivem suas histórias e não conservam suas memórias. Passam os dias olhando para o vazio, para a televisão, para a janela, muitas vezes dormindo, interagindo pouco uns com os outros. Embora, esporadicamente aconteçam bailes e outros eventos que eles apreciam bastante, mas nada permanente em suas rotinas.

Dona Carolina foi muito objetiva no seu relato de vida, não especificando muito os acontecimentos. Geralmente fica sentada em uma cadeira de rodas ou com andador, e por várias vezes a encontrei dormindo sentada no salão. Existe uma apatia muito grande nessa população, poucos conservam a alegria de viver e estímulos para buscar algo que lhes proporcionem prazer. A grande parte do tempo é desperdiçada pelo ócio. O que torna suas vidas sem sentidos e geram sentimentos de desvalia por si e pela vida.

Nesse dia consegui finalizar todos os blocos da entrevista com Dona Carolina, mas fiquei de retornar para resgatar algo que possa lembrar a mais sobre sua vida e que não contou por esquecimento. Saí do asilo com muitos questionamentos em relação a inércia e estagnação com que vivem aqueles idosos. Como estabelecer relações sociais e afetivas se não são oportunizados momentos de escuta aos velhos, valorização do que foram e do que ainda são? Como inserí-los na sociedade se cada vez mais estão se distanciando dela, quando não são atendidos afetivamente pelos familiares e pela sociedade?

Asilo de Pobres - Diário de Campo - Data: 24/07/2010

Hoje encontrei a Dona Carolina muito calada, “encolhida”, não querendo conversar e dizendo que não lembrava de mais nada. Insistindo um pouco mais com ela, afirmou que falar de sua vida era muito difícil, já que tudo foi à muito tempo atrás. Disse que é difícil lembrar do passado.

Única visita que relatou receber com frequência é da afilhada que é sua tutora. Já que é viúva e seu único filho veio a falecer, não possui laços familiares mais fortes.

Quando percebi que não teria mais dados a coletar com Dona Carolina, fiquei observando o asilo e notei que naquela tarde de sábado quase não haviam visitações. Presenciei os idosos tomando café da tarde, com leite e pães na mesa, quietos.

Sinto que por mais que o sol apareça lá fora, dentro do asilo o dia continua cinza, frio, sem vida, sem luz, sem energia. A aparência de um prédio antigo, com decoração também antiga, num dia de inverno, aumenta ainda mais a tristeza daquelas pessoas que residem ali. Talvez se o ambiente fosse mais moderno, com cores mais alegres, com música, com outras atividades, a aparência daqueles idosos também fosse outra, muito melhor.

Aproveitando ao máximo o tempo permanecido ali, procurei pela Dona Eugênia (pseudônimo). Dona Eugênia é asilada e chegou no asilo na data: 02/10/2009. É natural do Rio Grande, nasceu em: 18/01/1932. Segundo informações na secretaria, recebe visitações com frequência.

Dona Eugênia fala muito e rápido. É uma senhora bem vaidosa, com uma energia bem mais elevada dos outros idosos entrevistados. Então, nesse dia, foi possível pela sua boa vontade e disposição, conversarmos sobre a sua história de vida. Muito sensível, ao falar de sua infância não conteve as lágrimas. Foi criada com muita dificuldade financeira e somente após casar-se é que conseguiu melhorar suas condições materiais.

Ao narrar sobre os acontecimentos de sua vida, Dona Eugênia vibrava com cada lembrança recordada, sorrindo ou chorando, suas recordações movimentavam seus sentimentos, suas lembranças tinham cor, cheiro, gosto. Tão difícil de encontrar emoções nos idosos, Dona Eugênia conservava em si suas dores, seus amores, seus medos, suas inseguranças bem vivas.

Conseguimos conversar sobre os quatro blocos preparados para a entrevista, mesmo assim, fiquei de procurá-la no próximo encontro, para resgatar alguma lembrança a mais. Confirmei que estaria presente no próximo dia 10/08/2010.

Nesse dia fui a procura da última idosa para conhecer. Consegui me apresentar e percebi suas limitações físicas também. Encontrava-se no quarto, deitada e com dificuldades de levantar. Então, logo após minha apresentação e convite, fiquei de retornar na data mencionada acima.

Asilo de Pobres - Diário de Campo - Data: 10/08/2010

Primeiramente fui ao encontro de Dona Eugênia para saber se tinha mais lembranças da sua vida para me contar. Ela repetiu algumas coisas que já havia me dito e convidou-me para conhecer seu quarto e seus pertences. Educadamente aceitei e fiquei surpresa com os cuidados que tinha com cada coisinha guardada.

Conversamos mais um pouco, pude apreciar fotografias antigas de familiares, marido, filhos e vislumbrar sua trajetória. Vi o quanto valorizava bonecas e percebi diante as suas narrativas as dificuldades que teve na infância, talvez por isso, conserve em seu íntimo desejos de menina.

Após, sem nada a acrescentar em sua história narrada fui ao encontro de Dona Lúcia Helena (pseudônimo). Mais uma vez, encontro-a deitada em seu quarto. Dona Lúcia Helena, começou a residir no asilo em fevereiro de 2010, é natural de Rio Grande. Muito agradável conversou comigo sobre tudo, desde sua infância até a fase que vivencia agora da velhice.

Notei que o seu quarto era muito mais confortável e aconchegante comparando as instalações dos outros idosos. Por ser pensionista, Dona Lúcia Helena possuía em sua residência: ar condicionado, microondas, refrigerador, telefone e tudo aquilo que proporciona conforto e facilidades no dia-a-dia. Seu quarto tinha banheiro individualizado e uma pequena cozinha equipada com utensílios domésticos.

O que mais Dona Lúcia Helena salientou durante nossa conversa nesse dia foram os problemas de saúde que tem. Tendo vários problemas como diabetes, câncer no intestino, hérnia e outros, isso acaba por ocupar um espaço bem considerável no seu dia-a-dia e em suas falas. Conforme seus relatos, a saúde é uma coisas mais importantes da vida.

Asilo de Pobres - Diário de Campo - Data: 30/08/2010

Encontro com os idosos novamente em horário do café da tarde. Quando cheguei a instituição percebi que alguns estavam dormindo sentados em frente à televisão no salão, outros no quarto também dormindo, outros pelos corredores sentados, inertes... Procurei a Dona Lúcia Helena para mais uma escuta sobre a sua história de vida, mas não houve nada além do que ela já havia relatado.

É difícil encontrar os idosos numa condição de alegria, de motivação, geralmente estão sempre “parados” no tempo e no espaço tão limitado do asilo. Percebi também, que eles oscilam emocionalmente. Passa da alegria para a tristeza, do sorriso para as lágrimas em um minuto de atenção recebida. Vejo todos sentados nas mesmas posições por um longo tempo e sinto que mantém essa mesma postura diante da vida, rígida, acomodada, desprazerosa.

Os dias de sol não iluminam os corredores do asilo. O clima é sempre gélido, frio, com pouca luz. Observo também, que a instituição está sempre bem limpa, organizada, assim como suas dependências: banheiros, refeitórios, os quartos, etc. Mas os idosos precisam mais

do que um ambiente organizado e limpo, isso é o básico. Precisam de visitações de familiares, da sociedade que pode trazer um conforto, um alento a esses dias e noites longas de solidão e abandono, na maioria dos casos. Precisam de uma rotina mais dinâmica, de novas aprendizagens para assim então, poderem sonhar, traçar novos objetivos, resgatar suas motivações pela vida.

Na verdade, sem uma disciplina diária, sem tarefas a realizar, os idosos ficam estagnados no tempo, perdendo a noção dos dias, perdendo o contato com o mundo, minimizando cada vez mais suas relações sócioafetivas. Limitando-se ao convívio social, esquecendo suas potencialidades, suas histórias e perecendo diante à vida. Essa geração de idosos asilados dessa instituição particularmente, precisam diversificar seus dias, serem estimulados por grupos de pessoas capacitadas para gerar motivação: psicólogos, educadores, gerontólogos, para então, através do resgate da auto-estima de cada um, poder melhorar a qualidade de vida dessa população.

FOTOGRAFIAS DO ASILO